

UMA FANTASIA SOBRENATURAL DE
EMERSON RIBEIRO

ENTRE VIDAS

O SUBSTITUTO | LIVRO I





UMA FANTASIA SOBRENATURAL DE
EMERSON RIBEIRO

ENTRE VIDAS

O SUBSTITUTO | LIVRO I



ENTRE VIDAS

LIVRO 1: O SUBSTITUTO



Dedico este livro à minha esposa Raquel, e a minha
filha Eduarda, por terem sido a minha maior
fonte de inspiração.

Também gostaria de dedica-lo à todos os amigos que perto ou longe me ajudaram
no processo.

Aos meus beta readers; Raquel Lucio, Claudia Henrique, Akiko Takano, Silvia
Simões e Natália Porcari.

E ao amigo e escritor Brunno Kretzmann por ter mostrado que seria possível.

Por fim e não menos importante, dedico a Deus,
a minha família e a todos que apreciam
o prazer pela leitura.

Revisão | *Kamile Girão*
Capa e diagramação | *Marina Avila*
Ilustrações | *Rômulo Mancin*
Ficha Catalográfica | *Claudia Henriques*

1ª edição - 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

R484e Ribeiro, Emerson
Entre vidas: o substituto / Emerson Ribeiro; Ilustrações de Rômulo
Mancin. – São Paulo: Wish, 2015.
208p. -- (Série Entre vidas; v.1)
ISBN: 978-85-67566-01-6

1 LITERATURA BRASILEIRA 2 SUSPENSE 3 ROMANCE 4 AVENTURA
5 TERROR 6 ESPIRITUALIDADE I Mancin, Rômulo II Wish III Título IV
Série CDD 23 th Ed. – B869.35

Editora Wish

www.editorawish.com.br
São Caetano do Sul - SP - Brasil
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor, quando não, inspirado em livros, séries, filmes e lugares que admira. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou não, é mera coincidência.

Sumário

Prólogo

Capítulo 1- Sangue e Chuva

Capítulo 2- Todos mudam, nada se esquece.

Capítulo 3- Além do que é palpável

Capítulo 4- A ambiciosa energia do poder

Capítulo 5- Entre céu e inferno

Capítulo 6 - Amor

Capítulo 7- “Eu julgo tu julgas”

Capítulo 8- “Água, peixe, morte e alma.”

Capítulo 9- “E nem tudo é trevas”

Capítulo 10- “Médium”

Capítulo 11- “Tinta e pena”

Capítulo 12- “A elegância da ganância”

Prólogo

– Sabe, Onze, nunca pensei que sua ganância fosse tão longe. Fomos criados justamente para contrariar esse seu propósito. Somos mediadores, criaturas fadadas a equilibrar a tênue linha entre o céu e o inferno. Você passou tempo demais na companhia daqueles pergaminhos proibidos e acabou se esquecendo disso. Pare, ainda há tempo...

– Não, Doze, não há tempo. A minha ascensão já começou e você se tornou uma ameaça. Não pretendia inicia-la pelo tão jovem, inteligente e honrado Doze, que sempre foi o mais próximo de mim entre os Treze do Conselho, mas vejo que nossas ideias se diferem neste momento. Eu realmente tentei fazer de você um aliado e lhe contei meus planos, e em troca o que você fez? Tratou-me como um louco!

– Comer as almas em vez de julgá-las é loucura! É realmente isso o que você pretende? – questionou Doze, evitando cruzar o olhar com seu agressor, enquanto tentava inutilmente se livrar das amarras invisíveis que prendiam seus pulsos e tornozelos.

– Não apenas as almas, mas destruir os Ceifadores também... E não tente se soltar, é inútil. Apreendi bem mais do que você pode imaginar, naqueles pergaminhos.

– Não vai adiantar. Assim que você me matar, um guardião se encarregará de encontrar alguém para substituir o meu posto.

– Calado! – esbravejou. – Você já falou muito, é hora de morrer e tornar-me mais forte! Essa será sua última e grande contribuição para o Conselho...

Com um golpe certo e rápido, Onze introduziu sua bengala de ponta afiada como uma espada no tórax de seu oponente. Doze gemeu e seus olhos perderam o brilho, abandonando seu último vestígio de vida.



Capítulo 1- Sangue e Chuva

“A partir do momento em que se nasce, começa-se a morrer e assim que se morre, se nasce outra vez.”

12:00. A sineta se fez ouvir por todo o prédio, e, o que antes era nada mais que corredores vazios e silenciosos, agora se tornava uma grande confusão de jovens e crianças correndo para chegar ao portão que dava para o refeitório da escola. Corriam tal qual presidiários ao terminar de cavar um túnel, como se tivessem acabado de ganhar a liberdade depois de anos de confinamento.

Em questão de minutos, o silêncio retornou à escola. As salas de aula agora exibiam carteiras vazias e disformes, o que lhes dava um ar de melancolia. De repente, o som de cliques de teclas revive novamente o local. Thomas abriu seu notebook e começou a buscar pelas atualizações de seus sites favoritos; ele o professor e, como a maioria dos professores, tem sua mesa localizada próxima à lousa. Com desagrado, abaixou a tela do computador; ainda não estava disponível o conteúdo que procurava.

Passeou os olhos pela lousa e sorriu ao lembrar como surgiu a ideia de passar aquela lição de casa. Ryan, um aluno alto, forte e de feição rígida, ao folhear o novo capítulo do livro de física, lançou uma pergunta que fez com que todos os colegas o encarassem com curiosidade, não pelo questionamento em si, mas sim por ele quebrar o silêncio. O garoto não era do tipo falante, a não ser, é claro, nas aulas de práticas esportivas, disciplina em que se sobressaía.

– Por que preciso estudar física? Para que a física serve? – sem nem ao menos erguer a mão, lançou as perguntas com um pouco de irritação. Thomas sorriu discretamente. Esse era o tipo de situação que o fazia se sentir vivo e desafiado como professor.

– Ryan, olhe à sua volta e tente imaginar o mundo sem a descoberta dos efeitos magnéticos produzidos pela corrente elétrica, ou sem a indução eletromagnética descoberta por Michael Faraday. Imagine um mundo sem qualquer equipamento elétrico ou eletrônico. Você consegue? – o aluno ficou confuso, mas balançou a cabeça. O professor prosseguiu: – Pense no raio-X, quantos de vocês já quebraram um osso?

Estou certo de que alguns aqui já passaram pela experiência. Então, você consegue imaginar o quão difícil seria consertar um braço quebrado sem a imagem proveniente do raio-X? E esse é apenas um exemplo da importância de se estudar física. Desde a lâmpada que vocês acendem até a forma como enviam e recebem mensagem de seus celulares, tudo isso só é possível porque a humanidade estuda como as coisas funcionam no mundo. Começou com o filósofo grego Aristóteles, tentando explicar o universo e os movimentos que observamos; depois veio Galileu Galilei com seu método científico; e isso evoluiu até os dias de hoje: carros pelas ruas, aviões cortando o céu e foguetes sendo lançados ao espaço – o professor sentiu a dúvida no ar, mas sabia interpretar aquelas expressões. Não era apenas dúvida, havia curiosidade também. Mesmo sendo um jovem professor, Thomas já aprendera que essa era a oportunidade ideal para ensinar. – *Padawans*, – disse, fazendo referência a um de seus filmes favoritos, – quero que façam uma pesquisa sobre o motivo para se estudar a física e preparem uma lista com dez itens que utilizamos hoje em dia que acham ser provenientes dela.

Entre os murmúrios que se seguiram, Thomas filtrou um “esse professor é o máximo”, assim como “por que o Ryan não fez o que faz de melhor: ficar de boca fechada?”.

12:00, a sineta tocou.

Quando a dobradiça da porta da sala rangeu, Thomas foi tirado imediatamente de sua imersão. A mulher que adentrou a porta era Rachel, a professora de inglês, uma jovem que havia se formado no mesmo ano que Thomas. Magra, alta, bonita e sorridente, estava sempre por perto, tentando arrastar o amigo para um lanche rápido. A moça tinha um sorriso que dava vida a seu rosto; era incrível como um pequeno movimento podia fazer com que sua face adquirisse uma bela expressão. Seus lábios ficavam constantemente entreabertos, o que lhe dava um aspecto inocente e delicado.

– E aí, Einstein, ainda não terminou? – ela provocou.

– Ainda não. Preciso corrigir algumas provas do segundo período. Sabe como são os jovens de hoje em dia, né?

– Sei sim. Podemos defini-los com uma única palavra: “ansiedade” – e, assim como chegou rapidamente, Rachel saiu com um sorriso brincando entre os lábios delicados. Thomas achou que o diálogo se encerraria por aí, mas, antes que pudesse ao menos soltar um suspiro de alívio, ela enfiou a cabeça de volta à classe, afirmando autoritariamente:

– Tenho ingressos para o cinema no sábado, e nem tente me enrolar com uma desculpa.

O jovem ficou sem reação. Manteve a boca entreaberta, intentando dizer alguma coisa, mas não pensou em nada. De qualquer forma, mesmo que arranjassem uma

resposta, não teria tempo para pronunciá-la, pois Rachel já estava no final do corredor, andando em direção à cantina.

Para dizer bem a verdade, as provas já estavam corrigidas e aquela não era a primeira vez que ele fugia de seus convites; Rachel que era insistente. Thomas preferia comer sozinho. Ele era assim, um rapaz solitário. Mudou-se da casa dos pais assim que ingressou na faculdade e, do campus, saiu para morar de aluguel no terceiro de um edifício de quatro andares, localizado no centro. Sua casa ficava a alguns quarteirões da escola, caminho esse que optava por fazer pedalando. Não havia sequer um lugar no mundo que Thomas gostasse mais do que de seu apartamento. Decorado a seu gosto, ostentava seu vício por filmes, videogames, arte, fotografia e livros. Nas paredes, pôsteres emoldurados, retratos de sua autoria, bonecos do tipo réplica dos seus personagens favoritos e muitas, muitas prateleiras com diversos livros, tudo muito bem organizado de forma simétrica. A simetria, porém, era uma espécie de transtorno obsessivo compulsivo, que o aterrorizava constantemente. Não chegava a ser algo que o controlasse, mas, sempre que tinha a oportunidade, reorganizava as coisas, não importando onde estivesse.

Sua única companhia era seu gato, Dexter, que ele resgatara de um bueiro dias depois de se mudar. Dizem que os cachorros podem sentir a presença de seus donos a quarteirões de distância e, por isso, correm para porta quando eles estão perto de chegar e ali ficam, balançando o rabo até que sejam presenteados com um cafuné na cabeça. Mas, e os gatos? Gatos, apesar de conviverem em harmonia com os humanos, não são como os cachorros. Não se pode dizer ao certo que sejam domesticados, pois agem de uma forma completamente livre e independentes, parecendo estar sempre conectados a outro mundo, como se enxergassem algo além do nosso. Gostam de carinho, mas valorizam muito mais a liberdade. Com Dexter não seria diferente. Assim que seu dono se aproximou da porta, seus olhos, que contemplavam algo além da janela, miraram em direção ao barulho dos passos. A chave girou, a porta se abriu e, em um pulo, Dexter saltou da janela e atravessou a sala. Em segundos, estava sobre o balcão da cozinha, já que era ali onde recebia sua tigela de ração. Thomas entrou, pendurou o casaco e olhou sorrindo para o animal.

— Olá, meu amigo. Como foi seu dia? — acariciou o pelo do gato e, em seguida, serviu sua comida. Ignorando o silêncio do bichano, continuou: — Em resumo, o meu dia foi bem legal. As crianças colaboraram, apesar das notas estarem abaixo do que eu esperava... — ponderou. — Não sei ainda, mas acho que vou ter de proibir o uso de tecnologia durante a aula. Receio que isso esteja desviando a atenção deles. A turma do segundo período, dos mais velhos, está naquela idade em que começam as paqueras, então o fluxo de mensagens e acesso a redes sociais tem aumentado. Isso me preocupa — o gato encarava o rapaz como se estivesse entendendo exatamente o que ele dizia.

Thomas agora estava no fogão, preparando macarrão instantâneo e ovos mexidos. Dexter continuava sobre o balcão, acompanhando os movimentos do dono e parecendo gostar do papo. Porém, algo o fez novamente encarar a janela e, quando se preparava para saltar e tomar seu lugar de gárgula, parou ao ouvir o nome Rachel. Recuando do salto, fez um movimento peculiar com o bigode e voltou a encarar o dono, ao mesmo tempo em que lambia a pata dianteira esquerda.

– Ela me convidou pra almoçar, estava mais linda que nunca. Ah, aquele cabelo! Parece que, toda vez que eu a vejo, tudo fica em câmera lenta; eu recusei, você sabe o motivo, não posso me aproximar – Thomas suspirou. – Mas agora estou enrascado! Nessa de enxergar tudo em câmera lenta quando estou com ela, não consegui fugir de seu convite para ir ao cinema no sábado. Me diz aí, Dexter, como você se desvia das gatinhas? – sorriu melancólico para o gato, pegou o controle da TV e se acomodou no sofá. Dexter, por sua vez, voltou à janela, mas desistiu de verificar o que havia lhe chamado atenção. Ficou encarando seu dono por mais um momento e se deixou levar pela atração que estava sendo transmitida.

*

Longe dali, cerca de uns sete quarteirões, um homem agonizava estendido no chão, sentindo o calor de seu corpo esvaír. Enquanto lutava contra o frio que o dominava aos poucos, pensava em sua esposa, em sua filha e até mesmo em seu cachorro, que, a essa hora, já estariam preocupados com sua demora. A dor forte em seu peito havia passado e, agora, não sentia nem mesmo seus pés e braços. A única coisa que ainda percebia era seu sangue, que escorria quente pelo pescoço e formando uma pequena poça no chão.

Seu rosto, parcialmente coberto pelo próprio sangue, estava disposto em um estranho ângulo. Tinha a impressão de que o fluido virara cola e fixara sua cabeça ao chão, porque, ainda que tentasse com todas as suas forças, não conseguia virar o rosto. A verdade, porém, era que ele estava imóvel. Ao perceber esse fato, sua vista começou a embaçar; talvez pelas lágrimas que escorriam, talvez pela aproximação da impiedosa morte. Apesar de tudo, ainda visualizava o homem que o atacara. O assassino permaneceu ali, dentro do seu campo de visão, mexendo nas coisas que roubara. Revirava a valise desesperadamente, esperando que seu plano não tivesse sido em vão. Passou um bom tempo aguardando a vítima certa; afinal, alguém bem vestido e com aparência de homem de negócios deveria ter dinheiro e pertences de valor.

– Seu desgraçado! – gritou o ladrão. – Não acredito que não tenha nada de valor nas suas coisas! Sabe por quanto tempo esperei alguém passar por aqui?

Em meio a ofensas e socos no chão, finalmente encontrou a carteira da vítima. Havia nela algum dinheiro. Antes de descartá-la, o ladrão se viu olhando para uma foto

de tamanho significativo, em que uma garotinha de aproximadamente seis anos e uma jovem mulher o encaravam. Em seu íntimo sabia que aquela era a família da vítima, e, por um segundo, sentiu remorso. Jogou a carteira o mais longe possível, como se isso o livrasse do sentimento de culpa. Levantou-se e, rapidamente, afastou-se do corpo estendido no chão. Receoso, saiu da viela e ganhou a rua.

Nesse momento, a vítima lançou um último olhar e acompanhou seu carrasco até onde seu campo de vista permitia. Encarava agora o atalho que nunca antes havia pego e que, por ironia do destino, resolvera se aventurar na tentativa de não se atrasar ainda mais para o aniversário da filha, já que, naquele dia seu chefe o prendera até mais tarde no trabalho, não se importando com o presente de aniversário que o funcionário deixou o dia todo sobre a mesa.

À meia-noite, a morte o levava.

O silêncio foi quebrado por uma densa chuva. As gotas caíam pesadamente, batiam no sangue e o respingavam no rosto pálido e de olhar vidrado do homem morto. Um vulto se aproximou e abaixou-se sobre o corpo, como se fosse levantá-lo. Sua mão, no entanto, atravessou o peito do cadáver, segurou algo e puxou com força. O homem estava novamente em pé, mas seu corpo continuava no chão, empoçado em sangue, molhado pela chuva e imóvel como pedra. Confuso, desorientado e incrédulo por ver a si próprio ali, morto no chão, o homem não acreditou que aquilo realmente fosse possível. No intuito de tentar entender o que havia acontecido, olhou à sua volta em busca de explicações. Porém, com exceção de um gato pardo que o encarava no canto mais escuro, não viu ninguém na viela. Voltou o olhar para o chão na esperança de encontrar algum tipo de pista, mas só viu as pegadas do seu assassino, que iam até o final da via.

O sangue agora, com a ajuda da água da chuva, espalhava-se em torno do corpo e escorria pelo bueiro.



Capítulo 2- Todos mudam, nada se esquece.

“O que pensamos sobre as situações, mais do que as situações em si, é o que produz os sentimentos.”

-Raquel Lucio de Araújo.

Thomas despertou ao som da Marcha Imperial, uma música conhecida entre pessoas como ele, fãs de ficção científica. Tateou o criado mudo em busca do celular, silenciou o aparelho e só então criou coragem para abrir os olhos. Fez uma careta ao lembrar que precisava procurar por Rachel naquele dia e rejeitar seu convite para ir ao cinema, mas sobre qual pretexto? Martelou as ideias, procurando desesperadamente por uma desculpa que não soasse como mentira. Seguiu preocupadamente em direção ao banheiro, desejando que um bom banho lhe trouxesse uma solução genial; mas, assim que passou pela sala, abandonou seus pensamentos ao notar a janela entreaberta.

– Dex deve ter passado mais uma noite entre um telhado e outro. Graças a Deus aqui não tem telhado, não suportaria ouvi-lo namorando e farreando a noite inteira – refletiu.

Ainda observando o topo das residências lá fora e a chuva, que se prolongou durante toda a noite e parecia não ter hora para parar, Thomas debruçou-se na janela. Desviou o olhar para baixo e observou as pessoas transitando com seus guarda-chuvas na rua. Era uma bonita visão, aqueles círculos coloridos indo e vindo, contrastando com aquela cidade velha e cinzenta. Em meio à estranha dança de cores e tons, visualizou um casal e voltou a pensar sobre a desculpa que precisava inventar para Rachel. Suspirou demoradamente e saiu pela sala, resmungando com uma leve irritação:

– Até meu gato namora...

Resolveu deixar a janela aberta para que Dexter retornasse ao apartamento. Não achava correto limitá-lo a alguns metros quadrados e privá-lo de todas as aventuras que um gato poderia ter.

Alguns minutos depois, o professor já estava descendo as escadas do edifício. Resolveu tomar um táxi porque a chuva o impossibilitava de ir de bicicleta. Por sorte, assim que pisou na calçada, avistou o carro amarelo com faixa xadrez nas laterais.

Sinalizou com a mão e, quase que automaticamente, o veículo parou.

– Bom dia! – cumprimentou o taxista, um senhor aparentemente na casa dos sessenta anos, com um olhar simpático que casava perfeitamente com aquela boina italiana.

– Bom dia!

– Qual será nosso destino, meu rapaz?

– Colégio Klaus Phillips, por favor – o homem engatou o carro que se pôs a andar novamente. Nesse momento, o motorista aumentou um pouco o volume do rádio, e uma música ao estilo tarantela findava numa nota animada. Isso confirmou a suspeita de Thomas sobre a descendência do taxista.

– Droga! Eu sempre perco essa música – reclamou o velho, desanimado.

– Lei de Murphy.

– Lei de quem?

– Lei de Murphy, senhor – sem perceber, lá estava Thomas, tratando o taxista como se fosse um de seus alunos. – Há algum tempo, existiu um físico chamado Edward A. Murphy Jr. Ele desenvolveu um sensor que media a quantidade de impacto gravitacional que um homem poderia aguentar. Isso porque o departamento de testes da Força Aérea de Edwards na Califórnia estava desenvolvendo uma espécie de foguete e precisava desses dados a fim de não matar o piloto, ou pelo menos não causar tantas sequelas, como acontecia na maioria dos experimentos feitos com humanos. O primeiro teste deu completamente errado, e existiam somente duas formas de instalar o sensor: da maneira correta e da incorreta. Os quatro sensores utilizados foram montados de maneira incorreta, proeza essa que fez com que Murphy esbravejasse com os colegas, atribuindo a responsabilidade ao técnico responsável e acrescentando: “Se há duas formas de se realizar uma coisa e uma delas vai resultar em um desastre, é assim que *ele* vai fazer”.

O velho taxista gargalhou. Thomas prosseguiu:

– Depois disso, não precisou de mais nada, a Lei de Murphy começou a aparecer em publicações aeroespaciais e logo depois caiu na cultura popular. Inclusive, virou um livro na década de 70.

Percebendo que ainda assim o homem estava confuso, Thomas continuou:

– Imagine que o senhor está em um congestionamento gigantesco e não vê a hora de chegar logo em casa. Para sua profunda tristeza, olha ao lado e vê que todas as faixas parecem estar andando, menos a sua. Você então muda de faixa, mas, assim que passa para outra, os carros param. Com o carro parado, você nota que as demais faixas, incluindo a que você acabou de abandonar, estão andando, a contrário da sua. Basicamente isso, seria a lei de Murphy: se há a possibilidade de algo dar errado, vai dar errado.

Agora o velho gargalhava mais alto ainda

– Acredite, meu jovem, isso sempre me ocorre.

Os dois deram risadas. Com o fim da conversa, a atenção do motorista e do passageiro voltou para o rádio, no momento em que uma voz ríspida anunciou:

“Nessa madrugada chuvosa, um homem foi assassinado na travessa do Almirante. Encontrado com um profundo corte no pescoço, o analista de sistemas de 38 anos, funcionário de uma empresa de telecomunicação local, retornava do trabalho em direção a sua casa, que fica a apenas quinze minutos do local onde foi encontrado. Vítima de latrocínio, teve uma morte sofrida: segundo os policiais que recolheram o corpo, aquele corte não o matou na hora, provavelmente o fez sangrar por algum tempo. Em relato, a esposa disse ter encontrado o corpo ainda no local. Conta que estava estranhando a demora do marido, e além disso, percebeu que ele não atendia o celular, o que a motivou a procurá-lo. À algumas quadras de casa, encontrou uma multidão, uma mistura de medo e preocupação a impulsionou, fazendo-a adentrar a turba e se deparar com a imagem do cônjuge morto. Caiu sobre seu corpo e ali permaneceu em prantos até que a polícia a encaminhasse ao hospital. As autoridades continuam sem pistas sobre o assassino.”

– Minha mãe costumava dizer que, para morrer, basta estar vivo. E ela estava certa. Hoje em dia, o mundo está de ponta cabeça; a vida vale menos que alguns trocados – o motorista olhou pela janela. – Bem, chegamos – agradeceu o pagamento e, antes de seguir adiante, acenou para o professor: – Cuide-se! Você foi uma boa companhia e me parece ser um bom rapaz.

– Obrigado – agradeceu Thomas, acenando de volta e praticamente já dentro do colégio.

No interior da escola, a primeira pessoa com quem o rapaz se deparou foi o faxineiro.

– Olá, Roger!

– Olá, Sr. Thomas! Chegou cedo hoje heim.

– Bem, essa chuva me obrigou a deixar a bicicleta em casa e vir de táxi, o que me fez economizar alguns minutos. Tenha um bom dia, Roger.

– Obrigado, senhor. Um bom dia para você também.

Geralmente, Thomas chegava por volta do início da aula. Passava rapidamente pela sala dos professores, pegava um café e se dirigia para sua sala, mas, dessa vez, foi o primeiro professor a chegar. O café já estava pronto, Sra. Molly, a copeira, era muito eficiente: chegava bem cedo na escola e fazia um ótimo café. Seu nome fazia Thomas se lembrar de um livro muito especial que lera na infância e que, por mais incrível que

parecesse, a Sra. Molly tinha os cabelos ruivos tal qual a personagem do livro.

De costas para a entrada da sala, Thomas quase derramou seu café quando alguém chegou de repente.

– Olá, Sr. Webber.

– Olá, Sra. Adsson. Tudo bem? – Thomas nunca se acostumou com alguém o chamando pelo seu sobrenome, Webber. Sempre lhe dava a impressão de estar sendo reprimido, ainda mais quando a diretora da escola o chamava dessa forma.

A Sra. Adsson era uma mulher de poucas palavras, porém educada. Cumprimentava a todos mesmo que, na maioria das vezes, sequer olhasse para a pessoa. Sempre muito ocupada, passava a maior parte do tempo em seu escritório que, com a exceção da sala do inspetor Shane, era o local mais temido pelos alunos. A diretora tinha uma postura rígida e não perdoava mau comportamento e qualquer tipo de delito. Sua punição vinha rapidamente e, na mais branda de suas medidas, suspendia o aluno após comunicar o fato aos pais. Contudo, sua fama não ficava somente entre os estudantes; seu pulso também era firme com os professores. Costumava dizer que os melhores resultados provinham de uma boa administração.

Thomas estava quase saindo de mansinho da sala dos professores quando a Sra. Adsson se virou e, para seu espanto, o encarou.

– Professor, ouvi falar que suas aulas são excelentes, meus parabéns. Ajudei minha filha com a lista dos dez itens, espero que isso não tenha prejudicado sua didática.

– De maneira alguma, Sra. Addson, muito pelo contrário. Acredito que os pais tenham papel fundamental na educação dos filhos.

– É disso que estou falando! – a diretora ergueu o copo, apontando o dedo para o professor com um olhar de águia – Família é a base de tudo! O senhor tem filhos?

– Ainda não, mas quem sabe um dia. Agora preciso ir, tenho uma classe eufórica querendo apresentar seus trabalhos. Inclusive, a pequena Sunny deve estar morrendo de vontade de apresentar a lista. Ela é sempre muito participativa. Com licença! – e saiu, deixando a diretora, que ainda mantinha sua mão no ar, ponderando suas próprias palavras.

“Família...”. A Sra. Addson suspirou e se deixou cair no sofá.

Thomas saiu da sala dos professores, passou pelos corredores e adentrou sua sala. – Bom dia, *Padawans*! Vamos começar mais uma aula? Todos trouxeram o que eu pedi?

Desse instante em diante, foi um alvoroço só. Todos os alunos queriam mostrar o que acharam sobre a importância da física e suas diversas aplicações. Um por um, começaram a apresentar seus resultados. Quando chegou a vez do último estudante, já estava quase no fim da aula.

O professor se levantou e com satisfação sorriu para a classe.

– Estou muito feliz com os resultados desse trabalho. Vocês se empenharam bastante e acredito que aprenderam bem mais do que com uma aula expositiva. Vamos tentar fazer isso mais vezes.

Ao meio dia, a sineta libertou os alunos para o intervalo, e Thomas foi até a sala dos professores, e permaneceu trabalhando em seu notebook. Parou por um instante o que fazia e encarou a porta. Esperava que, a qualquer momento, Rachel aparecesse, trazendo alguma novidade; compartilhando algum assunto que assistira na TV ou simplesmente fofocando sobre o divórcio da diretora com o inspetor. Mas a porta continuou fechada.

Encarou o teto e pensou se aquilo era saudade. Sempre foi assim: Thomas tentava evitar Rachel, porém ela sempre dava um jeito de passar alguns minutos ao seu lado e, desses momentos, ele não conseguia fugir. Seu pensamento viajou longe, até chegar naquela recordação que, a todo custo, tentava esquecer. No entanto, era impossível, a lembrança vinha como um filme.

Lá estava Thomas em seu primeiro semestre da faculdade, animado e motivado. No entanto, algo de surpreendente havia acontecido: uma garota tinha se mostrado interessada nele. Mandou e-mail e até um recadinho em papel, que passou por várias mãos até chegar às suas:

“Querido Thomas, acho que chegou a hora: não aguento mais te ver e não poder te beijar. Encontre-me hoje no intervalo, entre a primeira e a segunda grade de aulas, embaixo da árvore, ao lado da quadra.

Com amor, Rachel”.

Se fosse hoje, Thomas sem dúvidas teria recusado. Afinal, não era lá muito bonito e, naquela época, era bem o oposto disso. Magrelo e desengonçado, usava os óculos herdados de seu avô, já que seus pais resolveram economizar ao invés de comprar uma nova armação. Além de serem grandes e com um aspecto velho, os óculos haviam quebrado ao meio, mas se mantinham firme graças a um remendo de fita crepe.

Em resumo, Thomas não era o garoto que as meninas escolhiam para namorar, exibir para as amigas e apresentar aos pais. Contudo, era um rapaz inocente e inteligente, porém não o bastante para trabalhar esse tipo de situação. Estava sempre com a cara enfiada nos livros, talvez por isso acreditasse em romances e em finais felizes. Mal sabia que o que lhe aconteceria era algo totalmente o contrário do que imaginava.

E lá estava ele, no local indicado pelo bilhete. Tinha se arrumado da melhor forma

possível, o que não era grande coisa: apenas usava uma camisa nova e havia penteado o cabelo – o que o deixou estranhamente parecido com um gato molhado. Suava frio e sentia o coração acelerado, batendo quase na boca. Suas mãos também estavam inquietas – ora as deixava no bolso, ora as esfregava. Não sabia o que fazer, não estava acostumado com esse tipo de situação. Na escola, nunca teve um namoro sério, mas, quando entrou na faculdade, decidiu que as coisas seriam diferentes; mudaria seu comportamento e encontraria uma garota legal e, se possível, bonita.

Em seus livros de contos e romances, sempre fantasiava uma protagonista com aparência semelhante à de Rachel.

A moça tinha um sorriso que iluminava, pela clara e sedosa, curvas atraentes e um olhar hipnotizante. Quando andava, seu cabelo longo sempre esvoaçava, como se para emoldurar seu rosto angelical. E, de repente, aquele anjo estava ali, na frente de Thomas:

– Oi! – saudou Rachel.

– Olá! Er... Você está, humm, linda hoje, sabia? – disse o rapaz, nervoso.

– Obrigada!

– Não que em qualquer outro dia você não esteja, é claro – Thomas continuou sem saber onde colocar as mãos, e agora sofria com uma coceira infernal atrás da cabeça. – Não sabia que seus amigos viriam. – disse, desviando o olhar da estudante para o grupinho de umas oito pessoas que, agitadas e risonhas, davam socos de leve uns nos outros como se quisessem evitar de cair na gargalhada.

– Eles estão sempre comigo – Rachel virou a cabeça para o grupo. – Tem algum problema?

– Não, claro que não – no íntimo, Thomas estava morrendo. Sentia seu estômago revirar, e seu corpo em calafrios clamava por sair correndo dali e entrar no banheiro mais próximo. O grupo que os observava era formado basicamente pelos alunos mais populares da faculdade, incluindo Todd, o jogador responsável pela conquista do último campeonato de futebol americano; Sandy, Ana, Sabrina e Jeniffer, líderes de torcida da equipe de basquete de Ralf, Derek e Leonard.

Seu coração acelerou ainda mais quando Rachel o mandou fechar os olhos. Thomas obedeceu e sentiu as mãos da moça segurarem seu rosto. Ela as manteve ali por um instante e, depois, as desceu para o peito do rapaz. Thomas sentiu lábios em seus lábios, língua em contato com sua língua e, por fim, o beijo quente. Começou a corresponder ao beijo, e a coisa foi se intensificando. De repente, algo estranho aconteceu. Sentiu que a moça o lambia e de forma cada vez mais frenética. “O que está acontecendo?”, pensou por um instante. Agora ela estava lambendo seu nariz! Assustado, abriu os olhos e não acreditou no que viu: Rachel estava abaixada, ainda com a mão em seu peito, enquanto Todd segurava um cachorro a um palmo de distância

do seu rosto, que latiu no momento que Thomas o visualizou. Sandy tirava fotos do episódio e os demais universitários, que antes estavam em silêncio, se acabavam de tanto rir.

Esse episódio teve uma incrível repercussão na faculdade. Todo mundo recebeu as fotos por e-mail, compartilhando-as de celular em celular. A vergonha de Thomas se espalhou, ganhando proporções gigantescas. Ele sabia que existia esse tipo de gente na faculdade, porém nunca imaginou que isso acontecesse com ele. Foi um trauma tão grande que o afetou até os dias atuais. Na época, isolou-se e passou a evitar qualquer contato, amizade ou coleguismo, com exceção do seu amigo Lukas. Quanto a Rachel, nunca mais quis olhar para a moça. Ela o procurou algumas semanas depois, mas Thomas a deixou falando sozinha. Mesmo assim, a jovem lhe mandou um e-mail, dizendo estar extremamente arrependida e alegando que não sabia de todo o plano, apenas de que precisava levar o rapaz ao local indicado e iludi-lo com a história do um beijo. Afirmou que queria entrar para a equipe das líderes de torcida e aquele seria seu rito de passagem. Thomas leu e apagou o e-mail. Esse foi o último contato entre eles na faculdade.

Depois de um ano sendo motivo de piadas, finalmente se viu livre de tudo aquilo ao chegar ao segundo ano da faculdade. Para sua paz e alívio, o complexo de física ficava do outro lado da cidade. Quando se formou, começou a lecionar na Klaus Phillips. Descobriu o colégio muito antes de Rachel e, quando a moça entrou na escola como professora, Thomas quase enfartou ao encontrá-la na sala dos professores. Para sua surpresa, Rachel não demonstrou lembrar-se dele - talvez porque a aparência do rapaz estivesse bem diferente daquela de seis anos atrás. Thomas ganhou um pouco mais de massa muscular e usava agora um penteado discreto e lentes de contato, deixando de lado aqueles horrorosos óculos.

Thomas acreditava que as pessoas podiam mudar, mas nunca viu alguém se transformar tanto quanto Rachel. Tinha-a como uma espécie de vilã, como Lucy Liu em um dos filmes do Quentin Tarantino: linda, porém letal. Desejava ele também ter esquecido todo o constrangimento pelo qual passou. Será que um dia poderia perdoá-la? Será mesmo que ela mudara?

Fazia três anos que ambos trabalhavam juntos. Porém, foi no último ano que as coisas se complicaram. Rachel se separou do namorado assim que entrou na escola. Médico, residente em um hospital na cidade vizinha, seu ex sempre a deixava de lado e havia ganhado fama de garanhão entre as enfermeiras. A moça passou um bom tempo solteira, dedicando-se à profissão e aos seus alunos, até que, como em uma noite que aos poucos vai se tornando dia, Thomas ganhou sua atenção, passando de uma imagem escura, cinzenta e sem graça a um homem, inteligente, bonito e enigmático. Agora, ela o via como um dia de sol, colorido e gostoso de sentir.

A porta se abriu, trazendo o professor de volta ao presente. O inspetor Shane, sempre de cara amarrada e movimentos bruscos, entrou sem bater, fazendo pouco caso do professor.

– Bom dia, inspetor Shane

– Bom dia, Thomas. Vou precisar tomar sua sala por alguns minutos, preciso chamar o pessoal da manutenção para trocar essas duas lâmpadas – disse, apontando para as lâmpadas ao fundo, que oscilavam. – Por que não aproveita esse tempo para fazer um lanche?

– Ok, inspetor. Sem problemas.

“Preciso aproveitar esse intervalo, hoje já é sexta-feira e não posso adiar mais”, pensou. “Preciso encontrar a Rachel, mas o que vou falar? Já sei! Vou dizer que meus pais virão me visitar! Hum... Vou parecer mais um adolescente em seu primeiro mês morando sozinho. E se eu aceitar? Afinal, é só uma sessão de cinema, e já se passaram tantos anos! Numa hora ou outra, preciso superar isso. Mas será que é o momento? Deus! Queria que isso fosse tão simples quanto calcular a massa da Terra”. Thomas travava essa batalha mental enquanto cortava os corredores em direção ao refeitório. Tinha certeza de que encontraria Rachel almoçando em uma das mesas. Contudo, estava errado – acenou para diversos outros professores, dois em especial de quem ele gostava muito: Albert, de Biologia; e Silvia, de Química.

Albert ao ver o professor se aproximar se levantou e acenou.

– Olá Thomas! Venha se juntar a nós.

– Olá! Tudo bem com vocês?

– Tudo sim, Einstein – disse a professora com uma risadinha de deboche.

– Vejo que esse apelido está se espelhando rápido – comentou Thomas.

– Agradeça a Rachel – Silvia deu uma piscadinha, e Thomas ficou sem graça.

– Estava mesmo à procura dela – falou o professor de física. – Vocês não a viram hoje?

– É isso aí meu rapaz! Não deixe a sorte bater duas vezes, se é que me entende... – piscou. – Mas fico triste em informá-lo que a professora Mag está com a sala da Rachel hoje – disse Albert.

– A Magline? A professora substituta? Isso significa que Rachel não veio hoje? – os professores acenaram positivamente para Thomas. – Droga! Precisava muito falar com ela.

– Bem, já que ela não veio e você está aqui, por que não almoça conosco? Assim, você presencia a sorte batendo duas vezes na porta do Albert – Silvia piscou para o professor de Biologia que gargalhou e, em seguida, deu-lhe uma piscadela

– Viu só, Thomas? É disso que estou falando! Estamos há dez anos casados e, mesmo assim, essa mulher continua me conquistando.

– Vocês não têm jeito! São professores, deviam parar de se paquerar em público – dando risada, Thomas pegou uma bandeja e foi se servir.

O segundo período do dia passou da forma mais normal possível. Os alunos continuavam colaborando, a aula rendeu e, dessa maneira, não demorou muito até que o final da tarde chegasse. Thomas havia mandado três mensagens para Rachel, mas não recebeu retorno. Decidiu então ir até o apartamento da professora. Pegou o casaco, ganhou a rua e, sem se preocupar com a chuva, correu pelos quase cinco quarteirões até chegar ao prédio em que ela morava.



Capítulo 3- Além do que é palpável

“A alegria é apenas um pequeno atraso do inevitável.
Mas será somente a tristeza o inevitável?”

– Diariamente, somos condicionados ao modelo de homem que a sociedade impõe, que consiste em: ser um bom filho, estudar, arranjar um bom emprego, conquistar uma mulher digna, casar, comprar uma casa, um carro, ter filhos e pagar impostos. Esse padrão é bom o suficiente em te manter ocupado durante o período em que você permanecerá respirando nesse mundo. Porém, a palavra viver vai muito além de regras que se deve seguir.

“Se você perguntasse o que é viver a um monge em seu mosteiro, cultivando o desapego a bens materiais, contemplando e servindo a Deus, teria uma resposta completamente oposta a de um executivo trabalhando em seu escritório no alto do edifício Burj Khalifa, acumulando dinheiro e adquirindo mais e mais bens materiais. Assim, seria possível dizer qual deles estaria certo?” – Questionou Dexter, tentando aliviar o pranto de Robert.

– Sempre fui um cara dedicado, segui à risca o perfil de uma pessoa socialmente aceita; fui um bom filho, bom aluno, bom funcionário, bom marido e bom pai. Mas, agora, tudo isso não fazia o menor sentido – Robert, do lado de fora de casa, olhava o seu interior pela janela. Dentro da residência, que comprara assim que decidiu se casar, algumas pessoas consolavam uma viúva e uma órfã que choravam à beira da lareira. Todos os presentes eram conhecidos de Robert: ali estavam seus pais, seus sogros, seu irmão, cunhada e seus amigos mais próximos, tentando entender o porquê de uma coisa tão horrível ter acontecido a uma família tão jovem.

– É a sua família, não é?

– É.

– Você deve estar se perguntando por que você.

– Estou.

– Além de todos esses questionamentos, também deve estar com dúvidas sobre o porquê de ainda estar aqui, nesse mundo, ao invés de ir para o céu, certo?

– Ou o inferno – disse o homem, com o olhar fixo no interior da casa. – Mas já seria bom pelo menos saber por que, desde que morri, estou sendo acompanhado por um gato falante.

– Porque você precisa de ajuda.

– Ajuda para que? – desviou o olhar da janela e encarou o gato. – Se já estou morto...

– Para fazer a sua passagem.

– E por que um gato?

– Porque somos o elo entre os dois mundos. Sabe tudo aquilo que você já ouviu sobre gatos? De que somos seres míticos e de comportamento sobrenatural..? Pois bem, é a mais pura verdade.

– Que absurdo! – debochou Só posso estar sonhando ou algo assim! Um gato que diz ser o elo entre dois mundos? Só o fato de falar já é por demais assustador!

– Concordo, mas me diga: durante todo o dia, por mais que tenha tentado, alguém além de mim se comunicou com você? E já viu um sonho durar tanto tempo?

O homem pensou por um instante, hesitou e relutante acenou com a cabeça.

– Não. Qual o seu nome? Já que a loucura se apossou de mim, ficará mais fácil te chamar pelo nome.

– Bem, por aqui, nesse mundo, costumam me chamar de Dexter.

– Então, Dexter, o que devo fazer? – Robert colocou a mão no rosto, deixou-se deslizar pela parede e caiu de joelhos no chão. Chorou alto e entregou-se ao desespero: – Não é justo! Não é justo! Não é justo! – gritou várias vezes até que, por fim, perguntou ao gato: – Onde está Deus? Eram esses seus planos para mim? Matar um pai de família e deixar mãe e filha numa vida de sofrimento?

– Robert, existem coisas que estão muito além da minha compreensão e senso de justiça. Talvez o cara lá em cima saiba o que está fazendo, talvez não, não cabe a mim julgar isso. Mas posso fazer muitas coisas por aqui, e essas sim estão ao meu alcance e jurisprudência. Você é o que chamamos de alma perdida: por alguma razão, ficou preso nesse plano.

– E qual o problema? Ao menos posso continuar próximo a minha família.

– Você está enganado, não sabe o perigo que corre. Uma alma perdida é caçada como um gnu por um leão faminto. Existem criaturas que se alimentam de almas como você, e, acredite, se isso ocorrer, desejará mil vezes ter ido para o inferno.

– Era só o que me faltava! Além de morto, separado da minha família, ainda estou correndo o risco de virar comida das criaturas do além! O que devo fazer? Esse pesadelo não vai acabar nunca?

– Por enquanto, venha comigo. Sei quem pode te ajudar, mesmo que ainda permaneça na ignorância.

Com as mãos nos joelhos e puxando o máximo de ar que conseguia, Thomas tentava

recuperar o fôlego depois de correr por todas aquelas ruas. Boston é uma das cidades mais antigas dos Estados Unidos, mesclando o novo e o velho mundo com harmonia. Com suas amplas avenidas, prédios antigos, viadutos e túneis, Boston, situada em Massachussetts, reserva lugares acolhedores e arborizados para aqueles que buscam um ritmo menos estressante. Mas não foram esses atributos e nem o fato da cidade conter mais de cem faculdades, incluindo Harvard que motivaram o professor a morar ali. Thomas nascera na cidade e dela nunca saiu, nem mesmo a turismo. Não gostava de mudanças, o conhecido lhe trazia segurança e uma certa sensação de controle.

Assim que recuperou o fôlego, tocou a campainha do apartamento número três do segundo andar de um edifício pequeno e de arquitetura moderna. A porta se abriu e Rachel surgiu, enrolada em um cobertor, com o rosto muito vermelho e segurando um lenço.

– *Atchim!*

– Saúde! – disse o professor. – Agora já sei o motivo daquela senhorinha estar substituindo suas aulas... – Thomas forçou um sorriso de canto de boca, meio sem jeito e querendo dar graça à cena.

– Nem me venha com essa, você adora coisas velhas.

Surpresa com a visita, a febril professora olhou em volta, como se fosse encontrar a justificativa para algo tão fora do comum.

– A escola pegou fogo? – perguntou.

– Como assim? – estranhou o professor.

– Para quem nem aceita almoçar comigo, vir até meu apartamento só pode ser sinal de tragédia. Mas entre, estou com frio. Se não percebeu, adoeci.

– Claro, como posso ser tão desatento?

Thomas entrou e ficou boquiaberto. O apartamento de Rachel era pouca coisa menor que o dele, mas era uma bagunça tremenda. Por todo lado, havia peças de roupa – sobre o sofá, na mesinha de centro, na estante de livros e até sobre o micro-ondas. Vários sapatos estavam espalhados pelo chão, com salto, sem salto, preto, vermelho, brilhantes ou foscos. Thomas percebeu que a vaidade e o cuidado que Rachel tinha consigo mesmo não eram aplicados no seu lar. Porém, mesmo bagunçado, o lugar tinha um calor especial, um aspecto acolhedor e exalava o perfume de Rachel, levemente doce e refrescante. O professor, ainda entorpecido com a fragrância, tirava uma peça de roupa do sofá para se sentar.

– Alto lá! – bradou a professora, fazendo Thomas se por de pé, assustado. – A doente aqui sou eu, então o sofá é meu – ela pulou sobre o sofá e se esticou, fazendo careta. – Mas você pode me preparar um chazinho.

Thomas entendeu que a moça tentava fazê-lo ficar mais à vontade; ela sorria e apontava a cozinha, que não ficava separada da sala. O apartamento era um ambiente

único, mas com decorações diferentes.

– Então, vai me dizer onde estão as coisas ou quer que eu bisbilhote tudo?

– Humm, melhor não, porque... *atchim!* – antes mesmo que Rachel pudesse continuar a frase, teve um ataque de espirros. Foram três seguidos.

– Está bem, está bem! Vou me apressar com o chá. Pode ser erva doce? Todo mundo tem chá de erva doce. – sorriu.

– Não, hoje quero de hortelã com limão. Afinal, não é todo dia que tenho um cozinheiro particular.

A noite seguiu tranquila. Sentados no sofá, tomaram o chá e começaram a falar sobre a escola, sobre as fofocas, sobre decoração de apartamento e, principalmente, sobre uma peça íntima e de cor cítrica, jogada sobre o computador de Rachel e que roubava toda atenção.

– Ah, para! Vai dizer que nunca viu uma dessas? – ela debochou.

– Parecendo um sabre de luz? Não – respondeu Thomas em tom descontraído.

A professora corou e encostou-se no rapaz.

– Vamos ver o que está passando na TV. Adoro essas séries de comédia que passam altas horas.

Continuaram assim encostados por um bom tempo, depois ela deslizou e deitou a cabeça no colo do professor. Entre uma gargalhada e outra, Rachel foi aos poucos se rendendo ao sono, enquanto Thomas continuava a acariciar seus cabelos. Quando o relógio já marcava três da madrugada, o rapaz resolveu que estava na hora de ir. Levantou-se com cuidado, ajeitou as almofadas e colocou cuidadosamente a cabeça da professora sobre elas. Contemplou-a mais uma vez e beijou-lhe a testa; ela se mexeu e deixou algumas palavras escaparem do seu inconsciente:

– Você é perfeito, querido... Perfeito pra mim...

Thomas se sentiu o homem mais feliz da terra. Nunca antes foi atingido por algo assim; era um calor que vinha do fundo do peito e uma euforia que apertava a garganta, fazendo-o ter vontade de cantar, de correr, de subir no morro mais alto e gritar para todos ouvirem o quanto estava feliz. Mas, ao invés de deixar-se dominar por completo por aquelas sensações, apenas apagou a luz, saiu com cuidado do apartamento de Rachel e fechou a porta.

Já não pensava mais na tragédia da sua vida universitária, nas desavenças com os colegas que o castigaram ao longo da faculdade e, tampouco, na imagem daquela Rachel que conheceu anos atrás. Estava feliz como não esteve durante muito tempo. Portanto, queria apenas curtir esse momento.

Thomas acreditava que não tardariam para começar um romance. Já conseguia imaginar os programas que fariam juntos: frequentariam o cinema e o apartamento um do outro; passariam horas no sofá, assistindo TV e dormiriam juntos. Ambos logo se tornariam um casal amigo e, conseqüentemente, morariam juntos.

Enquanto arquitetava seu futuro ao lado de Rachel, seguia feliz, pulando as riscas da calçada, pendurando-se nos postes e lamentando a falta de um guarda-chuva – assim como da própria chuva. Ao atravessar o cruzamento, porém, uma luz muito forte dobrou a esquina e o cegou. O barulho de pneus derrapando tomou a rua silenciosa, e um carro descontrolado dirigiu-se na direção de Thomas, deixando-o perdido e sem reação.

E então, houve a colisão.

Foi tudo muito rápido. O veículo agora estava virado, com as rodas para o alto ainda girando, mas de forma desalinhada. Os faróis, em curto, piscavam; o motorista estava com o corpo parcialmente projetado para fora do automóvel, atravessando o vidro. Logo abaixo da traseira, via-se a perna de Thomas.

As janelas dos edifícios se abriram, e seus moradores foram tomando a rua em uma confusão de vozes e passos apressados.

– Ele está morto?

– O motorista já era.

– Tem alguém mais?

– Não.

– Espere! Acho que estou vendo algo embaixo do carro... Meus Deus! É uma pessoa, tem alguém preso ali! Venham, me ajudem aqui! Alguém já chamou a ambulância?

– Sim – gritou um homem baixo, vestido com um pijama azul piscina, que erguia ao alto o celular.

– Ótimo! Agora preciso que me ajudem a tombar o carro, precisamos saber se a pessoa está viva.

Vários dos ali presentes se juntaram ao prestativo homem. Nesse momento, praticamente todos os moradores da rua já estavam fora de suas residências. O murmúrio dos curiosos continuava; alguns já se arriscavam a fazer suas teorias sobre como aconteceu o acidente, contando-as aos que chegavam como se fosse verdade. Dessa forma, tomaram como verdadeira a versão de que um jovem bêbado dançava pela rua e se jogou na frente do carro.

– No três, ok? – disse o homem, que organizava o salvamento, projetando seu corpo contra a lateral do carro. – Um... dois... três!

Com um estrondo de ferro amassando e vidros se partindo, os moradores conseguiram tombar o carro para o lado.

– É um rapaz!

– Ei, eu conheço esse jovem! É o professor do meu filho! – Disse uma mulher gorda e com o cabelo cheio de coques, que tampou a boca de pavor.

– Santo Deus! É o Sr. Thomas! – gritou um homem magro e que, se não fossem as imensas olheiras, poderia dizer que estava tão apavorado quanto a mulher.

– Ele está vivo?

– Sim, ele ainda está respirando.

A ambulância chegou, abrindo caminho entre as pessoas, e uma dupla de socorristas saiu em disparada, com uma prancha de imobilização. A polícia, que também fora acionada, afastou os curiosos e isolou a área, permitindo que os enfermeiros fizessem seu trabalho. Em questão de minutos, já haviam imobilizado a vítima e a ambulância seguiu seu rumo.

No hospital, Thomas recebeu todos os cuidados possíveis, mas o médico o diagnosticou em coma profundo e, quanto a isso, não era possível fazer nada naquele momento.

Algumas horas depois, uma enfermeira fazia os últimos ajustes na acomodação de Thomas; calibrou o gotejar da medicação, trocou os curativos e ajustou os travesseiros. Já estava para sair quando se lembrou de fechar as cortinas.

– Malditos gatos, estão sempre à espreita! Xô, sai daqui! Vocês são mau agouro!

Fechou as cortinas, mas não se deu ao trabalho de olhar se o gato, de fato, tinha ou não ido embora. Na verdade, ele ainda permanecia ali, assim como o homem que olhava fixo para o paciente na cama.

– Então, esse é o momento. Ele está preparado e agora podemos te ajudar – disse o gato, encarando a cama pelas cortinas.

– Tem certeza? Pra mim, ele está mais pra morto – ponderou Robert.

– Não está morto. Eu diria que, nesse momento, ele está “sensitivo” – concluiu Dexter.



Capítulo 4- A ambiciosa energia do poder

“A verdadeira forma de irmos além é justamente aquela que nos dá o que não podemos ter”.

– É por aqui – disse a voz confiante e seca, ao dobrar a esquina de uma rua pouco iluminada por volta das três horas.

– Tem certeza? – perguntou uma voz sedutora, carregada de admiração.

– Sim, já faz algum tempo que estou sentindo o cheiro – o vulto parou e encarou o outro. Ele era uns quinze centímetros mais alto que o segundo e, pela sua silhueta, percebia-se uma figura masculina, contrapondo-se à outra sombra, que tinha movimentos delicados.

– Como você consegue? – quis saber o vulto menor, olhando-o com curiosidade.

– Sinceramente, Aaba, depois de todo esse tempo pensei que você conhecesse um pouco mais sobre mim. Mas venha, vou lhe mostrar como as coisas funcionam – sorriu e fristou: – Pela *segunda* vez. Então, preste bem atenção para entender a verdadeira lei da pós vida, o equilíbrio dos mundos e a miséria na qual essa criatura tão prepotente está destinada a perecer... – fez uma pausa. – Esses humanos, durante toda a vida, nada mais são do que enormes sacos de carne e, depois que morem, não passam de luz. Ou melhor dizendo... *Energia* – fristou novamente. – E eu sou o maior entre os Treze na arte de acumular essa energia, esse poder.

Com certa fobia, a pequena sombra cessou os passos por um instante. Enquanto o vulto masculino continuava à sua frente, a figura menor se manifestou:

– Diga-me, meu senhor, dessa vez encontraremos sangue?

– Não, Aaba, dessa vez não. Mas sinto um forte cheiro de veneno. Esses humanos estão sempre matando uns aos outros e ainda dizem ser profundos conhecedores do – parou, estendeu a mão para a outra figura e disse pomposamente: – “Amor.” Eles sequer entendem o que essa palavra significa! Venha, estou faminto.

As figuras continuaram por toda a extensão da rua até chegarem à frente de um edifício bem alto. Pararam por um segundo e, como alguém que vai tocar a campainha,

projetaram-se em direção à entrada. Porém, nenhuma mão tocou o dispositivo – eles transpassaram o portão sem nenhuma dificuldade, como se fossem feitos de fumaça, isentos de matéria. Do mesmo modo, atravessaram a porta do apartamento numero três, cortando caminho por uma sala bem mobiliada que ostentava bom gosto e certo luxo, e onde se viam, em cima dos móveis, porta-retratos que exibiam um casal jovem e feliz.

Seguiram pelo corredor e foram direto ao que parecia ser o quarto principal. Lá, encontraram as duas versões de um homem: a primeira era o cadáver, que estava deitado sobre a cama e parecia dormir com um copo jogado próximo à sua mão direita, derramando um líquido escuro que manchava o edredom. A segunda versão era apenas uma visão sobrenatural, agachada em posição fetal no canto oposto, chorando e soluçando, enquanto repetia sempre as mesmas palavras:

– Por quê? Por que ela me envenenou? Éramos tão felizes, não consigo encontrar motivo algum para isso! Por quê? Por quê?

– Ele pode nos ver? – perguntou intrigada a figura de movimentos suaves.

– Não, minha cara. Mas podemos nos mostrar, e hoje deixarei isso com você.

Aaba sorriu.

– Será um *enorme* prazer, meu senhor – disse pausadamente, como se fosse tomada de um súbito prazer.

O homem ainda chorando, sentiu uma mão pousar em seu ombro. Assustado, ergueu a cabeça e paralisou diante daquela visão.

– Você é um anjo? Veio para me levar ao céu? Por favor, me ajude, a minha mulher me envenenou e eu nem sei o porquê!

A centímetros do rosto do homem, Aaba se postava majestosa. Sua face era delicada e de traços perfeitos; seus cabelos, longos e loiros. Trajava um vestido magnífico, com um decote que ostentava o pomposo busto e valorizava suas formas e curvas. Seus movimentos também eram encantadores e, principalmente, sensuais.

– Pode-se dizer que sim, querido. Na verdade, posso ser exatamente aquilo que você precisa: seu anjo salvador; posso ser a pessoa que lhe explicará o que aconteceu; o alívio para sua dor e para esse sofrimento que a traição o causou... Me diga, Scott, quem você quer que eu seja?

Gaguejando, o homem disse:

– Gostaria de que me tirasse dessa situação. Estou aqui há quase oito horas, e nada além da dor veio ao meu encontro.

Aaba estendeu a mão, e o homem a segurou. Levantou-se, sorriu para a mulher e agradeceu.

– Não se preocupe, quem tem a agradecer aqui sou eu. Você me deixa muito feliz ao deixar o meu mestre feliz.

O homem não entendeu e apenas se deixou envolver pelo abraço da bela mulher.

Sentiu conforto e pensou consigo mesmo que deveria ser daquela forma que as pessoas se sentem ao serem abraçadas por um anjo.

– Santodeus! Aceite esse humano, essa porção de energia e torne-se mais forte!

– Obrigado, Aaba, isso deixará minha noite muito mais agradável. – Disse Santodeus ainda invisível para a alma. – Sorriu e tornou-se visível a todos.

Aaba se soltou do homem e, encarando-o, disse:

– Esse é quem vai lhe aliviar a dor, mesmo que por meio de mais dor.

O homem se virou e nenhuma descrição seria capaz de ilustrar seu horror diante da figura que a mulher o postava. A única frase que Scott pronunciou saiu rouca e cheia de súplica:

– Santo Deus! O que é isso? Santodeus não era nada comparado com aquele a quem o homem suplicava ajuda, mas sim uma criatura imensamente horrível, toda cheia de fogo.

– Ouvir esse nome é sempre bom! No início não gostei muito, é claro, mas já que neste ou no outro mundo ninguém consegue pronunciar o meu, Santodeus ficou “adequado”.

Uma enorme boca rasgava sua face de orelha a orelha, exibindo presas enormes e pontiagudas, que fumegavam e crepitavam como lenha na fogueira. Não demorou para que a criatura avançasse sobre a alma do homem morto e, mesmo que Scott não dispusesse mais de corpo, sentiu toda a dor de ter sua carne, músculos e ossos sendo rasgados e devorados numa ferocidade tremenda. Porém, ao contrário de um humano com corpo físico, que certamente desmaiaria diante de tamanha dor, ele permaneceu no sofrimento até que todo seu corpo fosse consumido.

Santodeus inflou o peito e suspirou de satisfação, olhou para Aaba e sorriu, cerrou os punhos num gesto de poder e admiração própria. – Me sinto enormemente poderoso, Aaba! E pensar que, durante tanto tempo, fui privado dessa sensação...

– Que ótimo, mestre! Ouvir isso me deixa muito satisfeita. Senhor, se me permite o atrevimento da pergunta, os outros doze sabem dessa sua nova forma de acumular energia?

– Não são mais doze, minha linda, lembre-se de que dei cabo de um deles. Mas, respondendo sua pergunta, não, eles ainda permanecem na ignorância e na precariedade do velho jeito de equilibrar as forças, mendigando pequenas doses de energia e fazendo o trabalho de guiar as almas dos pecadores ao limbo e a dos inocentes aos portões do céu. Somente eu, ao consultar os pergaminhos do além limbo, consegui decifrar os ensinamentos proibidos e descobri o método de conseguir muito mais poder – disse, arrumando o casaco preto e assumindo novamente a aparência de um homem bem vestido, que passaria facilmente por um empresário de grande prestígio. – Agora, essas almas não vão nem para o céu nem para o inferno, permanecerão comigo para sempre.

– E existem outros como você? – perguntou Aaba, excitada diante da explicação

– Iguais a mim, não. Porém, existem partes de mim, seres que me fortalecem ao capturar mais e mais almas. São conhecidos por Sombras. Sabe, Aaba, quando te vi em uma das obras de Alu, não sabia que aquela pintura que te ilustrava escondia esse ser de tão boa companhia que você se tornou. Lembro-me até hoje de como ele te descreveu:

Santodeus, parou, cruzou os braços e encostou-se na parede de modo a observar melhor a mulher.

“Aaba é um demônio fêmea de beleza irresistível, com capacidade de se apresentar como mulher e seduzir a quem bem desejar. Contudo, curiosamente, é incapaz de presenciar derramamento de sangue.”

– Sou eternamente grata por me livrar daquela pintura. Fui capturada e lá aprisionada por séculos. Por isso, estarei sempre ao seu dispor e eternamente fiel a você, meu senhor.

– Me lembrarei disso, Aaba. Agora vamos, a noite ainda nos esconde algumas surpresas – Santodeus apontou sem olhar para a janela. – Além do mais, aquele gato na janela, que chegou pouco depois de nós, não é apenas um gato qualquer. Não me oferece risco, é claro, mas somos forças contrárias e isso já é o suficiente para querermos ficar bem longe um do outro.

– Não seria mais sensato matá-lo, senhor? – Questionou Aaba.

– Receio que matá-lo chamaria atenção de quem, no momento, quero distância.

Os vultos ganharam novamente a rua, viraram a esquina e desapareceram sob a escuridão da noite.

Thomas abriu os olhos. Tudo à sua volta era branco, e o pânico logo o tomou. Olhou rapidamente para sua mão e, com alívio, conseguiu enxergá-la. Por outro lado, ainda que não estivesse cego, não fazia a menor ideia de onde estava. Para onde quer que olhasse, só via o branco. Levantou-se e começou a andar – pensou que, talvez, se começasse a caminhar em linha reta durante algum tempo, pudesse chegar a algum lugar que fizesse sentido.

Percorreu uma longa distância sem nenhum progresso, parou e encarou o que supostamente seria a linha do horizonte. A brancura permanecia e nenhum indício de qualquer outra tonalidade apareceu diante de seus olhos. Contudo, não era isso o que o preocupava no momento. Depois de tantas horas andando, começou a reparar que não sentia nada – nem calor, nem frio, nem cansaço ou fome. Andou mais um pouco e parou

novamente, dessa vez como se tivesse batido contra uma parede invisível.

– Não consigo sentir minha pulsação! – disse, comprimindo o pulso esquerdo. Tentou, em seguida, sentir o coração. Desesperado, correu a mão pelo pulso direito, pescoço e todas as outras partes do corpo que pudesse usar para fazer a verificação cardíaca e comprovar que estava vivo.

– Estou *morto*? Isso é a morte? Que lugar é esse? Céu? Inferno? Limbo? O que é isso?! Tudo é branco, nada existe, não consigo saber se é algo bom ou ruim! – caiu de joelhos. Quando estava a ponto de se entregar e permanecer ali, um pensamento lhe fez erguer novamente a cabeça: – Rachel...

Socou o chão e começou a repassar tudo o que lhe tinha acontecido. Lembrou-se com carinho dos momentos no apartamento da professora, a conversa, os sorrisos, as gargalhadas, a textura de seu cabelo, o cheiro que exalava da sua pele, a temperatura corporal e até a sua frequência respiratória quando ela adormeceu em seus braços. Sorriu, mas logo esse sorriso foi substituído por uma expressão de pânico. Recordou-se de quando estava indo embora, do barulho dos pneus derrapando ao fazer a curva, da luz forte que ofuscou seus olhos, a freada brusca e do estrondo da colisão.

– Não! Isso não pode ser o fim! Toda a minha vida foi sem graça, sem sentido! Estive vivendo de pequenos prazeres, sem nenhum grande objetivo, isso não pode estar acontecendo logo agora, quando as coisas estão tomando uma direção diferente! Eu quero uma segunda chance – pensou. – Eu quero continuar... quero continuar... quero uma segunda chance! – dessa vez, gritou.

Nesse momento, uma brisa bateu em seu rosto. Thomas escutou vozes, pareciam-lhe familiares, mas não conseguia distingui-las. A claridade foi substituída por uma suave escuridão, como a que nos toma quando fechamos os olhos para dormir.

– Ele vai sobreviver? – perguntou uma voz aflita. – Digo, ele é tão jovem, tão inteligente, meu filho não pode morrer assim! Meu filho não pode morrer! – nesse momento a porta se abriu e uma jovem alta de olhar apreensivo entrou. – Querida, diga que ele não vai morrer, por favor, me diga...

– Sra. Webber, é o que eu mais quero – respondeu a recém-chegada, com uma voz doce e paciente. Em seguida, abraçou a mulher que soluçava a beira da cama. – Sinceramente não acho que Deus possa levar uma pessoa tão boa, um professor tão exemplar, e um... – hesitou por um segundo. – Um amigo tão devotado...

– Deus não tem nada a ver com isso, são coisas que acontecem na vida – o Sr. Webber descruzou as pernas, suspirou e levantou-se da cadeira. Até o momento, o pai de Thomas estivera sentado na poltrona, um pouco mais afastado da cama. Era alto, forte e de expressão severa. – Querida vou buscar um café, você quer algo?

– Não, querido, obrigada – respondeu a mãe de Thomas.

– E você, Rachel?

– Sim, eu gostaria de um café forte – disse, sem desfazer o abraço.

– Qualquer coisa, me avisem. Estarei no estacionamento, vou aproveitar pra fumar um cigarro – saiu e novamente suspirou. Era notável que aquele homem, por mais que parecesse demonstrar força, chegara no limite da exaustão. O filho estava há uma semana em coma, e os médicos não pareciam muito convencidos de que uma melhora repentina pudesse acontecer. Seu filho sempre lhe foi um orgulho, era exatamente o seu oposto. Thomas era calmo, estudioso e dedicado. Se o pior acontecesse, sabia que sua esposa, Mary, não suportaria. Já era difícil e doloroso para ela viver longe do seu único filho, mesmo que ser mãe significasse abrir mão da companhia diária das crianças quando elas crescessem e saíssem de casa. Contudo, ter Thomas fora de casa é uma coisa, não o ter nunca mais era algo completamente diferente e dolorosamente inconcebível.

– Sabe, Rachel, não me vejo sem o Thomas. Ele sempre foi alguém muito especial, e não digo isso por ser mãe – Mary sorriu. – Ok, falo isso por ser mãe, mas veja bem: que mãe nos dias de hoje pode se orgulhar tanto de um filho? Parece que todos estão perdidos, mas o meu Thomas não. Ele é diferente, é um bom menino – chorou novamente. – Ele não pode morrer, Rachel... Não pode...

– Ele não vai morrer, Sra. Webber, confie em mim – a professora soltou-se da mulher e passou a mão pelo rosto pálido de Thomas. – Ele não pode fazer isso comigo – Mary a olhou, intrigada. Rachel, percebendo o deslize, completou rapidamente a frase: – Não pode fazer uma coisa dessas *com ninguém* – ressaltou.

– E não farei – disse Thomas com uma voz arrastada. – Vocês duas não me deixariam morrer nem se um trem passasse sobre mim – ainda de olhos fechados, o rapaz tentou esboçar um sorriso.

A Sra. Webber avançou sobre o filho e o abraçou, chorando e agradecendo a Deus.

– Acho que mudei de ideia, você mesma vai me matar se continuar me apertando assim tão forte, mãe – resmungou o professor.

Rachel sorriu e correu para apertar o botão que acionava a equipe médica. Em instantes, a enfermeira adentrou o quarto e, logo em seguida, o médico responsável pelo caso também apareceu. Era visível que eles estavam preparados para outro procedimento, mas quando viram o jovem com os olhos semiabertos, sorriram aliviados e correram para analisar os parâmetros que os equipamentos de monitoramento sinalizavam. Os olhos do médico iam dos monitores ao paciente e, em seguida, encaravam a enfermeira, que deu de ombros.

– É o que podemos chamar de milagre, doutor – a enfermeira sorriu com olhar desafiador. Sabia que essa palavra feria o orgulho dos médicos. O médico também sorriu.

– Sim, é um milagre – colocou a mão sobre o ombro da mãe chorosa. – Minha senhora, alegre-se! Não testemunhamos um milagre todos os dias. Seu filho está bem, ainda debilitado pelos ferimentos, mas nosso grande medo se foi. Agora, é só uma questão de tempo para se recuperar dos ferimentos. Evelyn, – chamou pela enfermeira, – venha comigo. Prepare a medicação que vou prescrever e prossiga com os cuidados. Atente-se a tudo e, qualquer coisa, me contate imediatamente – voltou-se para Mary e Rachel, colocou as mãos nos bolsos do jaleco e encheu o peito, assumindo a postura polida de médico. – Senhoras, se me dão licença, preciso atualizar o prontuário do Thomas – em seguida, saiu da sala.

– Rachel, por favor, vá chamar o Morgan. Ele precisa saber disso, precisa ver que o seu filho está bem. Ele não dorme há duas noites de tanta preocupação.

– Sim, Sra. Webber – Rachel soltou a mão que Thomas tinha apertado ao acordar. – Eu o trarei de volta o mais rápido possível.

A alegria e alívio do Sr. Webber foi tal como a da sua esposa. Os dois conseguiram respirar normalmente mais uma vez. Assim sendo, os dois dias que precederam a alta de Thomas foram regados de mimos e bajulação. Rachel, por sua vez, aparecia no hospital depois das aulas, no final da tarde, para dar um oi e checar se estava tudo bem.

No terceiro dia, como previsto, Thomas recebeu alta. Seus pais o levaram até seu apartamento e o instalaram antes de voltarem para Cambridge, cidade próxima de Boston, onde o Sr. Webber tinha um negócio próprio. Thomas só esperou os pais saírem da sua casa para, em meio a um gemido, uma fígada de dor e um esbarrão na porta, ir em direção à sala. Procurou por Dex, mas constatou que a janela estava entreaberta. Certamente, depois de todos esses dias, o gato tinha saído para conseguir sua própria comida.

Thomas ligou a TV e, em seguida, o videogame. Quando voltou seus olhos para a televisão, notou dois vultos refletidos na tela; o maior certamente era de um homem, e o menor lembrava o de Dexter. Virou-se e não acreditou no que seus olhos enxergavam: diante dele, estava um homem pálido, de aspecto fantasmagórico, olhar confuso e lacrimajante, com um grande corte que ia do meio do seu pescoço até perto da sua orelha direita. O jovem professor se afastou, tropeçando no tapete e caindo sentado no sofá.

– Thomas – chamou uma voz austera que, contrariando o esperado, não vinha do homem, que continuava com a boca fechada. O professor gelou quando abaixou o olhar e percebeu que era o seu gato quem falava. – Preciso te explicar algo...

As palavras foram em vão. O jovem fechou os olhos e seu corpo pendeu para o lado, caindo por completo sobre o encosto do sofá.

– Ele desmaiou – suspirou o gato.

Cerca de meia hora depois, Thomas acordou. Confuso, olhou para a TV que permanecia ligada, endireitou-se no sofá e tentou entender o que havia acontecido. Esfregava a testa com as mãos pensando que, talvez, fosse o efeito dos medicamentos para a dor. Desde o acidente, estava tendo pesadelos, na maioria das vezes mal se lembrava com o que sonhara, só sabia que era algo desagradável. Neste último, seu gato apareceu acompanhado de um homem de aspecto fantasmagórico, uma aparição extremamente desconfortável. Thomas levantou-se e foi em direção à cozinha. Com um copo de água na mão, dirigiu-se ao seu quarto tomou um analgésico. Ao voltar para a sala, deparou-se novamente com seu gato e o estranho.

– Isso não pode estar acontecendo, tem alguma coisa errada com esses remédios...
– disse, apoiando-se na estante e esfregando os olhos, incrédulo.

– Olá, Thomas! Desculpe estar te causando tanta confusão, sei que está se recuperando do acidente, mas o que tenho a lhe falar é importante e não pode esperar.

Dexter mexia a boca suavemente, seus lábios desenhavam os mesmos ângulos que de um humano ao falar, se não fosse pelo focinho triangular e os bigodes subindo e descendo.

– Você está mesmo falando? – Thomas começou a rir e foi até o gato. Com o dedo indicador, começou a cutucá-lo, puxando-lhe os bigodes e as orelhas. – Uau! Esses sonhos estão cada vez mais reais!

– Não é um sonho. Se fosse um, você não sentiria isso – o animal contraiu a pata, colocou as garras para fora e desferiu um golpe certo contra o rosto do rapaz.

– Ai! Que dor! Dex! Por que fez isso?

– Porque foi necessário. Você não está em um sonho e precisa me escutar – pulou para o sofá a fim de ficar mais alto e encarar o dono nos olhos, aproveitando que Thomas estava no chão. – Você consegue ver aquele homem? – apontou com a cabeça para o canto da sala.

Thomas olhou na direção indicada e lá estava o homem, cabisbaixo e encostado contra a parede.

– Sim, quem é? E o que está fazendo no meu apartamento?

– Ele é uma alma, Thomas, e está aqui para você ajudá-lo.

– Eu?! – gritou. – Mas como? E por que estou vendo almas penadas? – Perguntou em tom ofendido.

– Porque você é o único que pode. No seu acidente, você viu o que chamamos de “o outro lado”. Na verdade, você morreu, mas não podia ir nem para o céu nem para o inferno. E eu o encontrei por um motivo específico...

– Me encontrou? Não seja um gato falante e mentiroso! *Eu* o encontrei pouco

depois de mudar para cá, ali mesmo na esquina – Thomas apontou em direção à janela.
– Você estava preso naquele bueiro em meio aquela tempestade, não se lembra disso?

– Não. Essa é a sua história com o “gato” Dexter. Quando eu digo que te encontrei foi exatamente seis meses atrás. Não vou tentar te explicar agora porque certamente você não entenderia, mas uma certa pessoa foi morta e ela tinha uma grande responsabilidade. Fui designado a buscar por alguém que estivesse à beira da morte para que fosse negociada uma segunda chance nesse mundo, e o preço era justamente assumir o cargo desse alguém. Foi aí que encarnei em seu gato.

– Como assim alguém que estivesse à beira da morte? Eu não estava à beira da morte!

– Sim, Thomas, você estava.

– Que absurdo! Como você saberia isso? O que você é?

– Sou uma espécie de guardião, e por isso sou capaz de ver exatamente quanto tempo de vida resta para cada pessoa. E no seu caso, já estava definido que sua morte seria em breve. O acidente de carro realmente colocaria fim à sua vida, por isso fiquei aguardando e cuidando para que, na hora certa, você estivesse preparado para assumir sua nova responsabilidade.

– Eu realmente estive morto?

– Esteve.

– Aquele lugar todo branco, sem horizonte ou céu, era a morte? – sentou-se no sofá, encarando o gato. Começava a acreditar nele, e o fato de ser alguém predestinado a algo especial aflorou em seu íntimo uma sensação estranha, mas prazerosa. Porém, logo se lembrou de que realmente esteve morto e de que aquilo teve um preço. Além disso, o seu gato, o seu Dexter, estava inacreditavelmente FALANTE e cobrando aquela dívida.

– Sim, você esteve. Como expliquei, seu acidente seria fatal para qualquer outra pessoa, ninguém aguentaria um impacto tão forte na cabeça. O lugar onde esteve era o limbo, e você provavelmente deve ter escutado sobre ele quando frequentava a igreja. Lembra-se de que diziam ser o local para onde vão os justos, as crianças sem batismo e as almas que esperam o julgamento de seus atos? – percebendo a dúvida de Thomas, Dexter acrescentou: – Em resumo, você estava em terreno nulo, não era o céu, não era o inferno e tampouco o mundo real.

– Entendo – suspirou – me lembro disso, mas nunca dei muito ouvidos. Sempre fui muito cético a essas coisas, sabe? Segui a carreira de físico e sempre tentei explicar a vida por meio da ciência. Não acredito nessas besteiras assim como não acredito em você.

– Eu sei, Thomas, por isso o desafio maior é tentar mostrar para você que existe uma infinidade de coisas acontecendo que vai muito além do que a ciência pode explicar.

– Você está mentindo, eu estou delirando e isso tudo aqui é algum efeito colateral das drogas que andei tomando.

Thomas levantou, foi até o quarto e pegou as caixas dos remédios, retirou as bulas e começou a ler.

– Não somos efeito colateral das drogas! – Dexter ergueu o tom de voz, irritado – somos a razão para você ainda permanecer vivo! Você quer continuar vivo? Então faça a sua parte do trato! – grasnou.

– Que trato? Não me lembro de ter feito trato algum.

– Vou começar pelo início mesmo, quem sabe assim você comece a compreender: existe um grupo de treze entidades que são responsáveis por manter o equilíbrio entre o céu e o inferno. Essas entidades estão divididas em regiões, cobrindo o mundo inteiro, para acompanhar as almas na travessia do plano físico para o além, salvando-as ou as condenando. Se isso não ocorre, os espíritos ficam vagando desorientados por esse mundo, porque querem voltar pra casa, pra família, pro trabalho, ou pra qualquer lugar que lhe era importante enquanto vivo. É daí que surgem as histórias de fantasmas, espíritos e casas mal-assombradas.

– Essas criaturas estão espalhadas pelo mundo inteiro?

– Sim, mas calma. Cada um desses treze tem suas sombras, cópias que, com base na personalidade do guia, fazem o serviço de forma automática. Assim como você, eram humanos que receberam uma segunda chance. Mas, para eles, é feito um trato, e estipulado uma quantidade de almas a serem julgadas para conseguirem a salvação, e isso só é possível quando a diferença na balança entre bom e ruim, pende minimamente para o ruim. No resumo, pessoas morrem e eles vão até o local para realizar o julgamento – Dexter fez uma pausa e respirou fundo. – Um dos Treze foi absorvido. É quase como se ele tivesse sido assassinado, mas como matar algo que já está morto? Ainda não se sabe quem foi o responsável por esse crime e, somente com a captura do culpado, será possível libertar a entidade perdida – Dexter suspirou. – Pelo menos é o que eu imagino. Em todo caso, quando algo do tipo acontece, solicita-se que se encontre imediatamente uma pessoa compatível para substituir a entidade em falta. Por isso, você está assumindo, em um momento crítico, esse posto vago.

– E se eu não quiser fazer parte disso? Não gostei de nada do que você falou, não optei por isso e muito menos tenho tempo!

– Aí voltamos ao trato. Você tem certeza de que não aceitou? Deixe-me te explicar uma coisa, você MORREU! – esbravejou o gato. – E isso foi de forma natural, então, se você se negar a fazer este trabalho, a ordem natural dos acontecimentos vai voltar ao normal e você não passará de uma vítima de acidente de trânsito, que, depois de receber alta, morreu por causa de complicações decorrentes das cirurgias. E sim, Thomas, você escolheu, você gritou “Quero uma segunda chance” e lhe foi concedida.

Porém, tudo tem um preço, e o seu será o de assumir o posto de um Ceifador. Supere isso. Ah, e posso lhe adiantar mais uma coisa: você sabe que o suicídio é um pecado imperdoável, certo? – Thomas assentiu. – Negar essa segunda chance é como cometer suicídio: você estará automaticamente desistindo da vida. Pense bem.

Thomas ponderou por um instante. Olhou para o gato e, em seguida, para o estranho homem ao canto. Sentiu-se acuado.

– Nesse ponto, você tem razão. Mas, me diga: serei um ceifador para sempre? – inconformado e se sentindo vitimado, Thomas sentou-se ao lado do gato.

– Não, mas a única saída é encontrarmos o responsável e colocar um ponto final nessa história.

– E quando o encontramos? – Thomas, mais uma vez, olhou do bichando para o homem.

– Teremos que enfrentá-lo – respondeu Dexter, pulando do sofá e indo para a janela. – E então, você terá que destruí-lo. Mas, para isso, precisa ficar mais forte. Sua função não é nada fácil, porém, para quem poderia estar morto, não há opção melhor. Sua sorte foi ter se aproximado e se apaixonado por aquela garota e ter sido injustiçado na faculdade. Para julgar as almas, é necessário conhecer tanto o ódio como o amor. Agora vamos, Thomas, não deixe esse homem penar ainda mais. Julgue-o e mande-o para além desse plano mortal.

– Como farei isso? – o professor olhou assustado para o gato, que mantinha a atenção voltada para o lado de fora do apartamento.

– Coloque a mão sobre seu peito, logo acima do coração. Você saberá o que fazer.

Thomas se levantou, sem saber se realmente estava fazendo algo sensato. Pensou consigo mesmo que a resposta era não, e a ideia de estar sonhando fazia mais sentido. Resolveu encarar a situação como um sonho, pois, dessa forma, não teria problema algum em fazer o que o seu gato instruíra. Dirigiu-se até o homem, colocou a mão em seu peito e, quando acreditou que iria atravessá-lo, encontrou firmeza no tórax. Não sentiu pulsação, porém ignorou esse detalhe e olhou o espírito nos olhos.

De repente, tudo ficou branco. Estava agora em um universo paralelo, vendo todos os momentos da vida daquele homem: seu nascimento; sua infância, juventude, escola, faculdade; seu primeiro emprego, casamento; o nascimento de sua filha; suas alegrias, tristezas, decepções, escolhas, erros e acertos. Thomas sentiu uma sensação agradável, sabia que aquele homem era bom e que, ao longo de toda a sua vida, sempre foi correto, amável, uma pessoa justa e trabalhadora. Essa sensação fez com que automaticamente pronunciasse a palavra *salvare*.

O homem sorriu e começou a desaparecer diante de Thomas. Antes, porém, disse:

– Obrigado – e sumiu.

Thomas olhou espantado para o gato e disse:

– Eu enxerguei a vida inteira dele! Como isso é possível? – olhou para o relógio da parede falou: – Não se passou praticamente tempo algum, foi real? E o que foi que eu disse?

– Sim, você viu toda a vida dele. De que outra forma você poderia julgá-lo? E quanto à palavra, é latim. Significa salvação.

Thomas se sentiu zozado e quase caiu. Apoiou-se na parede e gritou:

– O que é isso? Estou sentindo algo ferver dentro de mim! Sinto-me mais disposto, forte e com mais energia, ainda que também me sinta pesado!

– Isso é energia – Dexter virou-se para o rapaz. – Toda vez que você atende uma alma, a energia da qual ela era formada passa a lhe pertencer, tornando-o mais forte. Esse é um detalhe que nos diferencia daquele que buscamos, pois ele não julga as almas, mas as devora. Vá descansar, Thomas, seu corpo ainda está todo arrebatado. Enquanto isso, vou dar uma volta – Dexter pulou pela janela e ganhou a rua, deixando seu dono ainda curvado sobre os joelhos, cheio de dúvidas e mentalmente exausto.



Capítulo 5- Entre céu e inferno

“O sofrimento é ainda maior quando somos responsáveis por aliviar o sofrimento alheio... e falhamos”

– Professor? Alô, professor? – repetiu a aluna, intrigada.

– Oi? Suzan, pode falar. Estou escutando – salientou Thomas meio confuso.

– Está tudo bem com você? – a estudante sorriu ao ver o jeito confuso com o qual o professor respondeu.

– Acho que, depois do acidente, o Sr. T. voltou meio lélé das ideias – caçoou George. Outro aluno completou dizendo que Thomas voltou com um parafuso a menos, e várias outras teses surgiram para explicar a desatenção do professor. O barulho cessou quando Thomas pigarreou.

– Nada disso, seus pestinhas! Desculpe-me, Suzan, estava pensando sobre como farei para deixá-los em dia com o planejamento anual da matéria. Vocês perderam muita coisa enquanto estive afastado, mas, se continuarem a dizer que fiquei lélé, com parafuso a menos ou até mesmo maluco, vou arquitetar uma prova difícilíssima para vocês – Thomas olhou para George com cara de poucos amigos, sustentou o olhar sério por um instante e depois sorriu. – Estão dispensados, só não se esqueçam de fazer a lição de casa.

A sineta tocou e, em segundos, os alunos abandonaram a sala. Thomas se levantou e se espreguiçou. Saiu bocejando pelo corredor em busca de café.

– Bom dia, professor – acenou Roger, com uma chave de fenda em punho. Estava consertando um dos armários que ficavam no corredor. – Fiquei sabendo do acidente; aliás, a escola inteira ficou. Lamentável... O homem estava bêbado né? – antes mesmo que Thomas respondesse, Roger continuou: – Pessoas assim deveriam ser proibidas de dirigir para sempre, você não acha?

– Ele morreu, Roger – Thomas disse, desanimado.

O zelador olhou surpreso e completou:

– Bem, nesse caso, ele realmente não vai mais dirigir.. Mas está tudo bem com o senhor?

– Sim, em geral estou quase cem por cento. Ainda não durmo bem, sinto algumas

dores, mas o médico disse que logo vai passar. Agora, preciso tomar um pouco de café, senão dormirei em pé. Obrigado por se preocupar, Roger.

Assim que se virou, Thomas foi surpreendido. Rachel pulou em sua frente, sorrindo e fazendo festa.

– Einstein! O homem de ferro! E aí, como é a sensação de ser indestrutível?

– Doloroso – respondeu, sorrindo. – Obrigado pela força, meus pais me disseram que você esteve o tempo todo com eles. Minha mãe, em especial, adorou você. Obrigado mesmo.

– Por que você está agradecendo?

– Porque é o que as pessoas fazem ao receber uma gentileza? – questionou, confuso.

– E quem disse que foi uma gentileza? Isso vai lhe custar muito caro, está pensando que eu esqueci o cinema? Não, não esqueci. Agora, some o cinema com uma visita ao parque, ok? – sorriu e, sem esperar que o professor respondesse, continuou: – Você estava indo almoçar?

– Na verdade, estava indo apenas tomar um café. Não tenho dormido bem e o sono está como uma gorda de cem quilos sobre meus ombros – gesticulou como se segurasse alguém nas costas. – Bem que poderia ser alguém assim como você, você deve ter o que? Uns trinta quilos? – fingiu seriedade.

– Há há há, engraçadinho! Estou vendo que esse acidente deixou mais sequelas do que eu havia imaginado. Thomas Webber fazendo piadinhas? O mundo está prestes a acabar – zombou.

– Se quiser, posso parar – Thomas sorriu e começou a andar em direção à sala dos professores.

– Não... Acho que não, você é mais legal quando se comporta de forma idiota – Rachel gargalhou e deu um leve soco no ombro do professor. – Viu, não é só você quem sabe fazer piadas! Vou te acompanhar nesse café.

– Você é tão boa de piada quanto um anão é bom em salto em distancia, sabia?

– E você é tão bom em flertar como... Como... Ah, qualquer coisa que não faça o mínimo sentido.

– Precisamos aperfeiçoar esse seu lado comediante.

– Há há há – a professora fingiu gargalhar. – Ok, prefiro sua versão séria e chata. Vamos, abandone esse corpo e traga de volta o professor nerd de física!

Entraram na copa e foram direto para a máquina de café. Enquanto enchiam os copinhos, escutaram soluços e perceberam a presença da diretora, que estava sentada no lado oposto da sala, assoando o nariz com o lenço que visivelmente também usava para secar as lágrimas.

– Olá, Sr. Thomas, Srta. Rachel. Aproveitem o café, está uma delícia. Não há nada

melhor para um dia frio como esse. A temperatura está tão baixa que até fiquei resfriada. Se me dão licença, preciso ir – a diretora saiu da sala e deixou os professores sem saber o que fazer.

– Tem coisas por aqui que não mudam mesmo, não é? – comentou Thomas, voltando a atenção para a máquina de café.

– Pois é, mas coitada! O marido acabou de entrar com um pedido de guarda para a filha, ela está arrasada.

– Realmente, você não mudou nada. Continua fofqueira como sempre, Rachel – Thomas fingiu seriedade.

– Ah, cala a boca, seu idiota! Você continua o lerdo de sempre, nem pra me servir o café! – rebateu, encenando irritação.

Thomas riu, sentou-se e ficou olhando Rachel se servir de chá verde. Ela virou-se para ele, encostou-se na bancada onde ficava a máquina de café e começou a assoprar sua bebida. Ficaram em silêncio por um intervalo de tempo, que logo foi quebrado pela professora.

– Da próxima vez, deixe que eu vou até seu apartamento. Assim, não corremos o risco de você se matar voltando pra casa – tomou um gole da bebida quente e fez expressão de prazer. – Michelle, minha vizinha, disse que ouviu alguém sair do prédio cantarolando. Por favor, me diga que não foi você.

– Sua vizinha só pode ter sonhado com isso – Thomas sorriu. – Além do mais, alguém dormiu e me deixou a ver navios. Por que eu ficaria feliz com isso a ponto de sair cantando?

– Vai ver a visão da minha roupa íntima espalhada pela casa tenha mexido com seus hormônios – Rachel corou e enfiou a cara na xícara de chá.

Por mais que Rachel fosse divertida, popular e simpática, tinha um lado tímido e carente. Talvez por isso, a única coisa que lamentou com o término do namoro foi perder a companhia, mesmo que rara, de alguém com quem dividia seu tempo fora da escola, com quem saía, dormia e compartilhava as coisas mais bobas que lhe aconteciam. Ao seu ver, eram esses pequenos detalhes que davam sentido a vida. Porém, aos poucos, sentia que conseguia resgatar isso com a convivência com Thomas. Ele se importava, ria, interagia e brincava com ela.

Lá no íntimo, Rachel sabia que estava se apaixonando. Seu único medo era saber se seria correspondida. Contudo, desde o dia do acidente, ela resolveu investir. Enquanto pensava nisso, seu olhar se perdeu no de Thomas, e os dois se encararam por um instante. A sineta tocou, tirando-os do transe. Ambos engoliram o resto da bebida rapidamente e seguiram pelo corredor.

– Então, a gente se vê mais tarde? – perguntou Rachel, segurando a maçaneta da porta que dava acesso ao outro corredor.

– Certo – o professor respondeu, atrapalhado. – Podemos pedir uma pizza e assistir algo em casa mais tarde, o que acha? – era evidente que Thomas estava super encabulado ao fazer o convite. Olhou do chão para a moça e desviou sua atenção para o teto.

– Excelente! – Rachel disse, sorrindo. – Até mais tarde, então.

Thomas ficou ali por um instante, sorriu e, ao virar para retomar seu trajeto, ensaiou um giro perfeito. Por azar, acabou dando de cara com o inspetor, que o olhou como quem vê algo totalmente estranho.

– Boa tarde, Sr. Webber – cumprimentou e seguiu em frente.

– Er, boa tarde, inspetor Shane – respondeu Thomas, visivelmente sem graça.

Entrou na sala de aula com bom humor. As crianças do segundo período haviam lhe preparado uma surpresa, pendurando uma grande faixa na lousa que dizia:

“Seja bem vindo, professor! Você é o melhor!”.

Thomas agradeceu e saciou a curiosidade das crianças, contando de forma quase acadêmica como o acidente ocorrera. Em seguida, respondeu perguntas e mais perguntas antes de iniciar as atividades do livro. Quando seu expediente chegou ao fim, saiu da escola e ficou esperando Rachel do lado de fora, encostado no velho salgueiro.

De repente, uma sensação muito forte o incomodou. Seu estômago gelou, sua mão formigou e tudo ao redor ganhou suaves tons pastéis. Apenas uma única direção permaneceu com as cores saturadas, como se o convidasse a seguir em frente.

– Acho que você já sabe o que significa – disse o gato, sentando próximo ao rapaz.

– É evidente que alguém morreu, Thomas, e sua alma aguarda por você.

– Você vai chegar sempre assim, do nada? – questionou Thomas, assustado.

– Não sou eu quem chega “do nada” – ressaltou Dexter. – É você quem não presta atenção. E você precisa ir logo.

– Mas eu não posso! Onde estão as minhas cópias? Uma delas não pode ir no meu lugar? – Thomas olhou aflito para o animal.

– Se você sentiu a morte, significa que foi mais próximo de você do que de qualquer uma das suas sombras. Você não pode evitar isso, a sua vida depende disso.

Nesse momento, Rachel saiu apressada da escola e olhou para os lados à procura do professor. Seu sorriso se desfez, e uma expressão de desapontamento surgiu em sua face.

– Rachel! Estou aqui, bem na sua frente! – Thomas passou a mão na frente dos olhos da moça, mas ela permaneceu como estava.

– Não adianta, ela não pode te ver. Quando você percebe uma morte, fica invisível ao resto do mundo. Assim ninguém o vê fazendo seu trabalho, afinal o que pensariam? E

se a polícia chegasse e te encontrasse na cena de um crime? Seria complicado, não acha?

O professor concordou. Pela última vez, olhou para Rachel que, cabisbaixa, começou a andar em direção à rua. Thomas respirou fundo e correu em direção as cores.

– Espero que isso seja rápido, não quero furar no meu primeiro encontro, Dex – falou, correndo a toda velocidade que seu corpo magro e nada atlético permitia. O gato, veloz, seguia ao seu lado.

– Eu também espero, rapaz, mas nunca se sabe o que podemos encontrar à frente.

Correram por cerca de umas cinco quadras, dobraram uma última esquina e deram de frente com uma multidão. Passaram pelas pessoas como se não estivessem ali e, ao atravessar a última camada da multidão, encontraram o que estava gerando tanto alvoroço. Dois carros haviam se chocado; no primeiro, um homem estava recebendo ajuda e quase conseguindo se livrar das ferragens. Porém, o outro carro estava capotado e bem mais avariado que o primeiro. De dentro, uma mulher gritava, afirmando estar bem e pedindo ajuda, pois sua filha estava presa no banco de trás. De fato, era possível ver uma criança em meio aos destroços na parte traseira do carro.

Thomas olhou para Dexter. Parada ao lado do carro, uma linda garotinha de uns sete anos tentava ajudar a mãe a sair das ferragens. Estendia as mãos para, inutilmente, segurar as da mãe, que se projetavam para fora da janela. Contudo, suas mãos atravessavam os dedos da mulher, e a menina caía no chão, chorando. Ainda assim, levantava-se para tentar outra vez.

Thomas se aproximou e olhou para a garota, que agora corria de um lado para o outro, gritando para as pessoas a ajudarem a tirar a mãe do carro. Ao longe, o barulho de uma sirene soou da multidão, e várias pessoas agradeceram a Deus pelo resgate que estava a caminho. A garotinha sentou-se ao lado do carro, bem próxima à mãe, e continuou a chorar. Thomas a acompanhou e tocou-lhe o ombro.

– Você... – olhou espantada para Thomas, e levantou-se esperançosa. – Você consegue me ver? Ninguém mais consegue... Por favor, ajude a mamãe, ela está presa e não consegue sair! Venha, me ajude aqui.

– Não consigo ajudá-la, querida. Estou como você, sou invisível para eles. Diga-me, qual seu nome?

– Me chamo Clara – chorando, foi novamente se sentar ao lado da mãe. – E você, quem é? Por que ninguém mais pode nos ver?

– Clara, estou aqui para te ajudar. Você não pertence mais a esse mundo, vou te guiar para outro lugar, talvez um lugar bem melhor que esse.

– Não quero! Quero ficar com a minha mãe! – disse a menina, enxugando as lágrimas.

– A sua mãe não pode mais te ver, não pode te sentir, Clara... Você... Você está morta.

Clara arregalou os olhos verdes para Thomas. A criança tinha um rosto bonito, uma pele bem clara e cabelos ruivos como os da mãe.

– Estou morta?

– Sim – Thomas abraçou a menina, que, ao sentir o conforto dos braços do rapaz, deixou-se dominar pelo gesto.

Dexter circulava os dois como se estivesse protegendo-os, olhava para todos os lados temendo o pior. Não esperou o fim do abraço para interromper o professor.

– Thomas, você precisa ir rápido! Não preciso te explicar o risco que está correndo, certo?

– Certo! – disse, com pressa.

Thomas afastou um pouco a garotinha e colocou a mão sobre seu peito. Imediatamente, sentiu algo muito agradável. Viu seu nascimento, sua infância, suas brincadeiras com os pais, suas alegrias e o amor que somente as crianças têm quando estão nessa época de inocência. Sentiu muitas coisas, inclusive sua dor ao perder o pai e a tristeza ao ver a mãe tendo que cuidar sozinha dela. Thomas presenciou todo o drama da mãe criando a filha, educando-a e tendo que trabalhar à noite para poder se sustentar. Por fim, viu a filha chamar a mãe, que cochilou por um instante na direção e atravessou o sinal vermelho, causando o acidente. Thomas presenciou toda uma vida, curta, porém bela.

Quando estava para pronunciar a palavra que a levaria ao céu, Dex gritou, e a garota foi arrancada dos seus braços. Uma densa fumaça se formou na frente de rapaz, o impedindo de fazer qualquer coisa.

– Venha, Thomas, ela está sendo levada!

Com um movimento de Dexter, a fumaça se dissipou. O rapaz olhou para o lado e viu uma figura bem vestida, com um casaco preto longo e uma cartola elegante. Corria muito rápido com Clara no ombro, enquanto a garota gritava assustada e estendia a mão, pedindo ajuda. O ódio correu pelo corpo de Thomas e, num salto, o rapaz começou a perseguir a criatura por várias ruas até dobrar uma esquina e entrar num beco sem saída. Quando Thomas estava quase alcançando a mão de Clara, bateu numa espécie de parede invisível, caindo no chão. Levantou-se, mas não conseguiu ir adiante por causa da barreira. Dexter começou a arranhar a parede na tentativa de rompe-la. O homem do outro lado sorriu. Ajeitou a cartola e o casaco, encarando Thomas:

– Então você é o novato? Hm, não me parece grande coisa – disse, em tom de desdém – Bem, sorte a minha não?

O homem era magro e movia-se de uma maneira refinada, gesticulando de modo teatral. Voltou-se para Clara e cheirou-a:

– Que delícia de energia...

Imediatamente, seu corpo explodiu em chamas. Quando essas se apagaram, o homem virou uma criatura que crepitava em brasas, com uma boca vertical que ia desde a sua cabeça até a sua barriga. Ria de maneira pavorosa, enquanto Clara gritava e chorava. No momento em que a menina tentou fugir, o monstro a apanhou pelo calcanhar.

Thomas estava paralisado, como se seu sangue houvesse congelado e isso o impossibilitasse de se mexer. Clara olhou para ele e o chamou, clamando ajuda. Imediatamente, um calor tomou outra vez o corpo do professor, e Thomas se levantou, pronto para reagir. Sentiu uma energia muito forte vindo de dentro do seu âmago, se juntou a Dexter golpeando a parede invisível com intensidade. No terceiro golpe, a barreira já estava trincando.

A criatura olhou para ele e se apressou, engolindo Clara no mesmo momento em que Thomas desferiu o soco que arrebentou a parede.

– Não! – gritou o jovem ao ver a criatura devorar a criança. – Seu maldito!

Mas era tarde. Quando se aproximou do monstro, ele se desfez em fumaça e desapareceu por completo. Thomas caiu de joelhos ainda em fúria, socando o chão.

– Me diga, Dexter, aonde ele foi? Como posso encontrar esse maldito?

Dexter olhou para o céu e, em seguida, para o rapaz.

– Aqui, bem aqui. Disputando almas perdidas no meio dessa imensa cidade. Será desse jeito que vocês vão se encontrar.



Capítulo 6 - Amor

“A felicidade em si é o silêncio que precede a tormenta.”

– Saiba que, ainda assim, estou chateada com você – Rachel tomou a pipoca de forma ríspida da mão do rapaz. – Aquilo não se faz, muito menos com uma garota.

– Rachel, já te pedi perdão mil vezes, admiti que foi lamentável... O que mais posso fazer para enterrarmos esse assunto? – Disse Thomas, impaciente.

– Não vamos enterrá-lo, e você diz isso porque não foi com você. Mas estarmos aqui hoje (e tenho que acrescentar um “finalmente”) já é um começo – sorriu, pegou uma pipoca e jogou em Thomas.

– Poxa, pensei que, depois de aceitar assistir a um filme desses, seria perdoado automaticamente. Além do que, desconfio de que esse é um daqueles filmes mega românticos, em que os atores passam noventa por cento do tempo fazendo declarações de amor, tipo assim: “Ó, meu amor, eu te amo muito”... “Não, querido, eu te amo muito mais”... “Duvido, meu amor, de que você possa me amar mais do que eu te amo”... – Thomas gesticulava e contracenava consigo mesmo. Rachel o olhava boquiaberta e, no final da encenação, jogou mais algumas pipocas nele.

– Isso foi você imitando o casal do filme Crepúsculo?

– Foi tão evidente assim? – zombou.

– Você é um completo idiota, sabia? Vamos, a fila andou – sem deixar o rapaz ver, ela sorriu da apresentação. Eram poucas as vezes que Thomas reclamava de algo ou agia de forma sarcástica.

Thomas adorava cinema, sentia-se muito bem naquele ambiente. Porém, era a primeira vez que ia sozinho com uma mulher. Quase sempre, costumava frequentar as sessões com colegas da faculdade ou seu amigo Lukas.

O cinema ficava a dez minutos de sua casa. Era uma agradável noite de sábado e fazia um tempo levemente frio, o que propiciava esse tipo de programa. Thomas chegou exatamente às dezoito horas na recepção do apartamento de Rachel, como fora combinado no dia anterior. Estava meio nervoso por ter furado com a professora na última vez em que marcara de encontrá-la. Tocou o interfone e ficou aguardando. Olhou para a rua e lembrou-se da noite do acidente. Com um nó no estômago, evitou observar o cruzamento – da última vez que esteve na região, caminhou para a morte.

– Alô? Thomas? – uma voz artificial saiu de forma mecânica e levemente chiada do interfone

– Oi! Só queria avisar que já cheguei e estou te aguardando.

– Já estou descendo, me dê mais uns cinco minutos.

Enquanto esperava, uma mulher se aproximou e pediu licença para entrar no prédio

– Boa tarde! – disse a desconhecida, exibindo um polido sorriso. – Você deve ser o novo namorado da Rachel, certo?

– Novo namorado? – perguntou, envergonhado e constrangido.

– Sim, você não é aquele que saiu cantando de madrugada? – a mulher piscou para Thomas, acrescentando: – A noite deve ter sido daquelas, heim? – abafou uma risada. – Meu nome é Michelle, qual é o seu?

– Thomas – o professor estendeu a mão.

– Como eu poderia esquecer! Você é o rapaz do acidente, não é mesmo? – Michelle retribuiu o aperto de mão.

– Eintein! – exclamou uma Rachel sorridente ao descer as escadas – E Michelle, vejo que vocês já se conheceram.

– Sim, ele é adorável! Parabéns, Rachel, ele parece ser um cara legal. Agora preciso ir, tenham uma boa noite e divirtam-se! – a mulher piscou novamente, como se insinuasse algo pervertido.

– Ela é sempre assim? – Thomas olhou para Rachel com cara de quem nunca tinha visto uma pessoa como aquela.

– Sim, sempre. Faltam-lhe alguns parafusos, mas é gente boa

O professor balançou a cabeça, como se quisesse esquecer o episódio. Estendeu o braço para a moça e sorriu:

– Posso?

Rachel entrelaçou o seu braço ao de Thomas.

– Claro. Um pouco de romantismo não faz mal a ninguém – respondeu.

Ganharam a rua e seguiram comentando a respeito da vizinha de Rachel, sobre como ela era inapropriada com os comentários e como se vestia mal. Brincaram sobre o porquê, com trinta e oito anos, Michelle ainda não havia arranjado alguém.

Thomas notou que a professora tinha caprichado no visual. Estava deslumbrante com seu vestido branco e sem alças, que terminava um pouco acima do joelho; e suas sandálias de salto, que a deixavam com uma silhueta mais firme. Seu cabelo estava escovado e caía como uma cachoeira sobre os ombros. Usava também uma maquiagem leve, porém bem-feita e de extremo bom gosto. Ela realmente sabia se vestir, o que fez o coração de Thomas disparar e as suas mãos suarem.

– Acho melhor você colocar o casaco – Thomas pegou o casaco e se ofereceu para ajudá-la – Não quero que você fique resfriada como a Sra. Adisson.

– É só não me fazer um filho e depois tomá-lo de mim. Ou você realmente achou que ela estava gripada? – disse, passando um braço para dentro da manga do casaco.

– Não, não achei. – Thomas sentiu o perfume da garota e notou sua pele sedosa, num impulso de coragem, deixou as palavras saírem – Sabe Rachel, você está muito bonita. Acho que é a mulher mais bonita que já vi até hoje.

Ambos trocaram olhares e coraram.

– Ou você quer dizer que sou a mais bonita com quem você já saiu? – Rachel debochou na tentativa de melhorar o clima.

– Bem, isso é uma pequena verdade – o professor sorriu. – Verdades à parte, vamos sair do meio da rua. Não tenho muita sorte com os carros dessa redondeza.

Eles sorriram e continuaram a caminhar, chegando finalmente ao cinema.

As luzes da sala se apagaram, e o murmúrio de algumas pessoas, misturado com a ansiedade de outras, só colaborou ainda mais com o nervosismo de Thomas. O professor não sabia se erguia ou não o apoiador de braço que separava sua poltrona da de Rachel, mas a moça tomou a iniciativa e ergueu o dispositivo, encostando-se no peito do rapaz. Thomas sentia o coração bater na garganta e frio seguido de calor. Eram muitas sensações misturadas, contudo a melhor delas foi abraçá-la, o que ele não hesitou em fazer.

Os *trailers* começaram a passar na tela e, nesse momento, aquela simples sala de cinema havia se transformado em um lugar mágico e especial. Em pouco tempo, o filme iniciou. Logo nas primeiras cenas, um jovem se declarou para uma bela senhorita com roupas de realeza, dizendo amá-la e afirmando que não existiria homem naquela guerra que pudesse impedi-lo de voltar e pedir sua mão em casamento. Por fim, beijou-a e partiu.

Rachel suspirou e virou-se para Thomas, visivelmente emocionada.

– Não é lindo? Eles não são perfeitos? – a moça passou a mão pelo rosto de Thomas, olhou-o nos olhos e se aproximou. O rapaz corou ainda mais, sentindo que seu rosto iria queimar, mas não recuou. Passou a mão por trás do cabelo de Rachel e a beijou.

O beijo demorou um longo tempo, foi lento e verdadeiro, cheio de carinho e cuidado. Thomas a segurava com firmeza, e Rachel sentia-se confortável em seu domínio. Finalmente, ele tinha em seus braços a mulher que desejou durante muito tempo, e agora tinha a certeza de que seu sentimento estava se tornando recíproco.

O beijo acabou como começou – devagar, suave e doce. Rachel ficou olhando para ele, e o rapaz reforçou o abraço.

– Nunca mais quero viver sem isso – disse Thomas, ao pé do ouvido de Rachel.

– Nem eu – sussurrou a moça em resposta. – Mas, por ora, podemos voltar a assistir ao filme – sorriu e virou-se novamente para a tela, na tentativa de mascarar sua vergonha. Por mais que Rachel já tivesse ficado com outros rapazes, aquilo era diferente, diferente até mesmo do seu relacionamento sério com o estudante de medicina. Sentia que estava acontecendo algo especial e que, desta vez, poderia ter encontrado o cara certo.

Depois da sessão de cinema, Rachel e Thomas passaram a se ver todos os dias durante e depois da escola. Era visível para todos do colégio Klaus Phillips que ambos estavam felizes, mesmo que ainda ninguém tivesse entendido o porquê. Começaram a dar as aulas contando os minutos para se verem depois do expediente. Tinham sempre algo bacana para fazer: ou assistiam a filmes, ou jogavam videogame, ou cozinhavam e experimentavam comidas novas.

Assim, passou-se o mês. Algumas vezes, Thomas dava uma sumida, pois seu serviço como Ceifador continuava. Sempre se surpreendia com as várias formas e os diferentes momentos em que as mortes aconteciam. Muitas vezes Thomas se emocionava com as histórias das pessoas que ele enviava para o céu. Algumas, infelizmente, não tinham salvação e eram enviadas para o inferno. Essas eram as que mais geravam repulsa em Thomas, pois, ao visualizar seus atos, testemunhava atrocidades que jamais pensou existir.

Thomas acreditava que, se não tivesse Rachel, não conseguiria sobreviver àquilo. Era quase que uma tortura visitar tantos cenários de mortes e ver tantas injustiças. Começou então a entender o que Dexter tinha dito quando lhe falou que era necessário conhecer o ódio e o amor para julgar as almas.

Por outro lado, a cada alma que dava cabo, sentia sua energia e força aumentar. Não conseguia explicar, apenas sentia no seu íntimo que algo estava diferente. Toda vez que isso acontecia, lembrava-se de quando socou até partir ao meio a parede invisível que o impossibilitou de resgatar Clara, a criança arrancada de seus braços e devorada por uma criatura maligna. Thomas tinha quase certeza de que, se fosse agora, com sua energia mais poderosa, conseguiria salvá-la.

Dexter, seu gato que também era uma espécie de guardião, permanecia o de sempre. Às vezes, Thomas quase esquecia que ele não era um simples animal, porque suas manias e costumes felinos continuavam os mesmos. Dexter sempre se colocava sobre o balcão da cozinha na hora das suas refeições e, depois, passava a maior parte do tempo na janela, olhando o movimento da rua. Quando Thomas assistia TV, o bichano se acomodava no sofá e o fazia companhia.

– Dex! Seu fofo! – disse Rachel ao chegar ao apartamento do namorado e encontrar o gato no sofá. Ela o adorou desde a primeira vez em que o viu, e não foi muito difícil para Dexter se entregar às carícias da jovem. – Trouxe biscoitinhos de carne, e sei que você vai adorar.

O felino comeu tudo e lambeu os dedos da professora que, agora, afagava seu pelo. Enquanto Rachel conversava com Thomas, adormeceu.

Thomas olhou a namorada com o gato no colo, era algo que não estava acostumado a ver, tinha Dexter a muito tempo e estava acostumado a vê-lo sempre quieto, observando pela janela ou fazendo-o companhia, vê-lo assim tão a vontade no colo de Rachel era estranho, porém, era algo bom de se observar.

– Você o adora, não é mesmo? – perguntou, enquanto retirava algo na geladeira.

– Sim, tem como não gostar? Ele é tão fofo, tão inteligente e é sempre tão carinhoso... Mas, me conta, o que você tanto faz, enfiado aí nessa geladeira?

– Veja você mesma – Thomas seguiu em direção à sala com uma bandeja que sustentava uma tampa de sobremesa.

– Hum, que maravilha! Alguém deu uma de mestre-cuca! O que você preparou de gostoso para mim, heim? – Rachel recebeu a bandeja, levantou a tampa e parou de tagarelar. Olhou para Thomas e novamente para a sobremesa, estupefata. Por fora, era uma simples gelatina de limão, mas, em seu interior, Thomas havia colocado um bilhete, onde estava escrito “Namora comigo?”. De incremento, ainda havia o anel de compromisso, posto cuidadosamente no centro do doce, entre o “namora” e o “comigo”.

A moça permaneceu imóvel por alguns segundos e, em seguida, pulou do sofá para abraçar Thomas, que, à sua frente, esperava por uma resposta. O rapaz se surpreendeu pela reação da professora que, ao se lançar aos seus braços, derrubou Dexter, fazendo-o ir direto ao chão. Rachel começou a chorar, emocionada, com suas lágrimas lentas descendo em direção à boca. Thomas acolheu-a em seus braços e sussurrou ao pé do ouvido:

– Você me deve uma resposta.

Rachel soluçou e acariciou os cabelos da nuca do rapaz.

– Nunca alguém me tratou com tanto romantismo, nunca mesmo. Estou me sentindo a pessoa mais sortuda do mundo. Você tem o dom de me fazer sentir especial e única. E é claro que minha resposta é sim.

Thomas sorriu, olhou para o gato que os encarava do sofá e notou que ele se curvou levemente, como se o parabenizasse. O professor sabia que, naquele momento, não era o animal que agia, mas uma entidade de poder e inteligência sobrenatural.

– Fico feliz que tenha aceitado, não foi nada fácil preparar essa gelatina. Devo acrescentar que não está boa apenas esteticamente, o sabor deve estar à altura. Além do

mais, que outra opção você tem senão comê-la para pegar o anel?

A professora enxugou as lágrimas na manga da blusa e se soltou do abraço, sorrindo.

– Você achou mesmo que eu não ia comê-la? Está linda e eu adoro limão! Espero que você tenha feito uma pra você, porque essa é minha e não te darei nenhum pedaço.

Sentou-se com a bandeja no colo, pegou o talher e começou delicadamente a comer a gelatina. Tirava pedaço por pedaço, contornando o anel e deixando-o para o fim. Depois de alguns minutos, segurou a aliança, admirada. Limpou-a no guardanapo e colocou no dedo anelar direito; em seguida, estendeu a mão na frente dos olhos e sorriu.

– Agora é oficial, estou namorando o professor esquisitão de física – Rachel gargalhou e, em seguida, beijou Thomas.

Aquela noite ficou marcada na vida do casal, assim como o resto da semana, quando anunciaram para amigos e conhecidos que estavam namorando. Rachel e Thomas eram o modelo perfeito de casal, estavam sempre juntos, sorrindo e conversando. Certa vez, a diretora Adisson, ao cruzar com os professores, ficou os admirando. Eles a fizeram se lembrar da época em que namorava com Shane.

Os dias passaram de forma pacata. O casal seguia dando aulas e, depois, ia para o apartamento de Thomas comer, jogar videogame e assistir a TV. Às vezes, os dois se ajudavam a corrigir provas e lançar notas no sistema da escola; em outras, o professor inventava que precisava comprar algo ou buscar algumas provas que esquecera na escola, quando, na verdade, ia prestar serviços como Ceifador.

Até aquele momento, o casal vivia um período de paz – mas todo momento de calma dura só até a tormenta chegar.



Capítulo 7- “Eu julgo tu julgas”

“O poder de destruir deveria pertencer somente ao criador, mas o homem desenvolveu o hábito de brincar de Deus.”

– É apavorante não é mesmo?

– Sim, me arrepia só de olhar.

– As pessoas temem passar por aqui, preferem dar a volta lá pela outra rua, percorrendo uma distância bem maior, só para evitar a estrada dos Pilgrim’s.

A estranha dupla estava debruçada sobre uma precária cerca viva, que margeava uma antiga construção. A casa tinha aspecto sombrio; a pintura havia desgastado; a porta principal e as janelas estavam emperradas por duas tábuas pregadas, o que impedia a entrada de visitantes e curiosos; alguns vidros foram quebrados e existiam pichações nas paredes. Aquela era a antiga residência da Família Pilgrim, composta pelo pai, Foreman, um militar de pulso firme que controlava rigidamente seus familiares; sua esposa Marilian, professora e mãe devotada; e os dois filhos do casal, Joseph e Adam, duas crianças bem-comportadas e estudiosas. Em geral, os Prilgrim formavam uma família razoavelmente normal.

Mas histórias de famílias normais não tornam uma casa mal-assombrada, e sim eventos catastróficos. Em uma manhã de abril do ano de 1999, Georgina, a doméstica, estava chegando à residência dos Pilgrim para mais um dia de trabalho. No entanto, naquela manhã Georgiana não realizou seus afazeres. A única coisa que fez foi gritar, profundamente aterrorizada, com o que encontrou ao abrir a porta. Para entender o fato, contudo, precisamos voltar um pouco mais no tempo.

Foreman estava em serviço militar após receber a missão de reconquistar um território invadido na fronteira sul do país. Em um barraco no final de uma rua tomada pelos imigrantes, Foreman encontrou quatro pessoas: uma mulher, seu marido acamado e duas crianças. A moradia era extremamente suja, fedia a comida estragada e a fezes, e o militar não conseguia compreender como alguém poderia morar ali. Encheu-se de raiva ao ver aquilo, pois, no quartel, recebeu muitas palestras e orientação sobre como os estrangeiros destruíam a economia do país. O capitão olhou para aquelas pessoas e pensou consigo mesmo que não permitiria que aquele tipo de gente estragasse a pátria que lutou para construir para seus filhos. Ordenou então que saíssem, mas as crianças e a mulher se negaram, deitando-se sobre o homem na cama e permanecendo ali, mesmo

com os gritos enfiados dos soldados armados. Foreman pediu que seus homens os arrancassem a força e, nesse momento, a mãe pulou sobre eles, arranhando-os na tentativa de expulsá-los.

Os soldados lutaram contra ela, procurando não machucá-la, mas Foreman a agarrou pelo braço e a puxou com violência. A mulher caiu no chão e começou a chorar. Uma das crianças, o menino de olhar vidrado e que parecia ser o mais velho, pegou uma panela e rumou para cima do comandante que havia se abaixado para erguer sua mãe pelos cabelos. O garoto o acertou em cheio num golpe rápido que surpreendeu Foreman. O comandante caiu com a testa ensanguentada, e seu sangue escorreu sobre seu olho.

Forman encarou o garoto, sacou a arma e desferiu três tiros fatais – um no pai, um na mãe e o outro no irmão. O comandante levantou e, antes de sair, ordenou que levassem o garoto, dizendo que esse era o preço por ser tão insolente. “Sua família morreu por sua culpa”, completou.

Depois desse episódio, Foreman foi afastado do cargo e ficou preso em um processo militar que se arrastou por dez anos, foi condenado mas não chegou a ser preso, respondeu em liberdade, regalia dos seus contatos políticos. O garoto foi levado e, pouco tempo depois, dado como perdido. Alguns disseram que ele escapou no primeiro descuido dos guardas e que era possível que ainda estivesse no país. Os militares que presenciaram o extermínio se calaram, mas quando foram indiciados a falar no julgamento do comandante, narraram com terror que jamais esqueceriam o olhar daquele garoto para Foreman no momento em que sua família foi assassinada. Mesmo quando foi arrastado para fora da casa, ainda o encarava.

Dez anos se passaram.

Na noite que precedeu a manhã em que Georgina chegou à casa dos Pilgrims, um estranho se aproximou, pulou a cerca e se esgueirou até o fundo da casa. Pela janela, observou a família: os filhos já haviam se recolhido para seus respectivos quartos, enquanto Foreman permanecia na sala e sua esposa lia na cama.

O invasor aguardou até a mulher adormecer e, em seguida, foi até o quarto do primeiro filho do casal. Joseph dormia profundamente e não sentiu quando sua boca e nariz foram sufocados por um lenço embebido em uma substância que o fez perder todos os sentidos. O mesmo aconteceu com Adam, mas esse dormia um sono leve e se remexeu na cama quando sua respiração foi abafada. Por último, foi a vez de Marilian. Sua reação foi um leve espasmo na mão, rápido o suficiente para derrubar o livro que estava ao seu lado. No andar de baixo, Foreman continuava imerso na programação da TV.

Sorratamente, o estranho seguiu até a sala, aproximou-se do ex-capitão e encostou o cano do revólver em sua têmpora. Disse para o homem não tentar nada,

apenas fazer o que lhe fosse ordenado. Mandou-o tirar o cinto da calça, amarrando firmemente as mãos do militar nas costas, e o obrigou a ficar de joelhos. Ordenou então que, de joelhos, Foreman seguisse até a cozinha sem olhar para trás. O capitão, em total desespero, obedeceu.

Tudo estava escuro no cômodo quando Foreman foi amarrado na coluna que sustentava a bancada de frutas. Em seguida, o desconhecido acendeu a luz, e os olhos do capitão brilharam em desespero. Ali, presa aos móveis da cozinha, estava sua família, desacordada. O estranho se abaixou na frente de Foreman, puxou o capuz que cobria o rosto e se expôs ao militar. Mesmo depois de tanto tempo, Foreman reconheceu o olhar do garoto que viu os pais e o irmão serem mortos pelas suas mãos. Jamais esqueceu aqueles olhos e, como num *déjà vu*, encarava-os novamente.

– Olá capitão! Saudades? – ironizou. – Você é o culpado por tudo isso.

O invasor pegou um frasquinho em seu bolso, foi até Marilian e borrifou um líquido no nariz da mulher, fez o mesmo com os filhos. Marilian despertou quase que imediatamente e, ao ver o marido amarrado, entrou em um desespero mudo, pois a mordaca em sua boca e as amarras que a prendiam só a permitiam se debater um pouco. O ex-militar chorava. Sabia que não adiantaria gritar, pois sua residência era afastada e o vizinho mais próximo ficava a quase um quilômetro de distância. Ainda que existissem casas por perto, só o gigantesco quintal já seria o suficiente para abafar os gritos.

O rapaz sacou um facão, que reluziu enquanto o jovem andava pelo cômodo. Novamente se agachou perto de Foreman e sussurrou:

– Você é o culpado por tudo isso – repetiu – igual quando me disse que eu fui o culpado pela morte dos meus pais e irmão. – acrescentou.

Voltou-se para a família do capitão. Seu alvo inicial foi Adam, e os olhos do menino se encheram de terror quando o invasor encostou a lâmina em seu pescoço. Seu irmão, por sua vez, se desesperou ainda mais, esperneando com tanta violência que o armário onde estava preso começou a balançar de um lado para o outro. Sua reação fez com que ele se tornasse a primeira vítima da noite – de forma certa, o algoz abriu um longo e profundo corte no pescoço de Joseph.

Foreman gritou muito alto, na esperança de que alguém pudesse escutá-lo. Seus gritos, porém, se tornaram mais intensos e desesperados quando Adam e Marilian também foram degolados. Quando só restou o capitão e o assassino, seu corpo havia amolecido. Foreman estava imerso numa mistura de arrependimento, medo, raiva, decepção e, principalmente, ódio. O sangue dos seus entes queridos se espalhava lentamente, chegando até onde ele estava ajoelhado. Suas lágrimas escorriam pelo seu rosto e caíam sobre o líquido rubro, formando um estranho círculo vermelho claro em meio ao mais escuro e denso.

Usando o sangue da família, o assassino escreveu em vários pontos da casa: “*Aquele que um dia foi injustiçado aqui fez justiça*”. Antes de ir embora, encarou Foreman e colocou o cano do revólver em sua testa. Sem hesitar, disparou.

Na manhã seguinte, quando Georgina entrou na casa, ficou em choque ao se deparar com os cadáveres. Saiu gritando, percorreu toda a rua; cerca de uns cinco quilômetros, e só parou ao chegar do outro lado do quarteirão. As pessoas a seguraram e tentaram acalmá-la, tarefa esse que não foi fácil. Depois de quase meia hora sem conseguir falar, Georgina pronunciou *Pilgrims, mortos e sangue*. Várias pessoas se amontoaram na casa antes da polícia chegar e isolar o local.

Depois disso, a casa não mais recebeu moradores. Ficou famosa pelo assassinato quádruplo e pessoas vinham de longe para tirar fotos, fazer reportagens e se inspirar no crime para escrever contos de assassinatos. Os parentes nunca reivindicaram a construção, e ela ficou abandonada, exceto pelos metidos e corajosos que desafiavam uns aos outros a passarem uma noite inteira na casa. Nunca ninguém ganhou essa aposta, o máximo que um jovem conseguiu certa vez foi ficar até às três da manhã, quando saiu correndo e gritando desesperadamente. Os poucos que se aventuraram a tentar dormir na residência narram que o capitão Foreman ainda permanecia lá, importunando aqueles que ousam invadir sua residência.

– E é isso, Thomas, essa é a história dessa casa – disse Dexter enquanto caminhava em direção à antiga residência dos Pilgrim’s.

– Tem certeza de que estamos no lugar certo, Dex? – Thomas olhava sobre a cerca de trepadeiras que um dia fora viva e que, agora, não passava de gravetos pendurados num esqueleto de madeira.

– Sim – disse o gato, sentado sobre o portão. – Se prepare, pois o que está por vir é bem mais que um simples julgamento.

Thomas observou a casa mais uma vez, suspirou e saltou sobre a cerca. Não era alta e não ofereceu grandes problemas, e o mato que tomara conta da antiga grama absorveu bem o impacto do salto. O professor seguiu pelo quintal de forma receosa, e, ao forçar a porta dos fundos, percebeu que estava trancada e pregada. Deu a volta em torno da construção, testando todas as possíveis entradas, mas qualquer uma delas estava inacessível. Ao retornar ao seu ponto de partida, encontrou uma porta com as tábuas arrancadas, visivelmente arrombadas pelos curiosos. Dexter parou bem próximo a ela, hesitou curioso e, com a pata, empurrou-a. Ela abriu, não sem antes emitir um barulho desconfortável.

Thomas entrou na frente, seguido pelo felino que olhava de um lado a outro.

– Temos de ter cuidado, esse tipo de espírito já está há muito tempo nesse plano. É

quase certeza que ele já tenha aprendido a movimentar coisas, arremessá-las e até mesmo atacar. Pessoalmente, acho que não consegue investir contra nós, já que não tem corpo, mas eu preferia um soco a um armário caindo sobre mim – o animal parou no meio da cozinha e olhou para os lados, observando os móveis. – Esse lugar foi cenário de algo horrível.

– Verdade, posso sentir... Só sentir, porque explicar não consigo.

– Isso é algo esperado, seus sentidos ficam mais apurados. Provavelmente, você está com uma leve tontura e, se prestar mais atenção, perceberá que também sente cheiro de sangue.

O rapaz fechou os olhos e inspirou fundo. Soltou o ar e lentamente inspirou de novo.

– Estou sentindo! De forma suave, mas consigo reconhecer o cheiro. Esse lugar... – fez uma pausa – Me deixa nervoso.

Os armários, o chão e uma das colunas que sustentava a fruteira apresentavam manchas enormes e uniformes, como se alguém tivesse tentado limpar sem êxito uma substância que ficou tempo demais sobre a superfície, penetrando-a fundo e tornando-se impossível de ser removida. Conforme Thomas avançava, o piso de madeira rangia. Vez ou outra, os móveis estalavam, entretanto o que deixava o local com a aparência mais fantasmagórica era a luz que entrava pelas frestas das janelas, fazendo vários ângulos e, como flechas, atravessando os cômodos até encontrar as paredes ou o chão. As cortinas dançavam sinistramente, alimentadas por uma corrente de ar que insistia em assobiar entre as fendas.

Passaram pela sala vazia e viraram-se de costas para a porta principal. Na parede oposta a quem entra na casa, ainda era possível ler uma frase borrada, certamente pela insistência da pessoa que tentara limpar. Thomas virou a cabeça de um ombro a outro e, juntando as letras, sussurrou para si mesmo:

– “Aquele que um dia foi injustiçado aqui fez justiça”.

– Como eu disse, foi uma história horrível. – lamentou o gato.

Dexter então começou a contar mais detalhes sobre o que aconteceu naquela noite de abril. Após algum tempo, e quando o gato contava novamente sobre a corrida de Georgina até o fim da rua, ouviram um barulho alto vindo do cômodo de cima, como uma porta batendo contra o batente.

– O que foi isso? – Thomas se levantou, assustado.

– Exatamente aquilo que viemos procurar – disse o felino, subindo as escadas.

Mais barulho, mais batidas. Thomas sentiu um certo pânico, cerrou os punhos e continuou subindo as escadas. Ao final, encontraram um corredor que dava para três portas. Novamente, ouviram os barulhos, e eles vinham da porta central que ficava no final do corredor.

– Aquele era o quarto do casal, essas outras duas portas laterais dão para o aposento dos filhos. Precisamos entrar, essa alma já ficou tempo o suficiente aqui.

– Mas... – Thomas parou, pensativo – Por que nenhum ceifador a encontrou para julgá-la? – questionou, na esperança de retardar um pouco o que estava por vir.

– O ceifador veio – o gato falou e lançou um olhar sem emoção. Balançou o bigode e continuou: – Mas essa alma estava por demais carregada de ódio, não aceitava o fato de estar morto. Queria vingança e queria matar o seu assassino, então lutou. Todos são compostos de energia, você mesmo, quando está nesse trabalho, nada mais é do que energia. A alma em si é energia, então ela consegue resistir, correr para longe e se esconder. O ceifador consegue sentir a morte, mas farejar espíritos é algo bem mais complexo.

– Então a família do capitão foi julgada, mas ele mesmo não? Por isso ficou aqui, assustando quem quer que seja?

– É o que dizem. Estive estudando essa residência e escutando alguns moradores que, em noite de bebedeira, sempre contam um conto no bar. Se bem que, a cada vez que ouço a história, um ponto a mais surge na versão do último bêbado.

Um grito alto e assustador veio de dentro do quarto. O sangue de Thomas congelou nas veias, Dexter recuou e, em seguida, acenou para Thomas entrar. O rapaz abriu a porta, mas teve de se abaixar imediatamente, pois uma gaveta voou em sua direção. Thomas protegeu o rosto e seguiu em frente.

– Olhe! – gritou o gato.

Thomas tirou os braços da frente do rosto e procurou pelo que Dexter estava mostrando. Havia duas crianças de aproximadamente uns nove anos suspensas na sua frente, como se alguém bem maior que elas estivesse as erguendo pelas cabeças. Os meninos tentavam se libertar, mas era visível que estavam esgotados. Sem conseguir lutar contra a força que as içava, desmaiaram.

Foi então que Thomas viu, logo atrás das crianças, um homem alto e forte, de rosto muito marcado e com um olhar de ódio.

– Solte-as! – gritou o rapaz.

O homem se espantou, olhou para Thomas e para o gato que o encaravam.

– Vocês podem me ver? – questionou.

– Sim! E preciso que você solte essas crianças.

– Cuidado, Thomas, essa alma está muito mais poderosa do que eu imaginei! Ele consegue segurar humanos, isso é algo impressionante! Retiro o que eu disse sobre ele não conseguir te agredir.

O homem tinha um aspecto espectral, movia-se mecanicamente como se suas juntas quebrassem a cada movimento. Falava com uma voz seca e arrastada, seu tom de voz era alto e raivoso.

– Por que? Por que tenho que deixá-los ir? Estou farto desses idiotas que invadem minha casa, zombam do que aconteceu com minha família e brincam com algo que desconhecem. Peguei esses dois fazendo apostas sobre quanto tempo conseguiriam ficar depois que ouvissem o primeiro barulho suspeito. Há dias, eles rondam minha residência e ficam lá na frente, debruçados sobre a cerca, contando histórias e mais histórias, rindo, gargalhando, tacando pedras nos vidros das minhas janelas. Como, então, vocês podem me pedir uma coisa dessas?

– Você está morto, Foreman! – gritou Dexter

Ao ouvir isso, o homem parou de falar. Recuou um passo, ainda com as crianças suspensas, mas agora a meia altura a menos do que estava antes.

– Você morreu, Foreman – repetiu o felino. – E precisa aceitar isso. Precisa ser julgado e abandonar esse lugar de uma vez por todas. O que fizeram com sua família foi algo terrível, mas...

Dexter teve que saltar para longe, pois o homem, ao ouvir sobre sua família, enfureceu-se e jogou um dos garotos na direção do gato. O outro foi arremessado com mais força em Thomas que, sem tempo de se desviar, caiu junto com o menino. O fantasma sumiu, atravessou a parede e tudo ficou em silêncio.

– Dexter, está tudo bem? O garoto está vivo?

Dexter estava parcialmente por baixo de uma caixa, que caiu sobre ele devido ao pulo mal projetado, com as garras riscando o chão, conseguiu se livrar e foi examinar o menino.

– Sim, ele está respirando. Precisamos tirá-los daqui.

Thomas jogou um dos meninos sobre o ombro, mas não conseguiu suspender o segundo. Abraçou-o pelo peito e o arrastou escada abaixo. Aos trancos, chegou até a porta da cozinha e deixou ali o garoto que havia arrastado. Correu com a criança que continuava sobre o seu ombro até o portão, onde a encostou, e voltou à casa para fazer o mesmo com a outra. Assim que se certificou quanto a segurança dos meninos, retornou à sua batalha.

– Dex, tem alguma ideia sobre o que fazer? – perguntou para o gato que o aguardava na porta.

– Tenho, vai lá e julgue-o – Dexter virou e entrou novamente na casa.

– Engraçadinho, estou falando sério. Esqueceu que sou novo com esse tipo de coisa?

– Estou falando sério também. Isso é tudo o que eu sei, o resto vai de improviso. Não podemos deixá-lo se aproximar, te pegar ou te ferir, isso seria o seu fim.

– Isso me empolga tanto... – Thomas provocou – Não podemos simplesmente virar as costas e deixá-lo aí? Colocamos uma placa de aviso lá na frente dizendo que a casa está assombrada ou que tem um vazamento de gás tóxico?

– Thomas, agora mais do que nunca precisamos julgar essa alma, e digo isso por dois motivos. Primeiro: ele consegue contato físico com os humanos, mesmo não tendo um corpo material. Segundo: ele se tornou uma entidade extremamente energética, já pensou o que aquele outro ceifador faria com tanto poder?

– Mas por que ele não encontrou esse cara até hoje?

– Como eu disse, assim como você, ele consegue sentir a morte, mas não tem sensibilidade para farejar as almas. Foreman, o cara que nos atacou lá em cima, morreu antes de toda essa bagunça fermentar entre os *Treze*. Temos muita sorte por ter encontrado esse lugar. Agora vamos, cada minuto é precioso.

Subiram novamente as escadas e entraram no quarto. O capitão estava olhando pela janela.

– Vocês voltaram! Saiam daqui! – esbravejou.

– Não podemos, não antes de te julgar – assegurou Thomas.

– Me julgar? Você quer dizer me mandar para o inferno?

– Não posso saber, não até lhe tocar.

O homem avançou sobre Thomas, desferindo um soco que o acertou em cheio no rosto. O professor caiu no momento em que Dexter avançou sobre o capitão, dando-lhe duas patadas certeiras, uma em cada maçã do rosto. Instantaneamente, fendas se abriram e, onde em um humano sairia sangue, jorrou luz. Não dava para dizer se o espírito sentiu dor, mas sentiu um desconforto enorme.

– Ai! Isso dói demais! – Thomas segurava o rosto no local onde recebeu o soco. – Sério, parece que me bateram com um enorme cubo de gelo!

O homem ficou por um instante analisando o seu ferimento. Olhou para o gato, enfureceu-se novamente, e fez uma nova investida, agora contra Dexter. Thomas saltou sobre ele, caindo com estrondo ao lado do animal. Foi tudo muito rápido, mas ele estava sobre a alma e suas mãos crepitavam em chamas azuis. Com uma, Thomas segurou o rosto do capitão, que imediatamente paralisou; e, com a outra, tocou-lhe o peito.

Nesse momento, como em um *flashback* viu toda a vida do ex-militar, todas as coisas boas e ruins. Em uma balança, o lado mau do capitão pesava mais do que o bom, e Thomas sabia o que isso significava. O rapaz já ia sentenciá-lo antes mesmo de chegar ao fim do julgamento quando, de repente, viu o momento em que o Foreman assassinou os pais e o irmão daquele garotinho. Os olhos de Thomas se encheram de lágrimas.

– A vida é uma dádiva muito rara e a morte é uma sentença muito cara. Então, por que ousa acabar com uma vida? Você era um líder, um homem que representava uma nação, alguém para dar exemplo! Como pôde fazer algo tão horrível? Como ousa dizer que foi para defender o país que fez para seus filhos quando, na verdade, o mundo

inteiro foi feito para todos nós? Você não acabou só com algumas vidas, acabou com algo bem maior, acabou com uma FAMÍLIA, e isso não é perdoável! Não estou amenizando a culpa do que aquele garoto fez, pois certamente ele também será julgado. O que cabe a mim no momento é te mandar para o inferno!

Uma forte pressão de ar jogou Thomas para trás, como se algo tivesse explodido em sua frente. O jovem bateu na cama e ficou sentado num ângulo estranho. Suas mãos formigavam, mas a estranha iluminação azulada sumia. Quando já tentava se levantar, sentiu um calor muito forte no estômago, uma sensação parecida com a que sentia ao julgar as almas comuns, mas colossalmente mais forte. Era como se Thomas pudesse fazer qualquer coisa, quebrar qualquer objeto ou correr por horas sem se cansar.

– Incrível, não é mesmo? – questionou Dexter, observando o rapaz abrir e fechar as mãos, impressionado com as pequenas chamas azuis que ainda faiscavam entre os dedos.

– Muito! Era isso que você queria dizer quando falou que era uma alma extremamente energética?

– Sim. Por isso, não podíamos deixar que essa energia fosse parar em mãos erradas. E, Thomas...

– O que? – perguntou, ainda maravilhado com o seu poder.

– Obrigado. Você me defendeu hoje.

Thomas encarou o gato.

– Não fui o único a defender alguém por aqui, estamos quites. Vamos, ainda tenho que inventar uma boa desculpa para Rachel. Faltar ao trabalho e deixar o celular desligado são quase tão imperdoáveis quanto os atos da alma que acabei de julgar.

– Certo, mas precisamos chamar a emergência para os garotos.

– Eles se lembrarão de nós? Ou do que viram?

– Acredito que não, mas, mesmo que se lembrem, quem iria acreditar?

A dupla saiu do quarto, desceu as escadas e passou pela sala e pela cozinha em direção à saída da casa. Antes de abandonar a residência, Thomas deu uma última olhada nela. Lamentou sobre como a humanidade era capaz de coisas horríveis, enfiou a mão no bolso, pegou o celular e o ligou.

Ainda fazendo a ligação para o hospital, passou pelos garotos que permaneciam desmaiados e encostados no portão. Informou a sua localização e descreveu os meninos para a emergência. Ao desligar, tomou o seu rumo ao lado do seu gato.



Capítulo 8- “Água, peixe, morte e alma.”

“A maldade pode se mostrar como cordeiro, assim como de longe o cordeiro
poderá parecer lobo
na floresta escura.”

Depois que Thomas julgou a alma do capitão Foreman, ficou mais forte. Sua sensibilidade para perceber as mortes estava se expandindo, bem como seu raio de cobertura; o que fez com que aumentasse também o número de casos para atender. Rachel começou a perceber suas saídas em momentos cada vez mais inoportunos e era visível que não estava gostando. Algumas vezes se irritava, em outras questionava, mas Thomas era bom com as respostas e sempre se safava. Entretanto, essa facilidade de dar bons álibis não era algo que ele queria alimentar por muito tempo. Começou a pensar em uma forma que pudesse resolver esse assunto, pois se sentia mal em mentir para Rachel e concluiu que não era justo e tampouco digno da sua parte. A moça estava sempre ao seu lado, devotada, carinhosa e atenciosa, se preocupando com cada detalhe na vida do professor e fazendo o possível para que o relacionamento desse certo.

Por outro lado, Thomas estava sem saída. Uma coisa assim não é simples de contar, não poderia simplesmente dizer “Rachel, sou um Ceifador, sinto quando as pessoas morrem e mando suas almas para o céu ou para o inferno”. Além disso, o caso do capitão o fez perceber o quanto isso pode ser perigoso. A imagem das crianças suspensas no ar ainda estava viva em sua memória. Não poderia nem imaginar o que faria se algo assim acontecesse com Rachel. E foi com esse pensamento que ele seguiu selecionando as roupas e colocando-as na mala, para a viagem. Pegava bermudas, meias e calças, mas, em seguida, retirava tudo e reiniciava o tormento outra vez. Tornou-se óbvio o quanto ele era ruim com aquilo, já que dificilmente saía ou viajava. Passado certo tempo, simplesmente jogou-se para trás em sinal de desistência. Dexter, presenciava tudo, de repente saiu em direção à sala como se tivesse vislumbrado um rato. No entanto, quando a porta abriu, foi Rachel quem entrou. Dexter, com sua sensibilidade felina, já havia percebido que a jovem se aproximava e queria receber suas carícias. Sendo assim, antes mesmo das chaves girarem na fechadura, seguiu para a frente da porta.

– Dex! Você veio me receber? – abaixando-se, Rachel pegou o gato e começou a passar a mão em seu pelo macio. – Onde está seu dono? Aquele bobão, aposto que

ainda não terminou de arrumar a mala. Saiu de casa mais cedo justamente porque ele disse que é um completo atrapalhado quando o assunto é viajar.

– Há há há – Thomas gargalhou ironicamente do quarto. – Pode parar, não estou achando a menor graça.

– Azar o seu – respondeu a moça, encostando-se no batente da porta. – Eu nem estava falando com você, estou falando com Dex. Ele é o único que corre para me receber, porque o meu namorado, nem se dá ao trabalho de levantar a bunda da cama e me dar um beijo.

Thomas percebeu a gafe e, num pulo, se posicionou de pé ao lado da namorada. Projetou-se para beijá-la, mas ela foi mais rápida e se abaixou, fazendo com que o rapaz beijassem o batente.

– Bem feito! Isso é para aprender a me tratar melhor. E o que temos aqui? Uma mala totalmente desorganizada! O que aconteceu com seu raciocínio lógico? Nem se deu ao trabalho de fazer uma pesquisa na internet para ver como se arruma uma mala para viagem?

– Não, mas agora que você falou, me lembrei de que existe um site bem bacana sobre isso – Thomas já ia em direção ao computador, mas Rachel, ainda com Dexter no colo, entrou em sua frente.

– Só existe uma forma de aprender a arrumar a mala?

Ele olhou para a namorada, depois para Dexter, em seguida para a mala e de volta para Rachel. Na defensiva, balançou a cabeça negativamente. A professora sorriu, mostrando-se satisfeita, e ele entendeu onde ela queria chegar.

– Você poderia me ajudar? – perguntou, sem muita confiança.

– Até posso, mas com uma condição.

– Que seria?

– Essa – a moça beijou o professor. Dexter não se sentindo muito à vontade entre os dois e percebendo que aquilo poderia demorar, saltou dos braços de Rachel, braços esses que rapidamente envolveram Thomas num abraço apertado.

– Ok, condição aceita – respondeu o rapaz, meio sem fôlego.

– Não é uma tarefa assim tão difícil, afinal só vamos passar o final de semana. O segredo aqui é saber o que será feito lá e, com isto, escolher a roupa adequada.

– Só?

– Só. – Rachel, sorriu. – Sabe, T, fiquei tão feliz quando a Silvia nos convidou pra passar o fim de semana na casa de praia dos pais dela, não é maravilhoso? Nossa primeira viagem juntos e com um casal de amigos!

– Felicidade mesmo foi quando ela soube que estávamos namorando. E sim, eu concordo, a ideia de passarmos alguns dias longe do centro de Boston foi muito boa. Nem me lembro da última vez em que fiz um passeio em parques e praias. A cidade

grande nos abraça de tal modo que ficamos estagnados nela. Quando percebemos, já passaram anos e o mundo lá fora parece coisa de TV.

– Está vendo? Sou sua salvação, querido.

– Ou perdição, afinal posso me afogar no mar, ser picado por uma cobra no parque ou bater o carro na autoestrada.

– Você é mesmo um idiota, isso sim! Seu pessimista! Venha, vamos comprar alguma coisa pra comer no caminho.

Thomas se sentia muito bem, todos esses benefícios que o namoro o proporcionava eram inéditos e gratificante. Não que sua vida antes de começar a namorar fosse um fracasso, mas, agora, gozava de uma alegria que só via em filmes e seriados. Um exemplo prático disso foi justamente esse passeio. Logo de início, quando começou a dar aulas no colégio, fez amizade com Albert e Silvia, mas nunca foi convidado por eles para fazer qualquer coisa fora do trabalho. Talvez para seu próprio bem, afinal, não seria muito apropriado eles o convidarem para um jantar a três. No entanto, agora era diferente, e quando o casal ficou sabendo do início do relacionamento de Rachel e Thomas, tratou logo de combinar algo.

Depois de várias sugestões de restaurantes, cinemas e pizzarias, Silvia se lembrou da casa dos seus pais, localizada na cidade de Lynn e a apenas um quarteirão da praia. O local atraía turistas, surfistas e pessoas em geral que gostavam de fazer caminhada na areia, margeando o mar.

Lynn era agradável e com uma comunidade pequena; os moradores se conheciam e sabiam logo de cara quem era ou não turista. A praia era bem cuidada e o ponto forte das atividades econômicas da região era o comércio das barracas de sucos e frutas. O mar se mantinha calmo durante a maior parte do dia, mas, no final da tarde, as ondas se debatiam com mais força, tornando-se um convite aos amantes do surf.

05:00AM

O despertador quebrou o silêncio do quarto. Thomas o desligou e voltou a cobrir a cabeça. Porém, o celular começou a tocar a música que o professor escolheu para sinalizar as ligações de Rachel, fazendo-o puxar rapidamente o cobertor e, num salto, pular da cama. A música continuava, mas ele não lembrava onde havia colocado o seu aparelho. Sonolento, lutava para identificar de onde vinha a melodia. A campainha tocou no mesmo momento em que o celular silenciou.

– Droga! Será que estou muito atrasado? – Thomas saiu praguejando em direção a sala. – Como as pessoas trocam uma bela manhã na cama por levantar cedo? Minhas manhãs de sábado costumavam ser mais tranquilas.

Abriu a porta e teve de se segurar firmemente para não cair. Rachel pulou sobre ele num abraço mortal, parecendo uma leoa dando o bote na jugular de uma zebra.

– Bom dia, amor! Nossa, você ainda não está pronto? – a professora foi em direção à cozinha e começou a abrir os armários. – Aproveita enquanto faço o café. Não temos muito tempo, encontraremos o pessoal daqui a meia hora, na pracinha.

– Estarei pronto em um segundo.

– Mentiroso, um segundo já passou e você continua aí, parado com cara de quem vai voltar pra cama – atirou o pano de prato no rapaz e, por pouco, não atingiu seu rosto. – Vai, amor, não quero me atrasar. O final de semana vai passar voando, não podemos perder tempo.

– Ok, ok, ok, já estou indo – Thomas pegou o pano de prato e arremessou de volta para Rachel.

Tomaram café e depois desceram com as coisas que tinham comprado para comer durante a viagem. Ligaram o carro e rumaram para a praça. Assim que se aproximaram, viram o carro do casal de amigos que estava em manobra para estacionar. Thomas fez o mesmo.

– Bom dia! – cumprimentou o casal.

– Bom dia!

– Estão prontos? – perguntou Albert, sorridente, ao descer do veículo para abraçar o casal, que fez o mesmo. Vestia uma camisa florida e na cabeça um chapéu cata ovo, óculos escuros e uma bermuda cheio de bolsos. Thomas rapidamente lembrou-se daqueles programas de pescaria que passava pela madrugada na TV, porém não fez comentário algum e rapidamente direcionou sua atenção para Silvia. A professora vestia uma camiseta larga, que parecia bem confortável, com a estampa de um velho com bengala e chapéu coco e os dizeres “Boston Celtics NBA”. Usava também uma calça leve, adequada para caminhadas, cabelo rabo de cavalo e óculos escuros assim como o marido.

– Vamos seguir até a saída leste e depois pegamos a autoestrada. Vocês me seguem, certo? – perguntou Albert, entrando no carro.

– Claro, assim evitamos qualquer tipo de desventura.

A viagem durou cerca de quarenta minutos e foi agradável e sem imprevistos. Rachel se maravilhou com a paisagem que, aos poucos, se transformava. Os prédios de Boston deram lugar a montanhas e os postes foram substituídos por árvores. A paisagem cinzenta da cidade grande aos poucos se transformou nos diferentes tons de verde que margeavam a rodovia.

Ao chegar na cidade emparelharam os carros e Silvia começou a falar algumas curiosidades sobre Lynn e, conforme seguiam adiante, mostrava lugares que marcaram sua infância, como a escola onde estudou e a sorveteria que costumava frequentar depois das aulas. Também apontou a prefeitura onde estagiou e que fora seu primeiro emprego. Minutos depois, o rápido passeio turístico acabou em uma rua de casas de

veraneio um pouco afastada do centro. Ali, sob o número 333, moravam os pais de Silvia.

Ao chegarem, perceberam que o casal os aguardava na varanda. Veronica, a mãe de Silvia, aguava algumas flores enquanto Marcos, o pai, lia deitado na rede.

– Bom dia! – disse Silvia, abrindo o portão. – Mãe! Pai! Cheguei! E, olhem, trouxe visitas.

– Sejam bem-vindos! Entrem, deixe-me ajudá-los com essas bolsas – Marcos, entre um aperto de mão e outro, recolhia a bagagem.

– Vamos entrando que o café da manhã já está à mesa! Preparei aquela salada de fruta que você adora, Sil.

– Mãe, não acredito! Rachel, você vai adorar a salada de frutas da minha mãe! Tem no mínimo umas dez frutas diferentes – brincou, agarrando Rachel pelo braço e a guiando até a cozinha.

Já sentados à mesa, todos se serviram de uma seleção variada de frutas e pães. Também tinha café, leite e suco de abacaxi, que, segundo Marcos, ele mesmo plantara e colhera no seu próprio quintal. Conversaram por um bom tempo sobre como estavam as coisas em Boston, o trabalho na escola e as novidades da cidade grande. Depois, a conversa mudou de rumo. A Sra. Veronica contou que nada por ali mudava, era sempre a mesma coisa. Seu marido discordou, falando que, a cada momento, aparecia um novo morador no quarteirão ou um turista batendo em seu portão e perguntando onde poderia encontrar um hotel.

Passada quase uma hora, os professores saíram ao encalce de Marcos e sentaram na varanda. Falavam sobre como o tempo estava bonito e ideal para uma pescaria.

– Acredito que hoje está perfeito para tentarmos no dique... – sugeriu Marcos.

– Tem certeza, sogro? Acho que se alugarmos um barco aproveitaríamos melhor esse sol...

– Não, não, o dique nessa época do ano é a melhor opção. Vários peixes ficam por ali, não seja preguiçoso. Você está querendo evitar a luta pra tirá-los d'água – fez cara de deboche. Marcos virou-se para Thomas e perguntou: – E você, meu rapaz, gosta de pesca? Não seja tímido, entre na discussão. Só não dê ouvidos a esse meu genro desmiolado.

Albert sorriu e deu um tapa no ar, descontraidamente.

– Na verdade, não tenho experiência alguma em pesca. Será algo novo – disse, timidamente. – Quando criança, pedi ao meu pai que me levasse, mas ele estava sempre ocupado, trabalhando até aos sábados. Aos domingos, dizia que era proibido por causa dos seus costumes religiosos.

– Bem, então você está no lugar e na hora certa para realizar essa vontade de criança.

Albert bateu no ombro de Thomas.

– Esse velhinho aí tem o melhor quite de pesca que já vi. Certamente, encontraremos uma vara que você possa usar.

Depois de avisar Rachel, Thomas seguiu com Albert e Marcos para o dique. Pescaram até o meio dia, e foi uma excelente experiência. Os peixes não paravam de chegar, e Thomas se surpreendeu consigo mesmo. Não sabia que levava tanto jeito para a atividade e chegou a pegar mais peixes que Albert. Perdeu apenas para o Sr. Marcos, que pescara o dobro dos seus oito.

A vista do dique era incrível; dali, podia-se ver toda a extensão do mar, que margeava as encostas altas e arborizadas pelos carregados coqueiros. O espelho d'água, que se formava até a linha do horizonte, refletia tão intensamente que era preciso forçar a vista para conseguir ver as embarcações. Pássaros dançavam no céu extremamente azul, uma brisa vinha noroeste, e o barulho das ondas, chocando contra a base do dique, dava uma imensa sensação de paz. A praia estava bem calma, com poucos banhistas e algumas dezenas de pessoas tomando sol. Outras pedalavam na calçada que separava a praia da avenida, enquanto as crianças enchiam seus baldes de areia na esperança de conseguir construir os castelos que, frequentemente, eram destruídos pela bola de frescobol dos adolescentes.

– Viu só, Albert? Você é um péssimo pescador, até o rapaz que nunca tinha fígado nem sequer uma sardinha pegou mais peixes que você! Espero que, como professor, você seja melhor que pescador – Marcos gargalhou com sua voz rouca, semelhante ao som que sai de um cano enferrujado quando se abre uma torneira muito velha. Tossiu com certo esforço e em seguida piscou para Thomas.

– Pura sorte de principiante – defendeu-se Albert. – Além do que, não gosto da pescaria em dique. Da próxima vez, quero pescar de barco.

– Tem muita diferença entre pescar aqui de cima e lá de barco no mar? – perguntou Thomas, recolhendo sua vara.

– Bem... Tem algumas, mas não o suficiente para fazer do Albert um pescador melhor – todos caíram na risada. – Agora vamos, estou ficando com fome e aposto que a mulherada já está com o almoço pronto e à nossa espera.

Recolheram todo o material, colocaram os peixes no gelo e começaram a caminhada de retorno. No trajeto, passaram por vários quiosques, mas um em especial chamou a atenção de Thomas. Ao contrário dos demais, esse estava fechado e em péssimo estado de conservação. Ainda existiam algumas cadeiras encostadas e outras caídas; várias flores secas estavam depositadas onde seria a porta e seis pequenas cruzeiras foram pintadas de branco bem próximas ao telhado. Era algo esquisito de se ver em um lugar tão bonito como aquele.

Thomas reparou que o senhor Marcos, ao passar pelo quiosque, fez o sinal da cruz

com a mão. O professor evitou perguntar o que aconteceu naquele lugar e seguiu adiante. Mas, ao dobrar a esquina, olhou novamente para o quiosque. Seu susto foi grande o suficiente para deixar cair as tralhas de pesca – haviam ali três pessoas paradas em pé ao lado da porta, cabisbaixas. Ao encararem o professor, estenderam os braços em sua direção.

– Thomas? – chamou Marcos.

O chamado fez o professor desviar o olhar das figuras estranhas. Meio confuso, olhou para o velho e novamente para a porta do quiosque, notando que os espectros já não se encontravam mais lá.

– Me desculpem, acho que tropecei na areia – seu rosto estava pálido e seu olhar desorientado. Marcos olhou para a praia desconfiado, enquanto Albert ajudou Thomas a pegar as coisas – Acho que é esse sol, não estou muito acostumado.

Seguiram rumo a casa e, durante o trajeto, algo martelava na cabeça de Thomas. Será que realmente vira três almas ou o sol e o mormaço da praia tinham-lhe causado uma ilusão de ótica? Em todo o caso, aquele lugar era bem estranho. Gostaria que Dexter estivesse por perto para lhe perguntar se tinha algo de sobrenatural por ali. Percebeu que, desde que chegara à cidade, sua sensibilidade não apontara nenhuma morte. Será que a cidade contava com seu próprio guardião? Nunca parou para refletir sobre isso, afinal nunca saía da região central de Boston, mas Dexter disse que, assim como os outros guardiões, Thomas tinha suas próprias sombras para realizar o trabalho em locais mais distantes. O professor ainda não havia visto nenhum dos seus ajudantes, apenas recebia a energia por eles coletada, e ficou curioso, perguntando-se como eles seriam.

O almoço foi descontraído. Marcos falou a maior parte do tempo, narrou praticamente toda a pescaria, fazendo questão de ressaltar como Albert perdera inúmeros peixes. O professor se defendia, falando que não era seu dia de sorte. Silvia, Veronica e Rachel escutavam alegremente a aventura dos pescadores.

Por debaixo da mesa, Thomas sentiu Rachel, que estava sentada à sua direita, segurar sua mão. Olhou pra ela e viu aquele sorriso gostoso e cheio de vida. Era possível ver em seus olhos brilhantes que ela estava feliz.

– Chega de histórias de pescador – disse Veronica ao servir a sobremesa, um grande e colorido pedaço de bolo de sorvete. – Quero saber como está a vida no seu novo apartamento, Sil. Graças a Deus, esse seu marido resolveu sair do aluguel e comprar algo para vocês. Uma pena que não tenha sido aqui em Lynn, poderia ter arranjado emprego na escola municipal. Seu pai é amigo do primo do prefeito, certamente ele poderia ajudar de alguma forma.

– Mãe, não vamos voltar nesse assunto – suspirou, cansada – estou feliz na escola em que trabalho e adoro viver no centro de Boston. Sobre o apartamento, você tem toda

razão. Não existe coisa melhor do que morar no que é nosso, sem contar que não perdemos mais aquele dinheiro que pagávamos de aluguel. Com ele, estamos decorando a sala e, aos poucos, tudo vai ficando pronto. Falando nisso, quando vamos conseguir tirar você e o papai para fazer-nos uma visita?

– Vamos esperar até seu apartamento ficar todo decorado, Sil, e prometo que iremos passar um final de semana inteiro lá.

– Espero mesmo que isso aconteça. Bem, já que estamos falando de apartamento, marido que tomou juízo, morar juntos... – Veronica fez uma pausa programada – Vocês pensam em se casar, Thomas?

Thomas, que estava tomando refrigerante no exato momento da pergunta, pensou que ia morrer ao se engasgar e regurgitar pelo nariz o gole da bebida. Marcos deu alguns tapas nada leves em suas costas, e o rapaz respirou fundo para retomar o fôlego.

– Veronica, não faça mais isso ou vai acabar matando o rapaz! Olha só o estado em que ele ficou! Parece até que viu a morte de perto. Meu jovem, casamento não é esse pesadelo todo, não. Só parece, mas não é – Marcos sorriu.

– Não, não é isso – justificou-se Thomas. – Eu só não esperava a pergunta. Bom, nós estamos no início do relacionamento, até agora estamos nos dando bem. Aliás, *muito* bem, e é natural que as coisas entrem nos eixos com o tempo. Depois que a conheci, minha vida mudou, ganhou um significado especial – Thomas esfregava as mãos nervosamente. Rachel notou e rapidamente as segurou. Seus olhares se encontraram e ele se sentiu confiante. – Se a pergunta fosse se eu gostaria de algum dia me casar com ela, a resposta seria sim.

– Ah, seu lindo! – a moça o abraçou, emocionada. – Sra. Veronica, esse é ou não é para casar?

– Se eu fosse você, minha filha, não desgrudava. Homem assim está difícil de achar no mercado, tome cuidado! Se perder esse aí, pode acabar como a Sil, casando-se com um Albert da vida – o deboche foi suficiente para que todos caíssem na risada. – Calma, meu genro, você sabe que te amo...

– Sei... – Albert fez cara de magoado. – Se eu ganhasse um dólar por cada demonstração desse seu amor, já teria decorado e redecorado todo o apartamento.

A tarde seguiu regada de brincadeiras e petiscos na varanda. O tempo ali passava de maneira prazerosa, e a brisa que trazia consigo o cheiro do mar era algo mágico. Rachel sentiu que não poderia deixar aquilo passar em branco; foi até Thomas e disse que queria passear pela praia no início da noite. Ele aceitou e, horas mais tarde, saíram de mãos dadas.

Em poucos minutos, anoiteceu. A lua cheia parecia estar bem mais próxima da terra do que o normal, o que aumentava três vezes seu tamanho. O mar agora estava calmo, e uma lua idêntica a do céu era refletida em suas águas. Na praia, algumas pessoas

caminhavam, outras estavam sentadas e algumas poucas tomavam suco, sentadas no calçadão.

– É lindo, não é? – perguntou Rachel.

– Realmente, olha só essa lua! Se me contassem, eu não acreditaria – concordou Thomas.

– Vamos andar próximo ao mar, quero molhar meus pés.

Passearam à beira-mar, comentando sobre as pessoas, os pais da Silvia, a relação deles com Albert e se demoraram um pouco mais elogiando o local. Depois, sentaram na areia e pediram água de coco. O final de semana estava acontecendo exatamente como planejaram, agradável e romântico.

Quando Thomas voltou com a água de coco, notou um jovem se aproximar. Era uma figura curiosa, magro, muito alto e de cabelos brancos. Andava balançando estranhamente os braços, e um sorriso desdenhoso lhe rasgava o rosto pálido. O professor imaginou que fosse um turista muito esquisito.

– Que figura, não? – disse para Rachel, abafando o riso.

– Quem? O senhor pulando as ondas?

Era como se Rachel não pudesse vê-lo e de fato o professor constatou que era isso. Logo percebeu que o rapaz era algo sobrenatural e que só ele podia ver.

– Thomas? – Rachel chamou.

– Hm... É, uma figura né? Tão velho e ainda se divertindo nas ondas! – seus olhos iam de Rachel ao jovem que se aproximava do casal. Thomas suava frio e se perguntava quem era e o que era aquele rapaz. Pensou em fazer algo, mas era tarde demais – o estranho parou diante dele, se abaixou e, com o rosto praticamente colado ao seu, disse:

– Cara, você tem uma namorada muito gostosa! –gargalhou. – Sério, como um nerdão como você descolou uma gatinha assim? – o rapaz contornou Rachel, que não conseguia vê-lo, e observou-a, assoviando de excitação. Aquilo causou em Thomas uma pontada de ciúmes. Em seguida, o estranho parou novamente na sua frente e colocou a mão em seu ombro. – Prazer, ceifador, sou sua sombra.

– Minha sombra? – Thomas não conseguiu segurar a pergunta. Uma mistura de horror e espanto transformou seu rosto, fazendo o estranho rir. Seu sorriso era tão ímpar quanto seu jeito de andar.

– O que tem sua sombra, Thomas? – perguntou Rachel, surpresa com a pergunta inesperada do seu namorado.

– Ah? Bem... Não é nada, só algo que li na camiseta de um turista e que fiquei imaginando onde eu já tinha visto aquela estampa... Melhor deixar pra lá – conseguiu se safar, Rachel sorriu e debochou dele, dizendo que isso era o resultado de tantos jogos e filmes. No entanto, o estranho ainda estava ali, divertindo-se com a confusão gerada.

Era evidente que não estava causando nenhum mal, mas, mesmo assim, bem não estava fazendo.

A sombra cessou o riso e retomou o fôlego, com dificuldade, continuou a falar, com aquele estranho jeito de mexer os lábios. Sua voz era seca, porém ágil.

– Sempre soube que cedo ou tarde acabaria te conhecendo! Afinal, estou em todos os outros lugares que você é responsável por ceifar! Existe uma cópia exata de mim em cada local, e todos somos um. Você, como nosso original, tem aparência diferente, mas nós, suas sombras, somos iguais e de pensamento e raciocínio único. Durante muito tempo, fiquei imaginando como você seria. Rumores do mundo sobrenatural me disseram que era alguém temível, e eu acreditei, pois você tem trabalhado muito bem, atendido muitos chamados e sempre se antecipando e frustrando os “outros”. Só que, agora, pessoalmente não acho que toda essa glória que te precede faça jus. Não vejo mais do que um jovem assustado e sem controle de si, alguém vulnerável e de fácil acesso, porque você é como uma luz de neon para nós do submundo. Pelo menos, tem uma bela namorada. Não sei o que ela viu em você, mas, seja lá o que for, continue cultivando. Eu daria tudo para poder tocar essa pele, beijar esses lábios, abraçar e sentir esse corpo.

Thomas cerrou os punhos, imune. Rachel estava ali e ele não podia fazer nada. Queria confrontar a sombra, colocá-la em seu lugar, socá-la e arrancar dela o respeito que merecia, mas não podia. Se Rachel o visse conversando sozinho ou desferindo socos no ar, o que pensaria? “Não, não posso fazer nada”, pensou consigo.

– Estou te observando desde cedo, “Original” – disse a sombra, atraindo novamente a atenção do professor. – Sei que algo nessa praia te chamou atenção e também sei tudo sobre esse lugar. Estou aqui há muitos anos, tantos quanto você possa imaginar. – Thomas ficou curioso e, por um instante tentou imaginar como alguém se torna uma sombra. – Testemunhei inúmeros exemplos de como esses pacatos moradores podem ser violentos, vingativos... Assassinos...

– Amor... Estou ficando com sono, e também já está tarde. Não vamos ser os hóspedes chatos que chegam de madrugada, ok? – Rachel bocejou e sacudiu a areia em suas sandálias. Thomas se levantou e fez o mesmo.

– Você tem toda razão, querida. Esse lugar já está perdendo o encanto – disse, encarando a sombra como quem manda uma mensagem.

– Sabe, Original, acho que me apaixonei por sua namorada – Thomas desferiu um soco em direção à sombra que, por reflexo, pulou para trás. Rachel deu risada e zombou, perguntando se os mosquitos estavam incomodando o garoto da cidade grande. Em resposta, o rapaz sorriu. – Há há, vai com calma, chefe, estou do seu lado. Além do mais, já não pertenço a esse mundo e não conseguiria roubá-la de você. Mas, se ainda estivesse com meu corpo de antigamente, aceitaria o desafio e tenho quase certeza de

que o venceria. – a sombra gargalhou alto e em bom som, mas só o professor foi capaz de ouvi-lo. – Bem, está uma noite tranquila e sem mortes, então acho que vou com vocês.

A sombra começou a andar ao lado de Thomas, acompanhando o casal por todo o trajeto de volta. Seu cabelo branco, esvoaçando com o vento, lembrava um lençol muito leve e branco estendido no varal. Sua face era limpa e sem sinais da passagem do tempo, pálida como porcelana. Seus olhos eram escuros e sem brilho, como se nenhuma luz fosse capaz de causar qualquer reflexo em sua córnea; seus braços, como dois pedaços de corda, ricocheteavam desordenadamente conforme se movia; e sua altura o forçava a andar levemente curvado. Vestia-se de forma simples, usando uma calça jeans, sapatos pretos e uma camisa também negra, sem botões e de manga longa. Ainda observava Rachel com aquele sorriso estranho que parecia uma ponte vermelha numa pintura de inverno.

Thomas não sabia o que fazer. Sem poder mandar sua sombra deixá-los em paz, tentou ignorá-la, mas sua audição o traiu assim que seu convidado indesejado começou a falar, aguçando sua curiosidade:

– Qual é, chefe! Sei que você pode me ouvir, assim como sei que você viu as almas no quiosque. Não está curioso em saber por que eu não as julguei? Ou até mesmo por que os outros ainda não as descobriram? Não tem interesse nem mesmo na história ou no mistério que as cercam? – Thomas girou a cabeça rapidamente em direção à sombra, fazendo-a perceber que conseguira o que queria.

A essa altura, já estavam na porta de casa. Rachel se precipitou a tocar a campainha e prontamente Marcos a abriu. Thomas se agachou com a desculpa de estar batendo o chinelo para retirar a areia da praia.

– Já estou indo, querida – Rachel fez sinal de positivo com a cabeça e entrou. Thomas olhou para a sombra com cara de advertência: – Mais tarde, quando Rachel dormir, sairei e te encontrarei aqui na varanda. Até lá, não me aborreça.

– Há há há – gargalhou a sombra, segurando o abdome como se aquilo lhe proporcionasse uma enorme satisfação. – Você não acha mesmo que vou ficar aqui te esperando, não é? Vou é entrar e ficar de olho!

– De olho em que? – perguntou Thomas rispidamente.

– Na sua namorada, oras! Eu disse que me apaixonei, e é isso que as pessoas que se apaixonam fazem; ficam por perto, ajudam no que precisar... Ok, essa parte não conseguirei fazer, mas posso ficar olhando-a dormir, coisa que ela deve fazer como um anjinho. Se bem que nunca vi um anjo e muito menos dormindo – com os braços cruzados e olhando intrigado para o céu, a sombra foi deixada ali. Thomas entrou, fechou e trancou a porta, mas ao virar-se para dentro da casa, para sua surpresa, ficou nariz a nariz com a sombra. – Você não acreditou mesmo que isso pudesse funcionar,

né? Paredes, portas e janelas não são obstáculos para mim, chefe – mais uma vez, a criatura foi ignorada e deixada ali na sala. O professor se juntou a Silvia, Rachel e Veronica, que sopravam suas xícaras de chá fumegante.

– Venha, amor! – chamou Rachel. – Experimente essas rosquinhas de chocolate, estão magníficas. Foi a própria mãe da Sil quem fez.

– Hum! – Thomas esfregou as mãos. – Não há nada mais gostoso do que um chazinho antes de dormir! Vocês sabiam que o chá é datado da época da dinastia Tang? E que os primeiros europeus a terem contato com a bebida foram os portugueses, quando chegaram no Japão por volta de 1500...?

– Amor! – interrompeu Rachel – Por favor, não faça desse momento uma aula de história, ok? Daqui a pouco, você vai falar dos vários tipos de processamento do chá, como por exemplo, a oxidação e blá blá blá – zombando, Rachel levantou-se e foi beijar o namorado na testa. – Está tarde demais para nos forçar a raciocinar – desarrumou o cabelo do rapaz e abraçou-lhe por trás.

– Ok ok, não está mais aqui quem falou da história do chá e muito menos quem quase explicou seus tipos de processamento – Thomas enfiou a cara na xícara de chá, soprou a bebida e tomou um longo gole. Pegou uma rosquinha, umedeceu-a na bebida e mordeu um pedaço, fazendo cara de prazer. – Hum, que delícia!

Logo após a refeição, todos foram para cama, Rachel e Thomas se hospedaram no quarto de visitas, próximo à escada que dava acesso ao segundo piso. Silvia e Albert ficaram com o quarto que pertencera a ela antes de sair de casa, ao lado do aposento de Marcos e Veronica, no andar superior. A noite foi tranquila e, por volta de uma hora da madrugada, uma leve e arrastada chuva começou a quicar no telhado e se debater contra as janelas.

Rachel, deitada sobre o ombro do companheiro que parecia velar pelo seu sono, dormia profundamente; sua respiração era suave e seu peito mal se expandia. Porém, Thomas não resolveu simplesmente tirar a noite para olhar sua namorada dormir, estava preocupado. Aquele passeio, que a princípio seria tão divertido e inocente, havia se tornado um grande mistério, deixando-o com a sensação de perigo iminente. A cabana de suco por si só já era algo horrível, e o fato de existirem almas transitando por ali, tramando planos ou desenvolvendo a habilidade de manipular as coisas em seu redor, era ainda pior. Como se não bastasse, surgiu sua sombra, um ser sarcástico, orgulhoso, risonho e sem o menor senso social, com uma aparência tão incômoda quanto sua personalidade.

Divagou um pouco mais sobre a figura, imaginando onde estaria naquele momento. Seus pensamentos se aquietaram por um instante, mas, quando estava quase

adormecendo, sentiu uma pontada no estômago que o trouxe de volta à consciência – aquilo significava que mais uma alma fora julgada, o que explicava a ausência da sombra. A sensação foi breve e pouco densa, levando Thomas a crer de que não se tratava de uma alma muito poderosa. Com cuidado, ergueu a cabeça de Rachel, retirou-a de cima do seu ombro e a colocou delicadamente sobre o travesseiro. Levantou-se silenciosamente e foi até a varanda.

– Tive a impressão de que iria encontrá-lo aqui – falou ao chegar ao seu destino.

– Bobagem, você sentiu a energia fluir em você, isso sim – disse a figura curvada sobre os joelhos. Seu cabelo branco lhe tampava o rosto, dando-lhe um ar de mistério.

– Bem, olhando por esse lado você está certo – seguiu-se um breve silêncio e o professor olhou curioso para a sombra. – Você está bem? Não me parece o mesmo de horas atrás.

– Se você estivesse... – hesitou. – Bem, deixe isso pra lá – endireitou a postura, andou até a parede e encostou-se nela. Seu cabelo caiu para trás como uma cortina de teatro, revelando aquele estranho sorriso. – Você acredita na força do sentimento?

– O que? – Thomas se espantou. – Que tipo de pergunta foi essa? Você quer dizer algo como o amor?

– Quero dizer qualquer tipo de sentimento. Amor, amizade, respeito, orgulho, ódio...

– Bem... – pensou um pouco – Acho que sim. Mas ainda não entendi aonde você quer chegar.

– Pois bem, acho que é hora de uma historinha...

“Certa vez, um homem viajou até a China com a ambição de prosperar. No entanto, assim que chegou ao país, se deparou com uma realidade totalmente diferente da que esperava. Seu dinheiro foi acabando e, com o tempo, se viu obrigado a pegar pequenos trabalhos provisórios, serviços dos mais diversos que mal davam para seu sustento. Nesse ritmo, não demorou muito para descobrir as feiras locais, formadas principalmente por agricultores e pescadores. Ele logo conseguiu trabalho; acordava bem cedo e rumava em direção ao pequeno sítio dos Chang, a família que o empregou. Sua tarefa era ajudar a embalar as frutas e verduras e depois transportá-las até a feira. O negócio fluía bem, não era uma renda segura e que pudesse enriquecê-los, mas garantia o sustento do Sr. e Sra. Chang e dos seus quatro filhos. Com a ajuda de Brian, a renda aumentou um pouco, pois pagava o salário do americano e ainda dava para comprar as sementes do mês.

O tempo foi passando, e o americano ficava cada vez mais íntimo da família. Seis meses após a sua chegada à feira em busca de trabalho, Brian passou a morar com seu empregador, e foi aí que ele começou a falar das maravilhas da América. Falava sobre

a economia, o campo de trabalho, as oportunidades de prosperar, os benefícios que o governo oferecia para pequenos empreendedores e diversas outras vantagens. De início, o Sr. Chang foi relutante, falava que não acreditava naquilo e que a China sim era um país que estava prosperando e crescendo muito, principalmente nos últimos anos.

Certa vez, perguntou a Brian o motivo para decidir trabalhar tão longe de casa se as coisas estavam melhores no seu país de origem. O americano, esperto, respondeu rápido: disse que o motivo pelo qual saíra de casa foi um assunto do coração, chegando ao ponto de esconder o rosto entre as mãos para demonstrar tristeza. Chang se comoveu e não tocou mais no assunto, o que se mostrou um terrível erro no futuro.

Depois de um ano, Brian finalmente convenceu Chang a vender seu sítio e o ponto na feira. Na verdade, o americano não queria apenas regressar para casa, pois o dinheiro que acumulara já seria o suficiente – ele viu ali uma oportunidade para se dar bem, mas para isso precisou convencer os Chang a irem com ele.

Assim que chegaram aos Estados Unidos, Brian tomou a frente de todos os negócios. Instalou a família de asiáticos aqui em Lynn, comprou o quiosque de frutas, abriu firma e fez negócios com os fornecedores locais. A princípio, tudo estava indo muito bem, o que ele não esperava era que, com o tempo, os imigrantes pudessem aprender tão bem o inglês. Aos poucos, o filho mais velho, que já tinha aulas de inglês na China, aprendeu a falar e escrever quase tão bem quanto qualquer americano. Com isso, ganhou o respeito do pai, que passou a confiar nele o controle das finanças. Brian sabia que estava correndo um grande risco. Se o filho de Chang começasse a estudar os contratos e informes financeiros, certamente descobriria que a maior parte do lucro era desviada; que a empresa estava no nome de Brian, não no da família; e que o americano estava sendo inadimplente com os impostos. E foi justamente o que aconteceu, mas Brian foi mais rápido. No mesmo dia em que passou a documentação para o jovem, armou uma emboscada. Seguiu-o do seu escritório até o final da rua que dava acesso à praia e o degolou. Verificou se ninguém estava por perto, colocou o corpo no portamalas, esperou até tarde da noite e jogou-o no mar.

No outro dia, a família Chang estava em prantos. Seu filho nunca havia passado uma noite fora de casa, e o sofrimento se intensificou quando um pescador correu até a barraca, trazendo a má notícia de que haviam encontrado o corpo de um jovem asiático enroscado nas redes de pesca. Brian quis dar todo o suporte, mostrou-se intensamente triste e preocupado e manteve essa máscara perfeita de um bom amigo até o dia em que ela foi arrancada.

No desespero, Brian não planejou direito como iria assassinar o jovem e se esqueceu de observar na janela do sobrado que ficava de frente para a cena do crime. Se tivesse olhado, veria um homem com um telescópio. O morador observava as

estrelas por hobby, mas, ao notar a movimentação estranha na rua, resolveu pegar o celular e filmar. No momento em que registrou a cena, ficou aterrorizado, e não quis se envolver. Mas depois, ao ver pela TV a repercussão do caso, reconheceu o assassino que, para sua surpresa, estava junto à família. Soube nesse momento que precisava fazer justiça – passou a imagem para um DVD e o colocou em um envelope, onde escreveu “A verdade sobre a morte de seu filho”. Algumas horas depois o envelope foi entregue por um garoto que aceitou alguns trocados para realizar a tarefa. Brian estava voltando do centro e entrou sem bater no quiosque. De início, não olhou para a TV, mas quando a mãe da vítima começou a chorar, ele viu naquela tela o assassinato que cometeu e também sua farsa sendo revelada. Tentou correr, mas o Sr. Chang bloqueou a porta. Um dos três filhos partiu pra cima do assassino e foi recebido por uma bala à queima-roupa. Chang gritou e pegou o filho ainda no ar, colocou-o no chão e ergueu as mãos cheias de sangue. Os dois outros adolescentes tentaram atacar Brian, mas também foram alvejados. O malfeitor aproveitou aquela brecha para fugir, deixando pai e mãe ali, embebecidos no sangue dos próprios filhos mortos pelo até então suposto amigo da família.

O caso foi notícia em toda Lynn e ganhou status regional. Todos ficaram sabendo do triste fim dos jovens imigrantes, mas, como toda notícia espalhada pela mídia, teve seu auge por um momento e foi deixada de lado logo em seguida. A polícia fez o seu trabalho, analisou a cena do crime, encaminhou os corpos para a instituição responsável e depois liberou para velório. Trouxeram em seguida todos os dados financeiros para a família, onde constava uma dívida enorme com o governo. Para completar, os chineses descobriram que permaneciam ilegais no país. Brian mentira sobre a documentação e, se não acertassem tudo, seriam repatriados em breve.

Sem dinheiro e atolados em dívidas, não conseguiriam atender ao prazo que o serviço de imigração estabeleceu para regularizar a documentação. O casal entrou em depressão profunda, se trancou no quiosque e, se não fosse pelo mau cheiro, ninguém teria notado que definharam até a morte.

– O sentimento de traição e o ódio que sentiam não me deixou localizá-los num primeiro momento e, pelo que percebi, não apenas a mim. Quando finalmente consegui achá-los, já tinham alcançado um poder espiritual muito grande, grande o bastante para me manter longe e ressabiado. Depois de mais algum tempo, finalmente consegui falar com eles, expliquei tudo sobre o julgamento e o que poderia ocorrer se eles ficassem vagando por ali, mas não teve jeito. Nada que eu disse foi suficiente para tirar aquela ideia da cabeça deles.

– Que ideia? – Thomas finalmente interrompeu a sombra, e foi de forma tão abrupta que ela mesma se assustou. Parecia que a criatura esquecera que o professor estava ali e simplesmente narrava os acontecimentos para si mesma.

– Eles queriam vingança, e disseram não aceitar qualquer tipo de conforto, descanso ou julgamento até que encontrassem o assassino de seus filhos. Foi aí que me fizeram uma proposta: se eu achasse o Brian em seu leito de morte e o levasse até eles, se entregariam ao meu julgamento. Você deve ter percebido de quanta energia estamos falando, certo? Imagina o quão poderoso você vai ficar e o quanto reduzirei da minha sentença. – O professor ficou ainda mais curioso a respeito da sombra, queria saber mais sobre ela mas sentia que aquele não era o momento.

– É realmente impressionante – observou Thomas. Andou até o guarda corpo da varanda e olhou em direção ao mar. – Agora entendo o que você queria dizer sobre acreditar em sentimentos... Mas, diga-me: será possível mesmo, capturar a alma do Brian?

– Sim. Afinal, temos o compromisso de julgar as almas, mas não tem nada pré-estabelecido em relação ao local onde devemos fazer isso. Em geral, fazemos no leito de morte, mas isso por pura praticidade.

Mil pensamentos borbulharam na cabeça de Thomas. Era uma história incrível, e mais incrível ainda era saber que o ser humano se revelava cada vez mais sujo e cruel. Ficou por um instante pensando nisso, até que um pensamento diferente passou-lhe pela cabeça.

– Sombra, me fale, se conseguíssemos essas almas, você acha que seria possível...

– Libertar a menininha? Como era mesmo o nome dela...? Clara, isso, isso mesmo! – a criatura desencostou da parede e foi rapidamente em direção ao rapaz. Seu olhar revelou um brilho que até então permaneceu oculto, era quase como se seus olhos ardessem em chamas. Seu sorriso rasgou ainda mais seu rosto, chegando quase até a orelha. Descansou os braços sobre os ombros de Thomas e disse: – Chefe, você pensa rápido e de forma interessante. A resposta para sua pergunta é: sim, é possível. E eu estarei ao seu lado para resgatar aquela menininha das vísceras daquele imundo. Conte comigo – deu um tapinha nas costas do professor e, no segundo seguinte, desapareceu.

Depois de mais alguns passeios, um jantar romântico no final da tarde e uma jogatina que foi até de madrugada, finalmente o final de semana chegou ao fim. Nesse meio tempo, Thomas não teve nenhum sinal da sombra e não sentiu nenhuma energia ser somada a ele. Chegou até a se perguntar se estaria tudo bem, mas balançou a cabeça como se quisesse lançar para longe qualquer pensamento desagradável.

– Estou morta! – Rachel desabou no sofá. Thomas entrou depois e trancou a porta logo em seguida. Colocou as coisas no chão e tirou os tênis da garota. – Mas foi

perfeito, amor! Os passeios, o jantar, seu jeito comigo, enfim! Faria tudo de novo, exceto a parte do cansaço e de ter que arrumar todas essas coisas.

– Concordo. E amanhã temos que trabalhar e...

– Dex! – disse Rachel. Ignorando o professor, correu até a janela no momento em que o gato se esgueirava para entrar. – Senti tanto a sua falta... Como você está, lindinho?

– A propósito eu estava falando, mas, deixa pra lá. Já me acostumei com o fato de ser ignorado quando o Dexter está presente.

– Há há há, seu bobo ciumento! Bem, preciso de um banho. Dex, fique um pouco com esse seu dono rabugento.

Dexter sentou-se sobre as patas traseiras e encarou Thomas daquele jeito costumeiro de gato. O professor olhou de volta.

– Sabe, tem muitas coisas acontecendo lá fora, coisas que não deveriam estar ocorrendo. Isso não é nada bom, não mesmo – o gato falava em tom de preocupação e olhando do dono para a janela. – Sei que você tem feito muito e realmente tem se saído muito bem, mas, como preço a pagar por uma segunda chance, você está preso nessa tarefa e não há como fugir.

– Agora, mais do que nunca, não quero fugir – Thomas olhou em direção à porta do banheiro. Mentalizou Rachel, sua sombra e a cabana, pois ainda estava com a história dos Chang fresca na cabeça. Cerrou o punho e voltou a atenção para o gato. – Tenho um motivo para seguir em frente.

– Imagino que esse passeio tenha feito você se apegar novamente à vida e lançado pra longe a ideia de desistir do trabalho, certo?

– Correto. Agora consigo enxergar um horizonte.

– Só não se esqueça de que, quanto mais você gosta de uma pessoa, mais você a está expondo ao perigo – alertou Dexter.

Aquele alerta ficou pulsando na cabeça de Thomas. Dexter tinha razão; de agora em diante, as coisas poderiam ficar mais perigosas, e a simples ideia de colocar Rachel em perigo já revirava seu estômago.



Capítulo 9- “E nem tudo é trevas”

“Salvar uma vida é como provar em terra um pedaço do céu”

– Isso arde, isso queima, isso vai acabar me matando! Preciso reagir...!

Escondido atrás de uma lápide, Thomas respirava fundo e suava frio. Tentava entender de todas as formas como aquilo foi acontecer tão rápido. Há algumas horas, estava saindo do colégio direto para a rua que o levaria para casa quando uma forte sensação tomou seus sentidos, fazendo-o retornar os poucos metros que percorrera. Passou pela entrada do colégio, dobrou a esquerda e continuou pela avenida que dava acesso aos bairros mais afastados do centro. Não sabia ao certo o que estava acontecendo, sentia apenas que deveria seguir em frente.

Depois de uns quinze minutos andando rápido, finalmente a urgência de caminhar cessou. Estava no final de uma rua com iluminação precária; seguiu mais adiante e virou à direita, espantando-se ao reconhecer o lugar: era o cemitério municipal.

Olhou da rua a entrada do cemitério, tudo estava deserto. O que deveria fazer? Resolveu então se sentar na guia, um pouco mais afastado da entrada - afinal, se algo o colocou na frente de um antigo cemitério, não seria prudente ficar ali a mercê da sorte. Consultou o relógio e constatou que já deveria estar em casa. Por uma graça quase divina, Rachel não ia encontrá-lo – a Sra. Webber havia combinado de ensinar a nora a fazer o pudim de chocolate que ela tanto gostava, então certamente Rachel dormiria na casa dos sogros.

Uma brisa fria soprou no seu pescoço; a temperatura estava caindo bruscamente. Inspirou fundo e, ao soltar o ar, viu sua respiração condensada. Thomas se encolheu e manteve-se alerta.

De repente, um crepitar rompeu o silêncio da rua. De onde Thomas estava, o barulho parecia de alguém pisando nas folhas e nos gravetos secos acumulados no chão. Olhou para cima e reparou nas árvores que lembravam gigantes solitários e nos seus galhos nus. Levantou-se e, cautelosamente, foi se aproximando do portão. Segurou as grades enferrujadas, mas a textura do ferro forjado o fez recuar. Analisou mais atentamente e viu que, por toda a extensão do portão, havia pequenos querubins encrustados que, independente do ângulo de onde eram observados, pareciam encará-lo. “Que coisa horrível”, pensou. Antes que pudesse contemplar todos os adornos, algo

passou correndo entre os túmulos.

– Ai! – gemeu a voz e, em seguida, ouviu-se um barulho de algo pesado se chocando contra o chão.

– Olá! Você precisa de ajuda? – gritou o rapaz.

– Socorro! Por favor, me ajude!

– Estou indo, aguento firme! – Thomas correu para dentro do cemitério e seguiu na direção da voz. Uma jovem, que aparentemente caíra ao correr, se levantava com dificuldade. Vestida com um longo vestido branco, pés descalços e cabelo preso com uma fita azul, seus olhos brilharam ao ver o rapaz. – Calma, calma... Estou aqui, o que está acontecendo? Qual o seu nome? – tentou acalmá-la.

– Me chamo Margaret. Você precisa me ajudar! – disse quase sem fôlego, olhando para trás.

– Certo, Margaret, meu nome é Thomas – segurou a garota pelos ombros e olhou em seus olhos. – Você pode me dizer o que está acontecendo...?

A garota, ao encará-lo, começou a chorar alto, a ponto de soluçar. O professor não entendeu o que aquilo significava, olhou sobre o ombro da jovem e, a cerca de uns cinquenta metros, viu um vulto vindo em sua direção.

– Escute, preciso que você me diga o que aconteceu, e preciso disso agora...

– Thomas! Venha comigo, temos que ir embora. – Disse um gato soturnamente ao sair de trás de uma lapide.

– Dexter? O que você está fazendo aqui?

– Estamos sem tempo! Corra – o gato se projetou em direção ao portão de entrada, mas suas patas derraparam com uma freada brusca. O vulto que antes vinha por trás da garota agora se encontrava parado, encostado nas grades e acariciando um dos querubins com uma das mãos. Era alto magro e, pela sombra, parecia usar uma cartola. – Venham por aqui, não podemos mais seguir pelo portão! – o felino correu entre os túmulos o mais rápido que suas patas permitiam. Thomas, em seu encalce, puxava pelo braço a jovem que continuava a chorar.

“O que está acontecendo?”, pensou. “Quem é essa garota? O que ela está fazendo aqui? E esse sujeito no portão?”

– Dexter! Onde devemos ir? – perguntou.

– O mais longe possível! Corra!

– O mais longe de que? Correr de que? De quem?

– Do sujeito no portão!

– Não tem mais ninguém no portão – disse ao espiar sobre o ombro. – Ele não está mais lá.

Pararam bem no centro do cemitério. Se estivessem em uma floresta, aquele local seria como uma espécie de clareira. Todas as ruelas que levavam até os túmulos se

iniciavam ali e o chão era pavimentado com pequenas pedras rústicas. Os túmulos mais próximos ostentavam lápides pomposas – algumas eram como pequenos castelos, outras pareciam miniaturas de catedrais e umas tantas, mais assustadoras, erguiam enormes estátuas de anjos. O silêncio que se seguiu foi extremamente incômodo, era possível ouvir a respiração rápida e pesada de Thomas. Dexter estava com o pelo todo eriçado, a iluminação do lugar era pouco mais forte do que a que projetada pela lua, tornando tudo mais difícil.

– Thomas, você se lembra daquele sujeito que capturou Clara? – em resposta, o rapaz assentiu com a cabeça.

– Não me diga que o filho da mãe está aqui?! – disse, com uma mescla de irritação e medo.

– Sim, ele quer a garota. Mas, por algum capricho, deixou-a escapar e não conseguiu devorá-la – a jovem soluçou ao ouvir o seu possível destino. – Você precisa ser rápido! Julgue-a imediatamente!

Thomas não havia percebido até aquele momento que a moça era uma alma. Correu os olhos por ela e notou que, logo abaixo do ombro esquerdo, existia um buraco ensanguentado – sem dificuldade, reconheceu que era a entrada da bala que perfurou seu coração. Abaixou a mão até o peito da garota e, quando ia fazer a conexão para julgá-la, um impacto forte o jogou a uns dois metros de distância. Sentiu seu tórax doer e imediatamente ficou sem ar; tudo ao redor estava girando. Deitado no chão, viu de forma embaçada o homem de terno chutar Dexter. Sem defesa, o animal teve o mesmo destino que seu dono; o chute o lançou ao alto e o fez cair sobre um dos túmulos, bem nos braços de um anjo que segurava uma criança.

– Não faça isso! – o rapaz, entorpecido em fúria, levantou-se num espasmo de ira e disparou em direção à sombra, que se desviou por centímetros de um soco e, em seguida, de outro. Thomas investia furiosamente contra seu agressor; quando estava bem próximo da criatura, projetou mais um soco que certamente acertaria em cheio o rosto da sombra. No entanto, seu golpe foi interceptado pelo seu adversário e algo incrível aconteceu. Sua mão começou a brilhar e faíscas saíram do contato entre seu punho cerrado e a palma da mão da criatura.

O ser obscurecido começou a perder as forças e, aos poucos, foi abrindo a mão. Percebendo a oportunidade, Thomas investiu mais uma vez contra o rosto da sombra. Nesse momento, uma luz muito forte brilhou, como se o soco tivesse acertado numa poça d'água iluminada. Fagulhas foram espirradas como num show pirotécnico, e a sombra vacilou, cambaleando para trás. O professor continuou o ataque e, golpe atrás de golpe, fez com que a criatura recuasse mais e mais. Mas, ao se preparar para o soco derradeiro, a sombra se esquivou. O professor se desequilibrou e quase caiu, sendo imobilizado por trás pelo seu oponente.

– Seu novato imundo! Você acha mesmo que pode chegar e me impedir de fazer o meu trabalho? Acha que uma criatura irrelevante como você seria capaz de me conter? Essa noite você vai se arrepender de ter aceitado a tarefa de ceifador...

– Cala a boca! Cala a boca! CALA A BOCA! – gritou – Você não está fazendo seu trabalho, está as devorando! Isso não se faz! – bradou, enquanto tentava se desvencilhar dos braços da sombra.

– Há há há – a criatura riu alto. – Você é quem não sabe nada sobre o meu trabalho. Você não conhece meus objetivos e muito menos os daquele a quem eu sirvo, e já estamos fartos de você! A sua presença nos tem atrasado, então, nessa noite, serei eu quem vai acabar com você!

A sombra começou a golpear o professor, socando com força seu estômago. Ao derrubá-lo, continuou suas investidas com chutes fortes, criando o mesmo efeito de luz e faísca. Thomas rolou para o lado e, com dificuldade, conseguiu escapar do seu agressor. Correu e se escondeu na primeira lapide que encontrou.

– Isso arde, isso queima, isso vai acabar me matando! Preciso reagir...!

– Não adianta! Você não vai conseguir escapar e não vai evitar que a jovem seja devorada! Hoje será seu fim! O fim de todos vocês!

A alma se deixou cair de joelhos ao lado de Dexter. O gato estava imóvel, apenas seu peito se movimentava, subindo e descendo no ritmo da sua respiração. Margaret chorava alto e balançava seu corpo para frente e para trás, tentando entender por que tudo aquilo estava acontecendo com ela e quem era aquela gente. Por que estavam lutando? Por que aquele homem estava tentando devorá-la? Como se já não bastasse ter sido sequestrada, levada ao cemitério, estuprada e assassinada com um tiro no peito, ainda precisava passar por aquele sofrimento extra?

– Já não sofri o bastante?! – gritou.

– Na verdade não... – a sombra apareceu furtivamente ao lado da alma, falou bem perto de seu ouvido, abraçou-a e a ergueu como se fosse uma boneca.

– Por favor, por favor, não faça isso! – se debatendo e chorando muito começou a clamar por piedade. – Deixe-me em paz! Eu não fiz nada, nada...

– Mas você vai fazer, vai tornar o meu mestre mais forte!

Uma fenda, que ia do pescoço ao abdômen da criatura, surgiu. Thomas, ao perceber que a garota seria devorada, foi dominado por uma euforia e por um senso de urgência. Lembrou-se da última vez em que presenciou aquela transformação, levantou-se, correu e pulou sobre a criatura, jogando-a longe. Margaret caiu no chão feito uma boneca de pano. Thomas avançou outra vez sobre a sombra, seu punho estava escarlate e ele começou a golpear insanamente a criatura. Ela guinchou de dor e tentou-se levantar, mas foi puxada e recebeu uma nova onda de socos. O professor entrou em um estado de fúria que beirava a loucura, chamada pelos escandinavos de *berserk*, pois, a cada

pancada que dava na sombra, Thomas visualizava as almas as quais ela devorara e o modo como o fizera. Era tudo muito horrível – sofrimento, tristeza, almas condenadas a arder dentro da sombra e tantas que sequer mereciam qualquer tipo de punição, jovens, mulheres, crianças, pais de família. Todos estavam ali, sofrendo e padecendo nas chamas.

– Clara! Clara! – no momento em que Thomas visualizou Clara sendo devorada, ele enfiou as mãos nas entranhas da criatura. Seu punho, antes escarlate, agora emitia uma luz azul muito forte e ofuscante. A criatura guinchava cada vez mais alto enquanto seu corpo era rasgado.

Margaret, assustada, engatinhou e se abrigou atrás de um túmulo; ajoelhou e começou a rezar. Dexter, com esforço, abriu um dos olhos no momento em que Thomas rasgara a criatura ao meio e uma explosão ocorreu, deixando tudo muito claro.

O que se viu em seguida foi algo espetacular. O cemitério, antes precariamente iluminado, estava repleto de fontes de luz. Eram centenas de pontinhos claros, como se fossem velas espalhadas entre os túmulos. Cada alma que antes estava aprisionada dentro da sombra agora se espalhava pelo local. Thomas, admirado, olhou comovido para todos aqueles espíritos. Alguns caíam de joelhos, outros gritavam e choravam de alívio por terem sido libertos do fogo.

Havia chegado o momento de julgá-los. Um a um, o ceifador foi pousando a mão sobre seus corações e dando o fim ao qual os espíritos mereciam. Inesperadamente, um pontinho de luz, que fora lançado com mais força pela explosão, veio correndo em sua direção.

– Sr. Thomas! Sr. Thomas!

– Clara! É você!

Thomas sentiu seu coração aquecer, ver a garotinha chamando por ele causou uma enorme sensação de prazer e orgulho próprio. A garota vinha correndo, tropeçou umas duas vezes, mas não caiu. Quando chegou, lançou-se aos braços de Thomas num abraço apertado.

– Sr. Thomas, eu sabia que o senhor viria me salvar! Eu sabia!

– Sim, Clara, eu vim, e estou imensamente contente em te encontrar. Venha, o seu lugar não é aqui, o seu lugar é no céu.

– Ao lado dos anjinhos?

– Sim, que são iguais a você.

– A mamãe sempre me contava sobre eles, quero ter asas iguais às deles.

– Bem, querida, eu realmente espero que você se torne um anjo – Thomas pousou a mão em Clara e, em seguida, uma luz suave tomou o lugar onde estava a garota.

– Você terá uma noite e tanto, meu rapaz – disse o gato chegando mais uma vez de forma silenciosa, e olhando para todos aqueles pontos de luz espalhados pelo

cemitério.

– Dexter, tem algo estranho...

– O que?

– Não consigo sentir a energia dessas pessoas. Elas não deveriam se acumular em mim?

– Não nesse caso. Aquela sombra já tinha coletado a energia e retransmitido ao original dela. O que restou foi apenas as almas na sua forma mais indefesa e “vazia” – enfatizou o animal.

– Entendo... Dexter, mais uma coisa: quando uma de minhas sombras for derrotada, eu conseguirei sentir?

– Sim.

– Então, nesse caso, temos uma boa e uma má notícia...

– Por quê? – o gato olhou intrigado.

– Porque a minha sombra de Lynn disse que estaria ao meu lado quando eu fosse derrotar esse monstro que devorou Clara, mas ele não veio. Então pensei que poderia estar morto... Quero dizer, ele já está morto, então fiquei com medo de que algo como o que eu fiz com esse indivíduo pudesse ter acontecido com ele.

– Entendo... Mas, se você não sentiu nada, é porque ele está bem. Não se preocupe, você saberá se acontecer algo. E quanto a má notícia?

– Bem, se eu posso sentir quando uma das minhas sombras for derrotada, o original desse que destruí também pode, correto?

Dexter lambeu a pata, virou de costas e começou a andar. Um vento forte soprou naquele momento, derrubando as poucas folhas que ainda pendiam nos galhos das árvores, atravessando os espíritos. As brilhantes almas olharam curiosas quando elas transpassaram seus corpos, era tudo muito fantasmagórico.

– Correto... – disse o gato de forma soturna. – Por isso, a partir de agora, você deve ter muito cuidado. Ao contrário do que aconteceu hoje, nem todos vão te subestimar.

Thomas levou quase a noite inteira para julgar todas aquelas almas. No final, estava exausto. Queria ir para casa, tomar um banho e se deitar. Minutos depois, andando pela cidade vazia e fria, chegou finalmente em seu prédio. Pegou a correspondência e uma carta de envelope amassado e com uma enorme mancha de café chamou sua atenção. Logo em seguida, um sorriso discreto esboçou-se em seus lábios.

“Meu velho Thomas, escrevo para avisá-lo de que muito em breve estarei te visitando. Consegui, depois de muito esforço, tirar minhas sonhadas férias, e tenho feito muitas coisas desde então. Mas, para concluir a minha lista de pendências, não posso deixar de visitar meu querido amigo. Estarei chegando por volta da próxima

semana. Um abraço. Lukas.”

Lukas foi, durante toda a faculdade, o único amigo que Thomas teve. Era com ele que costumava sair, repassar a matéria das aulas, jogar videogame, trocar livros e se arriscar a conhecer garotas. Separaram-se logo quando finalizaram os estudos, Lukas conseguiu emprego em Manchester e assumiu o departamento de pesquisas de uma pequena e promissora empresa; desde então nunca conseguiu se ausentar do posto. Vez ou outra, escrevia ao professor para contar as novidades e avanços com a empresa e, por várias vezes, convidou o amigo para trabalhar com ele. Thomas sempre respondia que a paixão por lecionar ainda o saciava.

– Olha, Dexter – disse o rapaz, jogando a correspondência sobre a mesinha de centro. – Teremos visitas na semana que vem, advinha só quem..

O gato apenas olhou e em seguida saltou pela janela, ganhando a rua.

– Boa noite pra você também – Thomas deu de ombros. – Do que me vale um gato falante se ele não fala comigo?

À noite, Thomas teve um pesadelo com seus alunos. A aula parecia só mais uma das várias que ocorrem ao longo do ano. O professor, como de costume, escrevia a matéria na lousa, mas, para seu espanto, todas as crianças estavam caídas sobre as carteiras. Uma sombra entrou pela porta e, um por um, os estudantes se levantaram e caminharam sinistramente até ela. Thomas estava paralisado, parecia acorrentado à lousa e não conseguia fazer nada. O vulto sem rosto aparentava ter uns dois metros de altura e trajava uma capa preta que cobria todo o seu corpo, inclusive seu rosto. Movia-se de forma espectral e, ao se abaixar, quase encostando o que deveria ser sua face contra a de um dos alunos, lentamente puxou a alma do corpo do garoto.

Thomas tentou gritar e correr até o espectro, mas não adiantou – continuava petrificado em seu próprio corpo, enquanto a alma do aluno, agora completamente desencarnada, clamava desesperadamente por ajuda. Mas fora em vão; em seguida, o menino foi tragado pelas entranhas ocultas da criatura.

O professor acordou suando frio, seu coração estava disparado. Respirou fundo e tentou puxar o máximo de ar que podia. Depois de se acalmar, bateu a campainha em busca do celular e, ao encontrá-lo, olhou a hora. 03h05min. “Que clichê”, pensou.

Quando criança, sua avó lhe contava que, durante o dia, as forças do bem reinavam, deixando a noite para o mal e equilibrando assim as partes. No entanto, exatamente às três da manhã, as “forças das trevas”, como ela gostava de dizer, tinha sua plena ascensão. Segundo ela, Jesus tinha sido crucificado às quinze horas, logo, às três da madrugada, seria o momento em que ele estaria de cabeça para baixo, como se os demônios estivessem tripudiando do horário.

Outra coisa que a velha senhora sempre dizia, para reforçar a história e acentuar o medo, era que as pessoas com problemas espirituais sempre acordavam às três horas e só conseguiam voltar a dormir por volta das quatro. Isso acontecia porque os demônios estavam mais fortes nesse horário, o suficiente para tomar o controle dos humanos e tirá-los do conforto do sono.

Depois de levantar e tomar uns dois copos de água, Thomas conseguiu dormir. Estando sua avó certa ou não, foi exatamente às quatro horas.



Capítulo 10- “Médium”

“Dom para uns, oportunidade para outros”

Um vento frio cortou as ruas de Boston, enquanto uma jovem de passos largos atravessava um cruzamento sem muita cautela. O início da noite se fazia evidente com o silêncio que começava a tomar as ruas mais distantes do centro.

Ela parou por um segundo e olhou sobre o ombro, irritada, mas continuou sua caminhada, acelerando mais ainda o passo. Trajava um coturno preto, calças jeans, camiseta de banda e uma jaqueta de gorro, roupas que a fazem passar despercebida entre os outros adolescentes de quinze anos. Sua face parcialmente coberta pela sombra feita pelo gorro lhe concedia um ar de mistério.

– Bem, chegamos – disse.

Parou diante de um prédio de três andares, de arquitetura moderna e sem molduras, com uma placa retangular e simetricamente assentada no alto do primeiro andar e iluminada por duas lâmpadas nas extremidades, onde se lia: “*Centro Espirita Violetas ao Vento*”. Colocou os dois braços na porta e inclinou-se, investindo um pouco de força. A porta de duas folhas se abriu, fazendo um barulho seco e arrastado, revelando um salão com aproximadamente umas sessenta pessoas que silenciaram com a aparição da jovem. O salão era grande, medindo cerca de vinte e cinco metros quadrados. Colunas com molduras de animais se erguiam nas extremidades do lugar, deixando um amplo espaço livre em seu interior, onde se encontrava um desenho complexo de uma estrela cardeal. As cadeiras e mesas eram distribuídas de forma a deixar o desenho do piso livre – contudo, ali, ficava somente um pedestal de microfone onde o presidente costumava dar a palavra. Ela entrou sem demonstrar preocupação e cruzou o recinto, indo direto à outra extremidade, direcionando-se a uma figura bem vestida e de sorriso polido.

– Eu te disse, não foi? Não deu certo! – falou rispidamente.

– Boa noite, Eduarda... – O homem olhou desconfiado.

– Duda! – Ralhou.

– Certo, Duda – o homem sorriu. – Como eu disse, não seria fácil e nem rápido, você é uma pessoa... – fez sinal de aspas com os dedos. – *Especial*.

– Especial?! – gritou a garota, aguçando ainda mais a curiosidade do salão. – Isso é uma maldição, isso sim!

– Querida, vamos continuar essa conversa em minha sala. Não queremos compartilhar isso com todos, não é mesmo? – olhou da garota para os demais presentes e sorriu. – Irmãos, vou me ausentar por alguns instantes. Essa jovem tem algumas dúvidas sobre nossa doutrina. Continuem as atividades, Fred me substituirá. Obrigado.

O salão em uníssono murmurou, mas Fred pigarreou, chamando para si a atenção do público, enquanto o outro homem guiava a garota por um corredor ao fundo. As luzes ali eram fracas, o que dava ao lugar uma aparência assustadora. Duda se encolheu, não era uma garota medrosa, muito pelo contrário. Era valente e dificilmente recuava diante de alguma dificuldade, mas aquele lugar conseguia arrepiar sua nuca. Chegaram em frente a uma porta identificada como “Presidente”.

– Entre e sente-se.

O homem retirou o paletó, pendurou-o num gancho na parede, deu a volta na mesa e sentou-se de frente para a garota.

– Você disse que eu conseguiria controlar, disse que assim iria diminuir e você mentiu! Nada está mudando, não aguento mais passar por isso! – a garota socou a mesa, fazendo a placa com os dizeres “ B. Straus – Presidente” cair no chão e quicar para debaixo da mesa. Se levantou, afastou a cadeira e recuperou o item. Colocou-o no lugar e se sentou, olhando para a jovem como se estivesse escolhendo as palavras.

– Eduarda...

– Duda!

– Duda, você é médium.

– E o que isso significa afinal?

– Significa, Duda, que você serve de elo para o mundo dos espíritos; ou, como algumas pessoas preferem, plano espiritual, quarta astral, quarta dimensão, mundo astral, etc. A etimologia varia muito de crença para crença e, em algumas doutrinas e correntes filosóficas, costumam usar termos como “clarividente”, “intuitivo” ou “sensitivo” para pessoas como você. O que você possui é a capacidade de se comunicar com os que já partiram, independentemente da sua religião (até mesmo porque você disse não ter uma) – Duda assentiu com a cabeça. – Muitas pessoas desenvolvem essa capacidade, embora nem todas com a mesma intensidade, é claro. Baseado no que você disse...

– É verdade! Não estou mentindo – esbravejou a garota com um tom de desespero.

– E eu acredito. O que me leva a concluir que você tem uma sensibilidade extrema. Classificamos os médiuns de duas maneiras: ativos e passivos. Os ativos são aqueles em que essa capacidade é detectada, enquanto isso não acontece com os passivos. Seguindo essa linha de raciocínio, fica evidente seu tipo de mediunidade, Duda. Outra coisa importante, e que vale muito a pena você saber, são as formas que esses médiuns ativos podem receber essa comunicação. Se for oralmente, é psicofonia; se for pela

escrita, é psicografia. Aliás, você já teve contato com a psicografia. Lembra-se do nosso encontro anterior, quando te levei para conhecer alguns membros do *centro*?

– Sim...

– Percebi que você ficou curiosa com a figura que escrevia freneticamente enquanto repousava seu rosto no apoio da mão. Era o Aiden, ele é um médium e psicografa as mensagens dos espíritos. Mas, dando sequência à explicação, existe também a vidência, que é quando os espíritos se fazem visíveis ao médium...

– É o meu caso – Duda sussurrou.

– Eu sei, querida, eu sei. – percebendo a aflição da garota e, não sabendo o que fazer, retomou a explicação. – Existem outros métodos para estabelecer contato, como por exemplo, os fenômenos de ordem física, que é quando o espírito consegue manipular algumas coisas ao seu redor, os Poltergeist conseguem a levitação, batidas são intituladas tipologia, escrita direta é a pneumatografia e por fim a voz eletrônica. Ah e já ia me esquecendo, existe também a psicometria, que é muito utilizada pela polícia, consiste em um médium, sentir recordações e ler impressões simplesmente tocando algum objeto, como por exemplo, de uma cena de crime...

– Mas eu não quero isso para mim! – interrompeu a garota ao perceber que aquela conversa técnica, só a estava deixando mais confusa.

– Por que não, Duda? Você já pensou que isso pode ser um dom?

– Um dom? – a menina fez cara de nojo.

– Sim, o dom de ajudar essas almas. Você já tentou conversar com elas, saber o que querem ou o que precisam?

– Não...

– Acredito que é justamente o que você precisa fazer...

– Mas eu não quero! Quero ter uma vida normal, quero acordar, sair, me divertir e dormir sem estar rodeada de espíritos! Essas criaturas não me deixam em paz, aonde quer que eu vá, elas me seguem...!

– Elas? – perguntou o homem, assustado. – De quantas entidades estamos falando?

– Dezenas!

– Impossível! – antecipou-se. – Nunca antes tivemos notícia de alguém que pudesse manter contato com tantos espíritos de uma só vez. Duda, espero que isso não seja uma brincadeira, pois levamos muito a sério o trabalho que desenvolvemos aqui.

– Não é brincadeira! Se o senhor pudesse enxergá-las, as veria aqui – disse, batendo o dedo indicador contra a mesa do presidente. – Não apenas a sua sala de madeira e cheirando a verniz, mas sim um cômodo repleto de almas! Estão por todos os lados, à minha direita, à minha esquerda, – gesticulou com o polegar, – atrás de mim, ao seu lado, à suas costas! Estão por toda a sala!

– Chega, já basta!

– Eu sabia! Você não pode me ajudar, nenhum de vocês pode!

– Não é isso, Duda. Podemos te ajudar sim, mas o que você disse é muito grave. Dezenas de espíritos te seguindo por aí? Você seria a mais forte antena psíquica do mundo! E isso é difícil de acreditar, eu mesmo nunca vi alguém assim... Até então, não acredito que possa existir tal fenômeno, seria extremamente inédito. Essa pessoa estaria destinada à algo muito grande, algo especial, algo que só Nosso Senhor teria a genialidade de conceber...

– Vocês estão vendo? – questionou Duda, olhando de um canto a outro da sala. – Estão felizes? Além de me infernizarem por onde quer que eu vá, ainda me fazem passar por mentirosa! Por que não tentam algo? Por que não mexem algum objeto? Escrevam algo! Façam, sei lá...! – olhou ao redor. – Um barulho nessa madeira velha ou qualquer uma das coisas que ele disse que vocês são capazes!

Nesse momento, Benedict já estava se levantando para parar o acesso de raiva da garota e tranquilizá-la. Contudo, algo o paralisou; a placa com o seu nome foi novamente arremessada, mas dessa vez ninguém a jogara. Em seguida, as folhas sobre sua mesa foram lançadas para o alto, enquanto os livros da estante, que ficava atrás da escrivaninha, caíam e se amontoavam no chão e os móveis dançavam pelo cômodo. O presidente olhava assustado para o pandemônio que sua sala havia virado, e sua expressão evoluiu para o desespero no instante em que escutou murmúrios ao seu redor; não eram nem de uma e nem de duas vozes diferentes, mas de dezenas delas.

– Por favor, faça-os parar! Duda, faça-os parar! Faça AGORA!

– Não posso! Eu não os controlo, mas agora pelo menos você acredita em mim. Está vendo? São muitos, não é mesmo? – a garota, apesar de assustada, deixou uma sutil gargalhada escapar pelos lábios, pois finalmente o homem estava acreditando nela.

– Sim, eu acredito! Mas faça algo! Faça-os parar! TENTE!

A menina olhou desesperada de um espírito a outro. Eram as mais diferentes figuras – alguns altos, outros baixos; uns magros, outros muito gordos; havia até alguns que seguravam objetos. Duda reparou que muitos deles ainda mantinham os ferimentos causadores de suas mortes, enquanto alguns choravam muito alto pelo fato de estarem mortos. Também estavam ali os sorridentes, os que apreciavam toda aquela bagunça.

Em um único lugar, toda a escória humana estava reunida.

– Parem... parem... PAREM! – Duda gritou. – Estou farta de vocês, de todos vocês! – rugiu, apontando ameaçadoramente para os espíritos.

Os livros voltaram para a estante, as folhas caíram sobre a mesa da forma de antes, os móveis retornaram para seus respectivos lugares e os murmúrios tiveram seu fim. Benedict, perplexo, deixou-se cair sobre sua cadeira. Estava exausto, parecia que todos os seus músculos estiveram a ponto de explodir por causa da sua tensão.

– Presidente, eu vou embora. Depois de tudo isso, tenho certeza de que não

receberei ajuda por aqui.

– Duda, não vá! Sei que ninguém aqui está preparado para algo tão colossal e sem precedentes quanto o que está acontecendo com você, mas se não nós, quem será?

– Não sei... – uma lágrima escorreu de seus olhos.

Duda saiu da sala, enfiando a cabeça sob o capuz. Não queria que ninguém a visse chorando. Passou pelo corredor e, em seguida, estava novamente no salão. Algumas pessoas pararam suas atividades para observá-la, mas, pouco tempo depois, retomaram a atenção para seus afazeres.

Duda gostava do centro espírita. Não sabia se era pelo fato de a arquitetura interior do prédio contrastar com os poucos ornamentos e detalhes da sua fachada, ou se era por causa da esperança que nutriu de encontrar ali pessoas como ela, capazes de ajudá-la.

Passou a passos firmes sobre a estrela no chão, decepcionada, como se todas aquelas pessoas em torno fossem uma fraude. Será que ninguém ali era capaz de ver o que ela via? Pesarosa e a um passo da porta, ela se virou para encarar o centro pela última vez – seria como uma despedida, mesmo que tenha frequentado o lugar tão pouco. Contudo, deparou-se com uma mulher que sorria para ela. Assustada, Duda deu um passo para trás e quase caiu, apoiando-se na porta para evitar a queda. A mulher lhe estendeu a mão, sem desfazer um milímetro do sorriso amável.

– Você está bem? – perguntou.

– Sim, estou. Obrigada. – disse Duda, engasgando com as palavras.

– Você não veio na última reunião, notei sua ausência, querida. Não tem se sentido bem?

– Quem é você? – perguntou a garota, ligeiramente intrigada.

– Ah, queira perdoar meus modos... Onde estou com a cabeça? Nem mesmo me apresentei! Me chamo Bela. Assim como você, sou novata no Violetas ao Vento.

– Como sabe que sou novata? – Duda soltou a mão da mão da mulher e encostou-se contra a porta.

– Porque você começou a frequentar uma reunião depois de mim. E, convenhamos, você não é um rosto que passa despercebido – sorriu. – Desde o momento em que te vi, fiquei com uma enorme vontade de conversar com você. Acho que todos os *irmãos* não são capazes de entender pessoas como nós.

– O que você quer dizer com pessoas como nós? – a menina se aproximou da desconhecida.

Bela respirou fundo, olhou para Duda e, em seguida, para os lados, a fim de verificar se mais alguém estava escutando. Voltando a atenção para a jovem, gesticulou para o espaço ao redor da menina.

– Sabe, eu posso vê-los...

– Quem?

– Todos esses espíritos que te seguem – os olhos de Bela brilharam como uma chama alimentada por um grande sopro. Seu olhar exibiu a mais pura expressão de prazer, pois sabia que tinha tocado na verdade e no grande segredo de Duda.

– Desde quando você sabe? – a garota olhou intrigada para a desconhecida. Agora, observando-a com mais atenção, sentiu-se intimidada. Era uma mulher alta, de cabelos loiros e muito bonita.

– Desde o momento em que pus meus olhos em você. Mas, calma, não estou aqui para te deixar mal, tampouco com medo. Quero oferecer ajuda. Conheço alguém que conseguiria te livrar desse tormento, alguém que ficaria feliz em devorar todas essas...

– Devorar? – Duda olhou assustada.

– Eu disse devorar? Queira me desculpar, queria dizer “exorcizar” essas almas e mandá-las para o céu – “Essa foi por pouco”, pensou.

– E quem seria essa pessoa?

– Alguém especial, que eu considero meu mestre.

– Agradeço a ajuda, mas, depois da conversa com Benedito, não sei mais se quero simplesmente me livrar deles. Queria tentar entendê-los, porque, no meu íntimo, acredito que eles precisam de ajuda...

– E que ajuda seria mais adequada do que as portas do céu?

Nesse momento, Benedito entrou no salão, tomou para si o microfone e começou a falar com o público, sem se dar conta de que Duda ainda estava ali. A menina não queria encarar o presidente mais uma vez, abriu a porta e saiu. Bela foi em seu encalce.

– Espere, você não pode ir! Eu posso te ajudar! – A mulher tentava manter aquele tom amável, mas a frase acabou de forma ríspida.

– Esqueça! Ninguém pode me ajudar.

– Você está errada, Duda, eu posso te ajudar...

– Como você sabe meu nome? Não me lembro de ter lhe dito – intrigada e com certo receio, aproximou-se. – Você está me perseguindo?

– Não, não é isso. Escutei quando Benedito te convidou a segui-lo pelo corredor – “Droga! Onde estou com a cabeça? Quase estraguei tudo novamente”, pensou.

– Bem, nesse caso, você pode me ligar – a menina estendeu um pequeno pedaço de papel. – Marcaremos um dia e você me apresenta esse seu mestre. Não que eu acredite que ele possa me ajudar, já desisti totalmente. Vocês são todos fraudes.

– Nem todos. Afinal, fui capaz de ver o que nenhum deles viu – Bela sorriu.

– Veremos.

Duda fez todo o trajeto de volta cabisbaixa. Aquilo tudo mexeu com ela; como se já não bastasse a conversa com Benedito, ainda teve aquela mulher, Bela, oferecendo ajuda. Duda não tinha certeza se poderia confiar em alguém tão cheia de boas intenções.

Ao chegar em casa, notou que as lâmpadas ainda estavam apagadas, sinal de que

seu pai ainda não havia terminado seu turno. O Sr. Holmes era policial e praticamente não passava tempo algum em casa. O relacionamento entre os dois era complicado, e a adolescente não se sentia encorajada a se abrir com ele. Sua mãe, Luciana, uma brasileira que Holmes conheceu em uma viagem ao país, morreu quando Duda tinha seis anos, vítima de um assalto. Por isso, a menina não gostava de ser chamada pelo nome completo, Eduarda, pois a fazia lembrar a mãe falecida. Depois disso, Holmes entrou para polícia e, desde então, se dedica a colocar o maior número de bandidos atrás das grades, como se isso pudesse aliviar um pouco da sua culpa por não ter protegido a esposa.

Os fantasmas iam e vinham quando Duda estava em casa. Alguns se deitavam no chão, outros planavam pelo ar e tantos outros entravam e saíam do quarto, atravessando as paredes sem dificuldade alguma. A essa altura, a garota já havia aprendido a ignorá-los e nem sequer lembrava quando foi que começou a vê-los. No início, achava que era uma espécie de sonho ou que estava sofrendo algum tipo de distúrbio do sono. Agora, não fazia mais diferença quantidade ou os tipos que se impregnavam pela casa, pelo menos não quando ela estava assistindo televisão, quando conseguia se desligar de toda aquela loucura.

Minutos depois, o telefone tocou; era seu pai, dizendo que não conseguiria voltar pra casa tão cedo, pois teria que atender uma ocorrência urgente.

Dois vultos se cruzaram em frente à Catedral de Santa Cruz.

– Aaba, temos que admitir: esses humanos sabem construir igrejas. Essa, por exemplo, é um excelente exemplar – Santodeus olhava para a construção como se cada centímetro fosse interessantíssimo. Não desviou o olhar nem no momento em que a bela e bem vestida mulher apareceu.

– Mestre...

– Shiu... – disse o homem, ainda encarando a catedral. – Essa magnífica construção foi projetada no século XIX pelo irlandês-americano, eclesiástico e arquiteto Patrick Keely. Tem um comprimento de trezentos e sessenta e quatro metros, uma largura de noventa metros e uma altura de cento e vinte pés! Agora sim, Aaba, pode continuar.

– Mestre, encontrei a menina, e ela realmente é médium – cantarolou as palavras. – Vive rodeada por dezenas de almas.

– Excelente! Agora, precisamos arranjar uma forma de devorá-las sem chamar muita atenção. Infelizmente eu não posso simplesmente matar o pai dela, isso acionaria o ceifador mais próximo, a essa altura da minha ascensão isso me custaria o elemento surpresa. Lembre-se Aaba, por hora, discrição é tudo.

– Não se preocupe, mestre, já cuidei disso também. Criei uma pequena distração para a polícia, e o pai da garota estará chefiando a operação – sorriu.

– Diga-me, Aaba, o que você aprontou? – Cerrou o cenho.

– Bem, utilizei minha aparência para convencer um homem de que poderíamos nos casar, ter filhos, uma casa... Enfim, a velha história do felizes para sempre – desdenhou.
– Mas, para isso, era necessário que ele conseguisse dinheiro. Foi aí que ele teve a maravilhosa ideia de roubar um banco. Agora a polícia está em seu encalce.

– Excelente – disse, satisfeito. – Agora temos a garota sozinha em casa. Mesmo assim, você sabe que não será tão simples. Aquelas almas provavelmente desenvolveram algum tipo de carinho pela garota e acreditam que ela seja capaz de ajudá-las; caso contrário, já teriam partido e buscado outra pessoa que pudesse vê-las. Precisamos ter cuidado. Por mais que eu tenha me tornado forte, os outros onze ainda existem. Além disso, temos aquele garoto perambulando por aí.

A mulher, que era pura admiração, desfez seu sorriso. Seus olhos ficaram pesados ao ouvir aquilo.

– Senhor...

– Não se preocupe, Aaba – Santodeus a interrompeu. – Eles pagarão caro pelo Etron, ele era uma sombra muito fiel. Vamos, há muito poder à minha espera naquela casa.

Os dois seguiram em frente, dobraram a esquina e entraram em uma rua sem saída. Ao final dessa, olharam para trás, confirmando a ausência de pessoas. Rapidamente, uma fumaça escura rodopiou ao redor dos dois e, um segundo depois, o beco estava novamente vazio e sem o menor sinal de vida.

Na rua onde residia Duda, o poste que iluminava aquele ponto piscou algumas vezes antes de se apagar. Um instante depois, reacendeu, revelando a silhueta de duas pessoas.

– Está na hora – sussurrou o homem.



Capítulo 11- “Tinta e pena”

“A borboleta colorida sempre será aquele casulo cinzento de outrora”

– Quem são vocês? – perguntou Duda, aflita. – Como conseguiram entrar?

– Calma! Estamos aqui para te ajudar, por favor, acredite em nós!

Assustada, a garota correu para o outro lado da sala, com o coração palpitando. Procurou o porta guarda-chuva e agarrou o taco de beisebol que seu pai sempre deixava ali após os treinos. Segurou-o firmemente de forma a ameaçar os intrusos, ao mesmo tempo em que tentava repassar mentalmente o que havia acontecido. Só se lembrava de assistir a um filme qualquer antes de ter adormecido e de ter acordado com o barulho da janela. Ao verificar, deu de cara com os indivíduos.

– Como posso acreditar se acabaram de pular pela minha janela? E porque você diz “nós”? – indagou.

– Vai lá, mostre pra ela – disse o rapaz.

– Ok, não podemos perder tempo. Escute, garota, precisamos sair daqui o mais rápido possível, e para isso...

– O gato fala?! Uau! – admirou-se Duda. – Que demais!

– Ok, ok, depois falamos sobre o gato falante. Ele é incrível e sempre rouba a cena, mas agora estamos realmente sem tempo – Thomas foi até a janela que dava vista para a rua e visualizou os dois vultos caminhando firmemente em direção a casa. – Tem alguma porta nos fundos?

– Sim, tem a da cozinha. – respondeu a menina, sem tirar os olhos de Dexter.

– Então vamos! – sussurrou o professor.

– Vamos pra onde? Quem são vocês? E o que querem de mim? – Apontando novamente o taco para Thomas.

– Escute, Duda...

– Uau, o gato disse meu nome! – admirada, a garota cercava Dexter com curiosidade.

– Sim, eu sei quem você é, que é uma espécie de médium rodeada de espíritos dia e noite. Sei também que passou a frequentar o centro espírita, mas nada disso é tão importante quanto o que está para acontecer aqui...

– E o que está para acontecer? – questionou assustada.

– Eu diria se você me deixasse explicar – vociferou o gato, fazendo a menina arregalar os olhos. – Estive te observando há algum tempo, e essa energia que esses espíritos emanam ao seu redor é gigantesca. Por isso, você acaba atraindo algumas pessoas...

– Que pessoas? – Duda voltou a interromper.

Dexter a encarou com fúria, ergueu a pata dianteira esquerda e mostrou as garras.

– Ok, vou deixar você explicar – a menina se antecipou, receosa.

– Não dá mais tempo! – interpelou Thomas quando Dexter abriu a boca para continuar a explicação. – Eles estão chegando! Vamos, no caminho a gente te explica.

– Não! Não vou a lugar algum se não me disserem o porquê!

– É simples – gritou Dexter. – Sabe aquela mulher loira que te ofereceu ajuda? Ela está lá fora vindo com o tal mestre te matar e devorar todas essas almas! – os espíritos pararam de planar, cochichar ou o que quer que estivessem fazendo, e passaram a olhar perplexos para o gato.

– *Devorar?* – sussurrou a adolescente. – Agora todo aquele interesse por mim e pelos espíritos faz sentido! Ela deixou essa palavra escapar mais cedo. Venha, vamos por ali.

Correram pela sala, passaram pelo corredor e chegaram à cozinha. O lugar estava extremamente limpo, não havia nenhuma louça sobre a pia, o que evidenciava a sua falta de uso, sem a esposa para cozinhar, o pai da garota pedia todos as refeições no restaurante que ficava a dois quarteirões de distância.

A garota correu até o armário, abriu a gaveta e pegou as chaves reservas. Em seu encalce, Thomas e Dexter olhavam aflitos em direção à sala. Assim que Duda girou as chaves na fechadura, a campainha tocou. Os três mergulharam velozmente pela porta e saíram diretamente no quintal.

– Precisamos dar a volta – desesperou-se Duda.

– Não! Daremos de frente com eles – Dexter respondeu firme. O gato precisou conter os humanos, que já haviam se adiantado alguns passos. – Precisamos pular a cerca e ir pelo vizinho!

– Não! Esse vizinho não, aí tem um rottweiler enorme. Venha, vamos pelo vizinho da esquerda. Ele nunca está em casa, passaremos fácil e rapidamente estaremos na rua.

Clap! Ouviram um barulho de madeira sendo lascada, o que denunciou que a porta da sala foi arrombada. Dexter escalou a cerca, Thomas subiu logo em seguida e estendeu a mão para Duda, puxando-a. O trio correu pelo quintal, passou pela lateral da casa e destrancou o portão, que estava travada com um trinco simples. Saíram pela rua, e já haviam corrido uns trinta metros quando escutaram um grito gutural e furioso. Em seguida, ouviram um estampido alto, que veio acompanhado por sucessivas explosões. Por fim, enormes labaredas lamberam a casa e velozmente seguiram em direção ao céu.

Os vidros estouravam, a madeira lascava e o telhado começava a afundar. O céu escuro foi cortado por um amarelo intenso, as chamas ardiam e crepitavam. A vizinhança, assustada, começou a sair de suas casas. Alguns gritavam para que fossem chamados os bombeiros, outros corriam em direção à casa, mas, assim que se aproximavam, uma nova e mais potente explosão os atirava para trás.

– Não podemos ficar aqui, vamos! – sussurrou Dexter.

– Duda! Vamos, ainda estamos em perigo! Você viu do que eles são capazes! – Thomas tentou segurar a garota, mas foi arremessado pra longe; um dos espíritos o encarou e sinalizou negativamente com o dedo indicador. Ficou claro que eles a protegeriam a qualquer custo. – Ok, ok – falou para os espíritos, com as mãos espalmadas como quem pede calma – Mas precisamos sair daqui.

– Minha casa... minhas coisas... minhas... – a garota percebeu suas lágrimas escorrendo pelo rosto e puxou o capuz da blusa para cobrir o rosto. – Vamos! – respondeu de forma firme.

Correram por vários quarteirões, parando vez ou outra para tomar fôlego. A fuga durou quase uma hora. Quando os três estavam quase sem forças e Duda se inclinou com as mãos nos joelhos, Dexter arfou, dizendo que, ao dobrarem a esquina, sairiam na rua do apartamento de Thomas. Chegando ao saguão, pararam e curvaram-se exaustos. Subiram as escadas até o terceiro andar, o professor verificou os bolsos, pegou as chaves e abriu a porta, todos entraram rapidamente como se estivessem fugindo de um vazamento de gás tóxico.

– Thomas? – uma voz perguntou, assustada.

– Lukas? – “Meu Deus, me esqueci completamente que ele estava aqui!”, pensou.

– Está tudo bem? Quem é essa jovem? Pelo amor de Deus, não me diga que ela é a Rachel. – Brincou.

– Não, não, essa é...

Duda passou os olhos pela sala e vislumbrou um quadro com o diploma de professor de Thomas. No mesmo instante, se antecipou a responder:

– Uma aluna.

– Isso! Uma aluna – reforçou Thomas, aliviado. Na verdade, sou amigo do pai dela e ele me pediu para cuidar dela essa noite, já que não encontrou nenhuma babá.

Lukas deu risada, e voltou sua atenção para a TV.

Duda passou pelo professor e sussurrou: – babá? Isso foi a melhor desculpa que você conseguiu arranjar? – desdenhou desapontada.

Dexter entrou soturno e olhou para Duda. Imediatamente, a menina compreendeu que o homem não sabia nada sobre o gato falante.

– Venha até a cozinha, Duda, vou te preparar um leite quente – Thomas indicou o aposento com a cabeça. A adolescente o acompanhou.

– Preciso avisar meu pai, Sr. Thomas. O que vai acontecer se ele chegar lá e não me encontrar? Vai pensar que eu morri no incêndio – sussurrou, olhando na direção da sala, tomando cuidado para não ser ouvida.

– Em primeiro lugar, não precisa me chamar de “Sr. Thomas”, nem mesmo meus alunos me chamam assim. Na verdade, eles até perderam um pouco o respeito. “Senhor T”? – fez um muxoxo.

– Você é mesmo professor? – perguntou, perplexa.

– Han?

– Nada! Posso usar seu telefone? Quem sabe meu pai atende o celular... – disfarçou Duda.

– Claro, pode sim. Fica ali ao lado da geladeira, fique à vontade.

– Cara! Seu telefone é do Batman! – zombou.

– Sim, algum problema? – desdenhou.

– Não, na verdade eu adoro – a garota respondeu sem jeito.

– É porque ele é uma eterna criança – brincou Lukas do sofá da sala, aproveitando para levantar e ir até a cozinha buscar água.

Thomas apenas sorriu, estava tenso e seus pensamentos borbulhavam.

Duda, depois de algumas tentativas, devolveu o telefone ao gancho. Cabisbaixa, olhou para Thomas; ele puxou uma cadeira e colocou-a próxima a bancada, estendendo a caneca com achocolatado quente. Dexter que, desde o momento em que entrou no apartamento, permaneceu na janela em sua posição de gárgula, soltou um baixo ronronado. Saltou do patamar e saltitou ligeiro até a cozinha.

A adolescente olhou curiosa para o felino; já havia visto muitas coisas estranhas, mas um gato falante ainda era novidade. Acompanhou-o com o olhar curioso até ele pular na bancada e ficar focinho a nariz com Thomas, que apoiava os cotovelos na pedra de mármore, esperou Lukas voltar para o sofá e disse baixinho:

– Acho que deveríamos sair daqui; isso é, se você quiser proteger seu amigo.

– Mas, Dexter, pensei que estaríamos seguros – argumentou o professor.

– Enquanto estivermos com ela – apontou com o rabo para a garota, – estaremos correndo um sério perigo.

– Por quê?

– É simples. Olhe para ela e para toda essa energia ao seu redor. Isso funciona como um grande farol, não vai ser difícil para eles nos encontrar.

– Quando isso vai acabar? Quando alguém vai parar esse cara? Onde estão os outros Onze? – irritou-se Thomas, tomando o cuidado de não ser ouvido por Lukas na sala.

– Não sei tudo sobre o que se passa entre o céu e a terra, meu jovem, mas sei que, se não fizermos nossa parte, as coisas podem ficar extremamente complicadas. Acho

que os outros Onze estão por aí com suas próprias preocupações, mas não vão ficar nada contentes quando descobrirem a traição. E sinceramente, acredito que você ainda não está preparado para confrontar o Onze. Você viu como ele é poderoso, e, mesmo que você dê conta do recado, essa área está sem um guardião e seu poder está muito longe de se equiparar a um dos treze. Por isso é que ele está agindo primeiro aqui.

“Se ele conseguir devorar as almas desse território, logo estará forte o suficiente para criar novas sombras, estender seu domínio para mais regiões e conseguir poder o bastante para desafiar e derrotar outro guardião. E, se isso acontecer, teremos um grande colapso, tão grande que você não faz ideia, Thomas. Lembre-se de que esse mundo físico e mortal só está separado do extracorpóreo porque os Treze sempre estiveram responsáveis por despachar as almas para seu devido lugar.”

– Um guardião nunca se voltou contra o propósito inicial em prol de poder? – indagou o rapaz.

– Não. Talvez por isso os demais guardiões estejam tão quietos. Acredito que eles não saibam como proceder ou ainda estejam arquitetando um método para resolver toda essa confusão.

– Tenho uma dúvida – Thomas passou a mão com suavidade sobre a mesa e depois apontou um dedo para a superfície. Verificou se o som da televisão ainda estava alto o suficiente para encobrir sua voz. – Mesmo que eles consigam derrotar o traidor, como farão para repor esse guardião? Já sabemos que eu não posso ser esse alguém, afinal, só tenho o poder das almas que vou acumulando nos julgamentos; e, para ser como um deles, é necessário ter muito mais. Sabemos também que isso não se adquire, e que é preciso ser um ser “especial”, correto? – sussurrou em tom de especulação, o que fez com que Duda e Dexter se curvassem para mais próximo do professor. A garota se esforçava para entender tudo que o professor estava falando, mas era em vão; nada fazia sentido para ela. Por isso, resolveu não interferir na conversa com suas perguntas.

– É tudo muito complicado – respondeu o gato. – Mas acredito que sua linha de raciocínio esteja parcialmente correta...

Um som ecoou vindo da sala; parecia com um escapamento de uma moto velha. O trio se desligou da conversa e olhou ao mesmo tempo para o cômodo: lá estava Lukas, dormindo e roncando alto.

– Posso colocar uma meia na boca dele? – zombou a garota.

– Por favor – responderam em coro Thomas e Dexter.

Mas, enquanto todos seguravam a gargalhada, evitando fazer barulho, um grande lampejo de luz prata e ofuscante estilhaçou a janela da sala. Dexter saltou para o chão e correu para a janela; olhou em direção à rua e voltou-se para Thomas:

– Corra! Vou tentar segurá-la.

– Segurar quem? – questionou o professor.

– Salve a garota! Corra!

Dexter saltou da janela, e Thomas correu para o peitoril a tempo de ver o animal quicar levemente sobre o toldo da entrada do prédio e pousar no asfalto molhado pela chuva, cravando suas garras no chão. A cerca de uns sete metros, a imponente mulher o encarava.

– E agora, o que faremos, Sr. Thomas? O que faremos? – desesperou-se Duda.

– Calma, não fique com medo, podemos...

– Não estou com medo! Precisamos ajudá-lo!

A garota fez questão de demonstrar que não era medo o que sentia, mas sim preocupação com Dexter. Correu em direção a porta seguida por Thomas, que, por sua vez, puxou a maçaneta, fazendo a porta se fechar com um baque. O barulho fez Lukas se mexer o suficiente para mudar de posição e voltar a dormir.

Duda desceu as escadas, saltando dois lances por vez, com o coração acelerado. Não sabia se o que estava fazendo era certo, e o sentimento de perigo eminente congelava seu sangue. Mesmo assim, resolveu seguir em frente. Aquele dia sem dúvidas estava sendo o mais comprido e maluco de todos; mas, por outro lado, sabia que tinha tudo a ver com ela e a esperança de finalmente entender o seu problema com espíritos a impulsionava escada abaixo. Por outro lado, a preocupação com seu pai a atormentava. Não poderia deixá-lo pensar que estava morta e, por isso, precisava agir rápido.

Thomas saltou o último degrau segundos depois da garota; ele estava completamente atrapalhado, nunca antes as coisas ficaram tão fora de controle e muito menos o risco chegara tão perto da sua casa. Parou um pouco de correr e pensou no que poderia fazer, mas só conseguiu concluir que precisava ajudar Dexter. Varreu a rua de canto a canto com os olhos, e foi preciso forçá-los para enxergar, a uns cinquenta metros, a mulher lançar o gato contra a parede da esquina. O animal quicou duas vezes no chão antes de parar sobre uma poça d'água.

– Não! – gritou Duda – Sua desgraçada, não faça isso com ele!

A garota correu para alcançar a mulher. Aaba sorriu e veio de encontro a Duda; parecia extremamente feliz com a oportunidade ideal para agradar seu mestre. Capturaria a garota e a entregaria de bandeja para ele.

Thomas parecia anestesiado; olhou para Dexter, estendido ali e completamente vulnerável. Tudo acontecia de forma muito rápida. Aaba se lançou como uma águia sobre Duda, seus braços esticados e mãos espalmadas buscaram o pescoço da garota, no entanto, algo inesperado aconteceu. Houve um forte impacto. Foi como se um trem desgovernado tivesse batido de frente com uma parede extremamente sólida e transparente. A mulher gemeu de dor, seus braços dobraram pra trás, o impacto foi tão forte que parecia que ela iria se quebrar ao meio, caiu aos pés da garota, logo em

seguida um novo impacto, mas esse com um barulho seco, a mulher fora lançada como uma bola de futebol, bateu contra a vidraça da cafeteria e ficou pendurada em um angulo estranho.

– Essa foi pelo Dexter, sua infeliz! – a garota apontava o dedo para o gato, que permanecia caído na sarjeta, enquanto encarava a mulher que se erguia em meio aos cacos.

Thomas não acreditava no que tinha visto. No instante em que a mulher partiu para cima da garota, todas as almas que a cercavam se uniram e fizeram uma parede de energia. Em seguida, desferiram de maneira sincronizada um pontapé certo, que fez Aaba parar dentro da vitrine. Ele se lembrou de quando tentou tocar a menina e entendeu que as almas não apenas a defendiam, mas também reagiam de acordo com seu comportamento.

Aaba se levantou, sacudindo as vestes e jogando os cacos para longe. Levou a mão ao rosto e segurou firme uma lasca de vidro que estava cravada em seu maxilar, puxando-a rapidamente e tampando o corte profundo com a mão logo em seguida. Sorriu e, no segundo seguinte, seu rosto estava liso e perfeito como antes.

– Sua pirralha insolente! – vociferou. – Deveria ter colaborado, deixado eu te ajudar, te levar ao meu mestre. Pelo menos, seria menos doloroso!

– Seu mestre explodiu minha casa e certamente iria me matar, Bela (se é que esse é mesmo seu nome).

– Matar? – zombou. – Matar é para os mortais, ele é mais sofisticado... Ele vai te devorar! Você e todos esses imprestáveis espíritos que traz consigo!

– Na verdade, eles não são assim tão imprestáveis, não é mesmo? – a menina olhou e piscou para uma das almas, um homem de físico forte que encarava Aaba. Ele correspondeu o olhar da garota e acenou com a cabeça, como quem agradece a um elogio.

– Quem é você? – Thomas interferiu.

– Ora, ora, se não é o substituto! – desdenhou Aaba. – Tenha paciência, você será o próximo, assim que dermos cabo da garota. O mestre anseia por esse instante, você não sabe como ele deseja colocar as mãos no verme que matou sua sombra; Etron.

– É mesmo? Então por que ele não está aqui? – questionou Thomas.

– Não seja assim tão egocêntrico, rapaz! Você não é o único problema que ele tem.

Thomas sentiu o medo cortar seu estômago, mas não podia ficar quieto depois daquela provocação. No fundo, estava aterrorizado com tudo aquilo, mas sabia que precisava fazer algo. Caminhou em direção a mulher, um passo depois do outro, cada vez mais rápido até que começou a correr. Seus punhos arderam numa chama azul que se estendia até o cotovelo, e o calor tomou seu íntimo, expulsando o medo. Aaba olhou para o evento com curiosidade, contudo sentiu a pressão da força que se acumulava nos

punhos do rapaz. Virou-se e correu, parando ao lado de Dexter.

– Mais um passo, garoto, e o gato já era! – alertou-o.

Thomas derrapou e plantou os pés no chão. A mulher segurava o gato pelas costas, sua mão esquerda firmemente cravada nos pelos do animal, enquanto a outra segurava uma adaga reluzente a centímetros do pescoço de Dexter.

– Como você é covarde! – precipitou Duda.

– Fique onde está, garota, e mantenha suas aberrações paradas, estou falando sério – alertou a mulher.

– Tho... Thomas – gemeu Dexter. – Acabe com ela... Minha existência não fará sentido se ela conseguir levar a garota...

– Cale a boca! Seu bichano idiota!

– Thomas, agora! Mate-a!

Aaba, num movimento rápido, ergueu o gato acima da própria cabeça e enterrou violentamente a pequena faca em Dexter.

– Não! – gritou Thomas. Duda caiu de joelhos no chão.

Thomas já estava a menos de um metro da derradeira vingança, Aaba ficou na defensiva. No entanto algo, fez o professor parar de súbito. Dexter, que estava dependurado e sangrando na mão da mulher, soltou um grito rouco, desvencilhando-se de sua agressora e caindo levemente no chão, como só os gatos são capazes de fazer. Todos o encaravam com surpresa já que, há alguns segundos, pensaram que ele estava morto.

– Olha! – apontou Duda, surpresa – Ele está crescendo!

O gato aos poucos foi aumentando de tamanho; seus cinquenta centímetros agora já chegavam a um metro e meio. Gradativamente, sua forma física se alterava e, para espanto de todos, tomava contornos humanos. Suas patas se transformaram em pernas e braços; seus pés e mãos ganharam dedos. A pelugem felina foi sumindo, dando lugar a uma pele pálida e lisa. Seus grandes e redondos olhos de cor de mel se estreitaram, mantendo a cor amarelada de suas íris, ao instante em que cílios grandes e definidos surgiram.

Formou-se, então, um rosto de feição forte, um olhar intenso e um nariz discretamente grande. Seu cabelo ondulado descia até o ombro, sua estatura alcançou um metro e oitenta, mesmo ostentando um porte físico mesomorfo. Sua transformação impressionou a todos, que ficaram ali, paralisados.

– Olha! Atrás dele! O que é aquilo? – espantou-se Duda.

Dexter esboçou dor quando um pequeno e anormal caroço começou a brotar de suas costas, aos poucos igualando-se a um par de galhos retorcidos. Desses galhos, surgiram pequenas ranhuras, que se alargaram e assumiram a aparência de folhas, como se uma árvore surgisse gradativamente. No entanto, uma explosão de luz cegou a todos,

obrigando-os a proteger os olhos com as mãos. No momento seguinte, quando recuperaram a visão, ficaram boquiabertos: Dexter não era mais apenas um gato, mas um homem com asas.

– É um anjo? – questionou Duda.

– Suponho que sim, mas como? – respondeu o professor.

– Imprestável! Não me venha com esses truques baratos, isso não vai te safar! Já o matei uma vez e matarei pela segunda se preciso for! – esbravejou Aaba.

– Não. Você não vai, Aaba – Dexter falava com sutileza. As palavras saíam de forma cuidadosa, sábia e polida. Parecia um ancião, o que contrastava com sua aparência jovem. – Infelizmente, você me obrigou a mostrar bem mais do que eu pretendia. Estava nesse plano apenas para auxiliar no que fosse preciso até que um novo Ceifador estivesse engajado, mas você e seu mestre estão sendo um grande empecilho. Não sabemos completamente qual o plano de vocês, porém não pense que irão muito longe...

– Isso é o que você pensa, seu gato com penas! – interrompeu-o. – Meu mestre tem um plano infalível; ele é e vai se tornar muito mais forte do que o mais ambicioso de vocês consiga imaginar!

– Posso imaginar muitas coisas que seu mestre esteja planejando, mas nenhuma infalível. Lembre-se de que já temos um exemplo de criatura que quis ser mais poderosa que o Criador. A ambição por poder pode ser exatamente a ruína do seu mestre.

– Você está comparando meu mestre com o anjo caído? Está me dizendo que ele é semelhante ao Senhor de Lá? – apontou para baixo, desdenhosa. – Está me dizendo que estamos desafiando a ordem natural das coisas e que, com isso, despertaremos a ira dos superiores? Que ótimo! Nunca pensei que um gato imprestável como você fosse me divertir tanto.

A mulher foi se aproximando do anjo. Curiosa, rodeou-o e passou as mãos por suas penas, seus dedos afundaram tamanha maciez da plumagem. Ela mesmo não disfarçou sua incredulidade ao sentir o corpo do guardião.

– Então é isso o que chamam de anjo? – perguntou.

– Não me julgo como tal; afinal os anjos, segundo a tradição, são criaturas espirituais, mais especificamente os servos de Deus que ficam à mercê da vontade divina. Então, nesse caso, posso ser franco: não sou um anjo – sorriu de forma reconfortante para a garota e o professor. Aaba, no entanto, se sentiu ofendida com o gesto.

– Se não é um anjo, então pode morrer! – sacou mais uma vez a adaga e investiu contra o peito de Dexter. No entanto, para seu espanto, a mão dele foi mais rápida. Agarrando o seu punho, segurou-o e o apertou com tanta força que Aaba foi obrigada a

soltar a faca, deixando-a cair com um barulho seco no asfalto úmido. A intensidade com que Dexter a apertava obrigou Aaba a se curvar de dor diante dele.

– Esse é um exemplo prático de que eu não sou um anjo. Como eu disse, os anjos só fazem aquilo que sua divindade ordena e, acredito eu, Deus não daria a ordem para matar ninguém, por mais que seja alguém assim, ardilosa como você é.

Aaba, pela primeira vez, esboçava pânico. A bela e imponente mulher que tanto se gabava da sua superioridade estava agora de joelhos perante à figura de asas, com medo e dominada.

– Me diga, Aaba, demônio que por muitas eras esteve presa pela moldura de um quadro velho: onde está seu mestre? Por que ele não está aqui para te ajudar? Se você é assim uma figura tão importante para ele, por que ele não vem em seu socorro?

– Porque o que ele está fazendo é bem mais importante do que me salvar. Ele está colocando em prática aquilo que derrotará a todos vocês! – gargalhou.

– Nesse caso, não vejo alternativa senão essa.

Dexter puxou a mulher pelo braço, ficando cara a cara com ela. Sentiu seu cheiro levemente adocicado como o de uma flor rara cujo o nome, Dama da noite, combinava perfeitamente com Aaba. Encostou então o nariz em sua testa, sentindo a maciez de sua pele, e olhou para baixo, analisando o peito arfante. Uma veia pulsava em seu pescoço, revelando o quão acelerado estava seu coração.

– É uma pena, você certamente era um belíssimo quadro – Dexter juntou os dedos da mão direita como uma lança e cravou-os no ventre da mulher. Aaba gemeu, ao mesmo tempo que uma lágrima escura e densa como tinta escorreu de seus olhos. E foi dessa maneira que todo o seu corpo se desfez, numa poça de diversas cores e tons que, espalhados no chão, lembravam uma paleta de variados pigmentos. Por fim, a pintura se desfez em uma fumaça preta de odor fétido.



Capítulo 12- “A elegância da ganância”

“E quando a esperança se acaba, a fé permanece como um último suspiro”

A noite anterior foi de deixar qualquer um impressionado; Thomas ainda não acreditava em tudo aquilo e menos ainda que tivesse acontecido ali mesmo, na rua de sua casa. Duda, tão impressionada quanto o professor, depois de algumas horas, finalmente conseguiu ligar para o pai. O Sr. Holmes foi apresentado a Thomas, que continuou a se passar por professor da garota. O policial se explicou dizendo que não atendeu ao celular porque estava acompanhando o trabalho dos bombeiros e que, naquela altura, já estava pensando o pior. Se não tivesse verificado a hora no celular, não teria visto as inúmeras ligações perdidas. Contou também que já havia acionado o seguro e que, por alguns dias, Duda e ele teriam de dormir num hotel.

Dexter, que tivera assumido uma aparência angelical, momentos depois retornou à sua forma de gato falante outra vez e, desde então, repousava profundamente no sofá de Thomas. E, no meio disso tudo, estava Lukas, o amigo do professor que veio lhe visitar de férias.

– As coisas são sempre essa calma por aqui? – perguntou o rapaz.

– Como? – atrapalhou-se o professor.

– Se é sempre assim tão tranquilo. E a Rachel? Não viria hoje?

Thomas não segurou a risada irônica, ao ouvir que as coisas eram calmas logo depois de ter visto um gato falante se transformar em anjo e matar uma mulher de tinta.

– Ah, nem sempre é assim – disfarçou. – mas também não foge muito disso... A Rachel me ligou agora a pouco e disse que estaria por aqui em alguns minutos.

– Que bom, não gostaria de ir embora sem conhecê-la. Estou curioso para saber quem é a garota que cuidará de você.

– Na verdade, você já deve ter a conhecido. Lembra que eu disse que ela fez o primeiro ano de faculdade com a gente?

– Hm... Realmente, você disse algo assim, mas deixei passar despercebido.

– Pois então, lembra quando estávamos no segundo semestre e houve aquilo... – o barulho da chave na fechadura interrompeu o rapaz e roubou a atenção do amigo.

– Amor! – disse Rachel antes mesmo de passar pelo batente da porta. – Cheguei!

– Finalmente! – antecipou-se Lukas

– Olá, amor – sorriu Thomas – Este é o Lukas, lembra? Aquele meu amigo que eu falei que viria.

– Sei sim, você fez questão de me contar o quanto vocês eram grudados – Rachel disse, fazendo Thomas corar. – Olá, Lukas, tudo bem com você? Sou a Rachel – sorriu amistosamente.

– Prazer! Estávamos justamente falando de você – o rapaz esboçou um sorriso amarelo.

– Amor, trouxe pernil e alguns legumes pra preparar o almoço – a professora falou, voltando-se para o namorado. – Se me dão licença, preciso colocar a carne pra descongelar. Já volto para saber mais detalhes dessa amizade.

– Cara, você enlouqueceu? Essa não é *aquela* garota do primeiro ano? A que fez aquilo? – Lukas gesticulou com a mão, como se estivesse beijando algo invisível.

– Ela mesma. Mas, são coisas do passado e já superei. Ela mudou, amadureceu e não é mais aquela universitária que conhecemos.

– Poxa vida, nunca pensei que ouviria isso de você. Na verdade, pensei até que você jamais superaria isso – deixou-se cair no sofá. – Mas fico feliz. A vida é engraçada, não é mesmo? – pigarreou. – Olha só como esse mundo dá voltas: de todas as garotas, você acabou ficando justamente com a que menos gostaria de rever.

– É... Nisso sou obrigado a concordar com você. As pessoas realmente mudam.

– Nem todas, você ainda continua o mesmo nerd de sempre. Olhe só para essas bugigangas! Tem coisas aqui da nossa época de adolescentes. Quando você vai se transformar em um adulto?

– Se virar adulto significa me desfazer das coisas que eu gosto, prefiro continuar usuário do pó de Pirlimpimpim.

– Não fale assim, quem não te conhece vai pensar que é um usuário de drogas – Lukas debochou.

– Do que vocês estão rindo? – perguntou Rachel, sorridente e meio desconfiada.

– Estamos falando da eterna nerdisse do nosso amigo aqui – Lukas levantou e passou o braço sobre o ombro de Thomas.

– Amigo seu, namorado meu – a moça piscou. – E, quem sabe um dia, marido – caminhou até o professor e o beijou.

– Ok, ok, não precisam fazer isso na minha frente. Tem um quarto logo ali – todos riram.

O domingo continuou nesse ritmo. Rachel fez um elogiado almoço e Thomas se aventurou a fazer a sobremesa, que não ia além da gelatina de limão com leite condensado como cobertura. Lukas, como recompensa pelo almoço, contou muitas histórias que lhe ocorreram em todos esses anos na empresa.

Por volta das dezoito horas, os três desceram e rumaram em direção à estação do metrô. Pararam diante das catracas e se despediram. O casal esperou abraçado até Lukas sumir de vista em meio a tantas pessoas na estação.

Quando ambos retornaram ao apartamento, perceberam que Dexter já havia saído. Thomas olhou inquieto para a janela entreaberta; sabia que muita coisa estava acontecendo, e tantas outras estavam por acontecer. Mesmo quando tudo se complicava, ele sempre contava com os esclarecimentos do gato. Mas agora, quando se via cheio de dúvidas e medo, Dexter simplesmente saiu, e isso o incomodava.

– Ah, que pena, estava com tanta saudade daquele fofinho... Passou o dia todo dormindo e, quando acorda, simplesmente sai? Com certeza, ele arrumou uma namoradinha por aí... – disse Rachel ao abraçar Thomas, encarando os telhados que pontilhavam a vista da janela.

A segunda-feira estava sendo da mais cotidiana possível; a aula do primeiro turno com os alunos mais jovens chegou ao fim sem grandes novidades e o almoço foi calmo e regado com os relatos da professora de biologia e seu marido, sobre o que lhes ocorrera no final de semana. Após um beijo discreto em Rachel, o professor de física estava novamente em sua sala, com seus alunos a postos e a aula seguindo como de costume, até que...

– Sr. Thomas? – chamou Shane ao entrar sem bater.

– Pois não, inspetor?

– Você tem um aluno transferido – acenou com a cabeça para o corredor.

– Que ótimo, deixe-o entrar.

– Ok, até mais – despediu-se o inspetor, apressado. – Venha, entre.

A garota entrou curiosa, encarou a turma e em seguida olhou para o professor.

– Duda!

– Olá, Sr. Thomas – a adolescente sorriu, acenando com a cabeça. Alguns alunos olharam para a garota e trocaram leves socos entre si.

Era evidente que a aluna nova era no mínimo interessante. Vestida de jeans preto e rasgado no joelho, camiseta dos Beatles, jaqueta de couro com alguns *bottons*, tinha o rosto pálido e olhos brilhantes, emoldurados pelo cabelo liso e escuro que descia pelos ombros.

– Não se preocupe, Sr. T., sei o que estou fazendo. – sussurrou.

– Espero que sim, precisamos conversar. Me procure no final da aula.

– Ok, sem problemas. Ah, olha só, trouxe isso pra você. A coleção completa do mangá Mushishi – a menina retirou da bolsa uma pilha de pequenas revistas. – não pense que não reparei em seus mangás lá no apartamento, eu também sou uma grande fã da cultura japonesa.

– Excelente! Espero ter tempo pra eles. Obrigado, Eduarda. – Thomas olhou para os alunos, sorriu e pousou o braço sobre o ombro de Duda. – Bem classe, deem as boas

vindas a nossa nova colega, a senhorita Eduarda Bonagood.

– Olá! – respondeu a classe em couro.

– Olá – disse a garota em resposta.

– Pode se sentar atrás do Max, Duda – o garoto citado corou. – Agora, turma, vamos dar continuidade a nossa aula.

Enquanto os alunos retomavam a leitura dos exercícios, Thomas olhou para Duda e não pode deixar de reparar nos inúmeros fantasmas que estavam com ela. De repente, a sala ficou abarrotada deles. O professor balançou a cabeça, como se aquele gesto fosse capaz de eliminar os espíritos da sua atenção.

Sentou à mesa e focou em suas próprias anotações, enquanto escutava o barulho dos lápis riscando as folhas como plano de fundo. Aquele som foi entrando cada vez mais em sua cabeça, e, aos poucos, virava uma espécie de música. As frases começaram a ficar desfocadas e suas pálpebras, pesadas. Sua cabeça estava afundada como chumbo em seus ombros, pendia para frente e foi necessário calçá-la com o apoio das mãos para não cair, mas isso não ajudou por muito tempo. Thomas cochilou, projetou-se involuntariamente para frente e por pouco não bateu a testa na carteira. Pigarreou para disfarçar a gafe e evitou olhar para os alunos.

– Ok, tempo esgotado! Vamos fazer a correção. Leonard, por favor, venha até aqui na frente e passe a resposta para a lousa – um silêncio atípico estava no ar. – Leonard?

Estranhando o silêncio, o professor virou-se para a classe. Uma fumaça escura e densa, cuja tonalidade variada em dégradé, ocupava todo o piso, subindo cerca de um metro e escondendo por completo as pernas dos alunos. Os adolescentes estavam desmaiados em ângulos estranhos – alguns descansavam o rosto sobre a madeira polida das carteiras, enquanto outros pendiam o corpo para trás. Duda foi a única a estar com metade do corpo sobre a carteira e com a outra parte imersa nas brumas, como se tivesse tentado correr. Seus espíritos estavam petrificados, flutuando no ar como peixes mortos numa lagoa cristalina. Thomas inspirou e, quando soltou o ar, conseguiu ver sua respiração. Seu corpo arrepiou na hora, a sala estava congelando. Olhou com mais cuidado e percebeu que os jovens respiravam superficialmente.

“Rachel!”, pensou. Saiu ligeiro e batendo a porta. Seguiu pelo corredor e virou à esquerda, parando de frente à porta da sala de inglês. Entrou de forma abrupta e parou incrédulo – a classe de Rachel estava do mesmo jeito que a sua, com fumaça preta ondulando pelo chão, crianças desmaiadas sobre as carteiras e a temperatura baixa. A única diferença era a ausência das almas à deriva no ar.

– Rachel! – chamou, procurando pela sala. – Rachel? Onde você está? – nenhum som veio em resposta. Desesperado, saiu novamente pelo corredor; todas as salas estavam da mesma forma que a de Rachel e a dele. Era algo impressionante, parecia um

cenário de filme de terror.

Em sua busca, tropeçou em algo. Mergulhou a mão na fumaça fria e ergueu o objeto à altura dos olhos – era uma delicada sapatilha preta com uma corujinha na ponta que Thomas logo reconheceu que pertencia a Rachel. Seu coração disparou e uma sensação de fragilidade e insegurança o tomou. A dolorosa certeza tornou-se como um cuco em sua cabeça: “Pegaram a Rachel, pegaram ela, pegaram a minha namorada...” Repetia mentalmente essas palavras conforme seguia pelo corredor que dava para a quadra poliesportiva.

Abriu rapidamente a porta dupla, fazendo com que redemoinhos de fumaça se formassem e subissem rapidamente até seu nariz. Sentiu um odor pútrido de carniça e enxofre.

Thomas não acreditou em seus olhos; a situação estava tão desesperadora que ele vacilou e teve de se apoiar no batente para não cair. Por um instante, suas pernas tremeram e seu estômago queimou como se tivesse engolido ácido. A quadra da escola estava tomada pela fumaça, só que duas vezes mais nauseante que a do corredor. Havia um homem alto e impecavelmente bem vestido em meio a toda aquela névoa. A figura sorriu e curvou-se; trazia na mão uma bengala de haste lisa e preta reluzente, cuja extremidade superior ostentava uma gárgula branca no formato de bode, provavelmente esculpida em mármore. O desconhecido trajava camisa e calça social negra; um par de sapatos, que de tão polido, chegava a refletir o rosto do homem ao curvar-se; e uma gravata rubra, única peça cuja coloração era diferente.

– Seja bem-vindo, novato. O seu inferno começa aqui – cumprimentou o homem após a reverência. – Ora, ora, onde estão seus modos, meu jovem? Não vai me cumprimentar? – debochou.

– Quem é você?

– Hm, acho que nesse momento... – o homem fez uma pausa para admirar o anel de ouro com uma grande pedra verde. – ...Mais importante do que quem sou, é quem está comigo.

Thomas olhou para a excêntrica figura a sua frente, sentiu um certo receio mas segurou firme para não demonstrar medo. Não sabia o que havia acontecido com Rachel ou o que poderia acontecer, por isso, era preciso agir com calma. Respirou fundo e tentou escolher as palavras, no entanto o máximo que conseguiu dizer foi:

– O que você fez com a Rachel?

– Agora sim, estamos começando a ter uma conversa interessante. Sua namoradinha, desprovida de sensibilidade paranormal, está ali – indicou com a bengala o lado oposto da quadra e, com a outra mão, gesticulou como se espantasse um mosquito. Nesse momento, a fumaça se espalhou como se uma rajada de vento muito forte a tivesse soprado, revelando as traves do gol. Lá estava Rachel, amarrada com as

mãos para trás, a cabeça pendendo para a frente e seu longo cabelo escuro cobrindo-lhe o rosto. – Certamente é dessa que estamos falando, correto?

– Seu demônio! O que você fez com ela? – Thomas tentou correr na direção de Rachel, mas imediatamente foi contido por um muro invisível. Passou a mão no nada e sentiu como se estivesse diante de uma espécie de campo de força. Investiu novamente contra a barreira invisível e, em seguida, uma força descomunal o lançou para longe, fazendo-o parar na arquibancada.

– Tsc, tsc. Não funciona assim, meu jovem. Primeiro, vai assistir; e sem dúvidas, esse lugar aí é o mais adequado para você nesse momento. Você sabe quem eu sou... Shiu... – pediu silêncio ao perceber que o rapaz argumentaria. – Tem mais alguém que eu gostaria de te mostrar.

O homem fez novamente o gesto com a mão e a fumaça revelou as traves do outro gol. A sombra de Thomas se sacudiu inutilmente, estava muito bem amarrado, e, diferente das outras vezes que o professor o viu, ela não estava com aquele sorriso esquisito. A raiva e a vontade de se livrar das traves era tamanha, que seus punhos estavam sem coloração.

– Corra, Ceifador! Não deixe que ele roube sua energia! – Cuspiu as palavras olhando para a figura bem vestida.

– Minha sombra! O que você está fazendo aqui? O que aconteceu?

– Não seja ridículo, Substituto, não é hora para perguntas! Corra! Fuja! – bradou a sombra.

– Não posso! Rachel está aqui – a sombra de Thomas espantou-se quando viu a jovem amarrada no outro gol, o que indicou que, até aquele momento, ele não ouvira a conversa. Agitou-se freneticamente, tentando se libertar das amarras, mas era em vão. Quanto mais se sacudia, mais os nós se apertavam.

– Não seja idiota, espírito inútil! Você já deveria saber que essas amarras não são feitas por cordas humanas, são energias controladas e ligadas a mim. E, ao contrário de você, – o homem foi até a sombra, segurou seu rosto e sorriu – sou extremamente poderoso e com energia de sobra.

– Ceifador, eu tentei... – A sombra tremeu ao ser tocada, sua face foi tomada por uma coloração amarelada, e todo o vigor que mantinha ao tentar se livrar, se esvaiu, estava fraco, quase desmaiando.

– Sim, você tentou – disse o homem, dando dois tapinhas no rosto da sombra. – E vou além, confesso que nunca pensei que um ser tão inútil quanto uma sombra pudesse conseguir algo de tamanho valor...

– Thomas, eu consegui – interrompeu a sombra com uma voz arrastada, olhando fixamente para o professor na arquibancada. – Encontrei o Brian, o convenci de que era chagada a hora dele se entregar. Ele não cedeu, travamos uma batalha sem precedentes

e quase morri. Mas então, num último suspiro de esperança, eu consegui. Julguei o danado – sorriu debochado, mostrando aqueles dentes estranhos enquanto o cabelo branco e escorrido caía-lhe sobre o rosto.

– Você conseguiu julgar o assassino dos Chang? – Thomas sentiu uma pontada de esperança. – Não acredito! E o Sr. Chang? Depois de ver o Brian pagar por tudo aquilo que lhe fez, você conseguiu julgá-lo também?

– Não – a sombra desfez o sorriso. – Pelo menos ele estava comigo. Na verdade, foi ele quem desconfiou de onde Brian poderia estar, então fomos juntos. Mas esse infeliz apareceu e devorou o Sr. Chang...

– E todo o poder que você arrebatou do Brian eu peguei para mim. Só não te dei o mesmo destino daquele chinês porque preciso acertar contas com o professorzinho ali – a criatura voltou-se a Thomas. – Você deu cabo da minha fiel sombra, então nada mais justo do que eu fazer o mesmo com a sua. Aquela sombra tinha estilo, eu o treinei durante muito tempo, ensinei como fazer a coisa certa na hora certa, mas ele acabou exagerando. Sua soberba foi tamanha que ele se precipitou e isso custou sua sobrevida – ponderou. – Talvez não saiba, novato, mas estou numa grande empreitada; e você já me causou imprevistos demais.

O homem começou a passar a bengala pelo corpo da sombra. Do peito, subiu para a testa e começou a afastar o cabelo do rosto como quem brinca com uma queda d'água. Com a mão direita, segurou-o pelo cabelo e, com a outra, projetou o bastão sobre seu pescoço.

– Hora de acabar com os imprevistos – com um movimento rápido, o homem golpeou a sombra. A gárgula da ponta da bengala transformou-se em lança, traspassando a cabeça da criatura.

– Não! Seu maldito! – gritou Thomas. A sensação de esperança que sentiu a instantes, foi substituída pelo vazio, se desesperou, e algumas lágrimas caíram de seu rosto.

Da fenda causada pela lança, um líquido prata e viscoso começou a jorrar, e o fluxo aumentou ainda mais quando o algoz arrancou a lâmina.

– Ei, Ceifador – chamou a sombra, tentando sorrir. – Foi mal, não consegui ser de grande valia e nem ao menos consegui tomar a sua namorada. Mas eu te respeito, você é um grande homem. Então me faça um favor... – tossiu, engasgando com as próprias palavras. – Acabe com esse maldito Santodeus! – uma luz forte começou a tomar conta do seu corpo, deixando-o ainda mais pálido que o normal. – Vejam só, luz! Isso só pode ser um bom sinal – e se desfez numa explosão brilhante e sem som.

– Como você é dramático, por que não morreu sem chamar tanta atenção? Sua cara de alga não combina com tanta luz – desdenhou Santodeus.

Thomas foi tomado pelo ódio. Um calor absurdo começou a expandir em seu

peito e suas mãos formigavam. Fechou os olhos, imaginando os momentos aos quais passou na companhia de sua sombra, o quanto aprendeu com ela e o quanto passou a respeitar aquela figura que, mesmo estranha, era alguém do bem. Quando abriu os olhos e encarou as próprias mãos, seus punhos estavam pegando fogo e ardendo em chamas azuis. Encarou Santodeus e sentiu ainda mais raiva. Lembrou-se de todo o mal que ele e sua corja causaram; pensou em Duda, estirada sobre a carteira, e em todos os alunos e professores da escola que estavam na mesma situação. As labaredas em suas mãos ficaram mais fortes, mas, quando olhou para Rachel, abatida como um animal e amarrada na trave do gol, as chamas se intensificaram e tomaram seus braços por completo. Com curiosidade, Santodeus observou o rapaz.

– Ora, vejam só... Não é que você tem lá seus efeitos pirotécnicos? Isso é ótimo! Eu realmente queria uma demonstração do quão grande é seu poder, só espero que não passem de luz e brilho. Odiaria ter de te comparar com aqueles vampiros que, reza a lenda, moram no Condado de Clallam – desdenhou.

Thomas não estava prestando atenção ao que o homem dizia. Saltou sobre a proteção que separava a arquibancada da quadra e, numa fração de segundos, estava cara a cara com o seu inimigo. Não pensou duas vezes e desferiu um golpe certo em seu rosto, mas seu adversário parou o ataque com a mão.

– Acho que você fez uma pequena confusão, meu caro. Quando eu disse que queria uma amostra do seu poder, não seria por meio de uma luta. Volte para seu lugar – Santodeus apertou forte a mão de Thomas, até ele gemer alto. Encarou os olhos aflitos do professor e deu-lhe um pontapé no ventre, fazendo-o cair novamente na arquibancada. O rapaz curvou-se de dor e olhou para o local em que recebera o golpe; estava em carne viva, como se tivesse sido queimado com brasas.

– Sabe, “senhor” Thomas... – falou com desdém, ironizando a titulação do professor. – Você já deve ter percebido que sou alguém muito ocupado e que, se não fosse por isso, já teria colocado um fim em todos esses... – fez uma pausa para escolher a palavra – Em todas essas *desventuras*. Confesso que o subestimei e, como uma pedra no sapato, você me causou uma grande ferida. Entramos nesse momento no segundo tópico que pretendo tratar com o senhor – Santodeus gesticulou mais uma vez, deslocando uma grande quantidade de fumaça e revelando, um pouco mais acima de Rachel, a cesta de basquete, onde Dexter, com sua aparência indefesa de gato, estava desmaiado.

– Não, não, não...! Seu demônio! – Aquilo era demais pra Thomas, primeiro Rachel, depois sua sombra e agora Dexter? Seu estomago embrulhou e ele pensou no pior. – O que você pretende?

– Não é óbvio? – gesticulou elegantemente. – Vocês mataram minha companheira, o demônio mais lindo e dedicado que já encontrei em toda minha existência! Alguém

como eu, com tantos plano e metas, dificilmente tem tempo e paciência para desenvolver laços afetivos. Meu relacionamento com Aaba, apesar de nunca ter passado de mestre e vassalo, ia muito além para ela. Eu era sua grande... Como é mesmo o nome que vocês utilizam...? Ah, sim, sua grande *paixão*! Então, já que tomaram a minha companheira, nada mais justo do que eu tomar o seu companheiro sobrenatural – sorriu e ajeitou cuidadosamente a gravata.

Em uma fração de segundos, Santodeus estava ao lado de Dexter, sentado no quadro onde o cesto foi fixado. Acariciou a pelugem do gato, com o olhar fixo em Thomas para ter certeza de que ele acompanhava cada movimento. Conforme ia passando a mão no pelo, uma sutil fumaça cinza foi saindo de entre seus dedos; Dexter gemeu de dor, a mão da criatura estava queimando sua pele. O cheiro de pelo queimado se espalhou, misturando-se com o de enxofre. O animal grunhiu ainda mais alto, tentou arranhar com as patas o agressor, mas estava demasiadamente fraco para conseguir êxito.

Thomas sentia uma forte dor em sua cabeça. Passou os dedos crepitantes pelo cabelo, tendo uma leve sensação de calor por causa do contato com as chamas. Quando afastou a mão, viu que seus dedos estavam embebidos de sangue, provavelmente decorrente da queda. Pensou consigo mesmo que aquilo não era nada comparado ao que Dexter estaria sentindo. O gato era queimado lentamente e vivo, num ato de extrema covardia. Com dificuldade, apoiou-se na arquibancada e levantou-se, sentindo sua cabeça pesar uns cinquenta quilos. Foi descendo degrau por degrau a fim de chegar novamente até a quadra, enquanto o fedor de pelo queimado ficava cada vez mais forte. “Agente firme, Dexter”, dizia em silêncio para si mesmo.

Chegou a quadra, encarando o sorriso debochado da criatura. Quando Thomas já estava na marca do arremesso de três pontos, a figura jogou violentamente o gato contra o professor.

– Você quer tanto esse gato, então tome e aprecie gato chamuscado! – sorriu. – Sinta o cheiro da morte exalando dele, um cheiro podre e totalmente tóxico! Mas, espere, ele ainda está vivo, não é mesmo? Então preciso terminar o serviço. – Ironizou.

Santodeus se aproximou com a bengala em punho. Conforme caminhava, a cabeça de cabra se transformava em lança, sorria e andava pomposamente como se desfilasse para milhares de pessoas.

– Thomas, não tenho muito tempo – exasperou Dexter. – Preciso de que você faça algo rápido e sem questionamento: posicione sua mão sobre meu peito e repita três vezes *succursus*.

– Mas...

– Sem questionamentos

– *Succursus, succursus, succursus...*

Thomas sentiu como se parte de sua energia estivesse esvaindo pela mão que segurava o tórax do gato. Uma luz muito brilhante ofuscou seus olhos, e ele precisou tampar o rosto para conter a luminosidade. Quando por fim conseguiu enxergar, viu Dexter novamente em sua aparência de anjo.

– Isso só pode ser uma piada! – debochou Santodeus. – Você, com sua insignificante força, já não era páreo para mim, aí você a desperdiça com a petulante ideia de me derrotar?

– Venha, Thomas, levante-se – Dexter ajudou o professor. – Não preciso enfrentar você – disse para Santodeus – Só preciso disto...

Dexter cerrou os pulsos e os aproximou abruptamente. Santodeus, pela primeira vez, olhou assustado, não sabia o que aquilo significava.

– O que são esses símbolos? – falou mais para si do que para os demais. – Será que são...

– Sim, são os “sinalizadores”! – no dorso de cada mão do então anjo, havia um desenho. Na da esquerda, tinha uma espécie de estrela e na da direita, algo que lembrava a lua. Dexter fez mais força, como se uma grande tensão contrária afastasse seus punhos. Com um urro de dor, fez um último esforço; as lâmpadas da quadra piscaram duas vezes e se apagaram por dois segundos. Dexter havia novamente se transformado em gato e estava deitado e imóvel no lustroso chão de taco da quadra.

– Era isso? Todo esse alvoroço para no fim não conseguir nada? Parabéns, gato estúpido! Além de não conseguir realizar o ritual de sinalização, ainda roubou parte da força do seu estimado amigo! – com um golpe de bengala, Santodeus jogou Dexter para dentro do gol, um pouco atrás dos pés de Rachel. Em seguida, virou-se para Thomas: – Vamos dar continuidade ao nosso acerto de contas. Estamos quase quites, professor.

Duda ergueu a cabeça e, dolorosamente, tentou focar as coisas à sua frente. Sentia uma dor de cabeça terrível, sua têmpora pulsava como se fosse explodir. Assim que as imagens que passeavam embaçadas na frente dos seus olhos ganharam nitidez, viu a mesa do professor que, para sua surpresa, estava vazia. Olhou ao redor e a visão a fez se rastejar assustada até a parede; todos seus colegas de aula estavam desmaiados. “Isso se não estiverem mortos”, pensou. Seu coração batia acelerado, não estava entendendo nada do que havia acontecido. Em meio a tantas sensações, foi justamente a ausência de uma que a deixou encabulada. “Não sinto os espíritos”, sussurrou.

Era uma sensação estranha para Duda, como se estivesse desarmada, totalmente vulnerável. Encolheu-se mais ainda contra a parede, abraçando fortemente as pernas. Porém, o cheiro forte de enxofre a fez querer levantar; a névoa, embora fraca, ainda pairava fantasmagoricamente entre as carteiras. A garota levantou lentamente; com uma

mão, segurava a cabeça e com a outra, tateava a parede em busca de apoio. Por fim, conseguiu ficar em pé e respirar melhor.

Andou até a porta e olhou para trás, foi então que viu os fantasmas, um aglomerado de corpos translúcidos flutuando junto ao teto. Até mesmo ela, que estava acostumada com centenas deles a segui-la, ficou assustada com aquela visão.

– Acordem! – gritou. – Vamos, acordem! Preciso de vocês! Preciso saber o que está acontecendo, não me lembro de nada... – nesse momento, Duda foi invadida por uma lembrança. Um homem alto e bem vestido entrara na sala e fizera um leve movimento com as mãos. Em seguida, tudo ficou escuro.

– Venham, acordem! O Sr. Thomas deve estar em perigo. ACORDEM! – o grito de Duda ecoou alto pela sala, tirando os espíritos do sono profundo. – Perfeito! Agora vamos.

Seguiu pelo corredor até a lanchonete, que estava vazia. Resolveu então tomar o sentido contrário e, quando novamente voltou ao corredor, escutou vozes.

... Estamos quase quites professor...

Aquela a voz a fez tremer, sentiu os pelos dos braços arrepiarem, e, por um instante temeu o que estava à frente, mesmo assim, seguiu rapidamente pelo corredor. Ao chegar na quadra, Duda confirmou seu temor, olhou para todos ali e sentiu um desespero tremendo ao ver Thomas naquela situação.

– Vejam só! – disse Santodeus, ao ver a jovem, e em seguida sorriu. – Que ótimo, me poupou o trabalho de te buscar na sala de aula.

– Sr. Thomas, está precisando de ajuda? – a garota sustentava um pequeno sorriso para o professor ignorando Santodeus. – Nada mal para o primeiro dia de aula, não é mesmo?

Thomas olhou para Duda, e sinalizou em direção a saída – Fuja! – Mas a garota apenas sacudiu a cabeça.

– Estou adorando tudo isso, cada vez mais surgem piadas! Olhem só isso, no que uma garotinha dessas vai te ajudar, professor? Será que ela fez a lição de casa?

– Pode apostar que sim, seu monte de merda! – Duda correu para o lado oposto em que Santodeus estava, e ele, não entendendo nada, a acompanhou com os olhos. Ela parou e sorriu. – Agora!

Uma quantidade imensa de espíritos caiu sobre a criatura; alguns o seguravam, outros investiam com socos e pontapés. Santodeus tentava desesperadamente escapar dos golpes e dos braços que lutavam para envolver seu pescoço. Quando finalmente se esquivou, se aproximou de Thomas, que, com os punhos em chamas, o socou violentamente várias vezes. A criatura urrou e correu para ficar em segurança do outro

lado da quadra.

– Isso é tudo? É tudo o que conseguem? – Santodeus respirava rápido enquanto recuperava o folego, a roupa que antes estava impecável agora apresentava alguns rasgos e vários amassados, em seus lábios, escorria um filete de sangue, era evidente que se sentiu acuado.

Empunhou novamente a bengala e a girou como um baterista gira sua baqueta. Uma quantidade imensa de energia emanou em direção as almas, empurrando os fantasmas para todas as direções. Duda olhou curiosa.

– Veja! Sua garotinha intrometida olhe o que faço com esses seus espíritos idiotas.

– Agora, Sr. Thomas!

Thomas aproveitando o momento de distração, investiu contra a criatura, agarrando-a por trás e aplicando uma espécie de golpe estrangulador. Santodeus tentou desesperadamente se desvencilhar do golpe, mas começou a perder suas forças. Depois de muita luta, entregou-se; seu corpo amoleceu e caiu sem resistência sobre os braços do professor.

– Rachel... Preciso soltar a Rachel. – Thomas estava exaurido, ter transferido suas forças para Dexter e investido contra Santodeus, foi demais para ele, sua vista estava embaçada, mesmo assim continuou em direção a Rachel.

– Sr. Thomas, ainda não! Ele pode estar fingindo – alertou Duda, e seu palpite estava certo.

Santodeus foi rápido; chegou até Rachel antes do professor e colocou a ponta da bengala em formato de lança contra seu pescoço.

– Já chega! Já gastei muito do meu tempo por aqui, não vou mais ficar de brincadeiras com vocês! Você vai fazer o seguinte, professor: vai me passar todo poder acumulado que possui.

– E por que eu faria isso? – questionou Thomas, na tentativa de ganhar tempo. Sabia que com Rachel em perigo não existia barganha, teria que ceder, mesmo assim teve esperança de que algo pudesse acontecer.

– Porque você a ama, e essa é sua maior fraqueza – Santodeus apertou a lâmina contra a garganta de Rachel, e um filete de sangue escorreu pela superfície espelhada do mármore leitoso. A professora deu um leve espasmo de dor.

– Não! – esbravejou Thomas.

– É simples: me transfira o seu poder que eu liberto a garota.

Diante do sofrimento de Rachel, da morte de sua sombra e da incerteza se Dexter estava vivo ou morto, Thomas se viu num beco sem saída. Nem mesmo com a ajuda de Duda foi possível vencer aquele monstro vestido de homem.

– Ok, você venceu. – disse o rapaz. – Solte Rachel e farei o que você quiser... –

Thomas estava disposto a se sacrificar pela namorada, não poderia carregar o fardo se algo a acontecesse.

– Sr. Thomas, não! Ele deve estar mais uma vez mentindo e...

– Duda, não posso arriscar a vida da Rachel! Eu... eu a amo! Não permitirei que ela continue nas mãos dele.

– Você é inteligente, professor. Faça o que vou lhe disser: segure o meu braço e deixe-me segurar o seu também. Isso é o que chamamos de conexão sensorial: a energia vai fluir do seu corpo para o meu. No final, você terá sua amada, e eu estarei esmagadoramente mais forte. Está pronto? – perguntou, já arregaçando a manga direita do paletó e se aproximando de Thomas.

– Estou – o rapaz respondeu, hesitante.

Thomas segurou firme o braço da criatura. Sentiu como se estivesse segurando gelo; era frio, e, ao mesmo tempo pegajoso, fazendo-o sentir nojo daquele contato. Uma pontada dolorosa percorreu seu membro, um formigamento espalhou-se por todo seu corpo. Seus pés ficaram frios e suas pernas enfraqueceram. Por um momento, Thomas acreditou que iria cair, mas não cedeu. Encarou o rosto sorridente que Santodeus estampava e o segurou firme, até que toda a energia que coletara na sua curta carreira de ceifador foi arrancada do seu corpo.

Uma gargalhada estrondosa explodiu pela quadra. Santodeus, no gozo pelo poder, não conteve sua comemoração. Thomas desfez a conexão como quem quer se ver livre de algo muito sujo. Correu rapidamente em direção a Rachel, no instante em que as amarras desataram-se permitindo que seu corpo caísse nos braços do professor.

Enquanto Santodeus comemorava, algo peculiar aconteceu; uma variedade de vultos apareceu em vários cantos ao mesmo tempo e, numa fração de segundos, começaram a investir contra ele. Santodeus ficou perdido, não reconheceu de imediato o que o estava atacando, os golpes eram tão rápidos que ele não conseguia se defender efetivamente, e isso se repetiu até que ele se viu acuado.

– Ah, compreendo... – comentou Santodeus, assustado. Aos poucos ele foi reconhecendo os vultos, um após outro ele identificou os membros do conselho – Vocês estão aqui. Gostaria de evitar esse encontro, mas, já que aqui estão, vou lhes dar as boas-vindas. – Tentou passar a sensação de que ainda estava feliz, mas, na verdade, estava muito temeroso e assustado.

Dizendo isso, Santodeus jogou-se entre os vultos e, tão rápido quanto eles, começou a atacá-los. Thomas cerrou os olhos e procurou aquele poder interior que a absorção das almas costumava lhe dar. Por um instante, pensou ter perdido tudo para Santodeus, mas lá estava uma réstia de energia, pulsando como uma veia à flor da pele. Concentrou-se e, aos poucos, os indivíduos ficaram nítidos.

Homens estranhos e mulheres destemidas direcionavam socos e chutes a

Santodeus, em golpes de artes marciais que pareciam uma dança excêntrica de seres coloridos. Seus braços e pernas estavam tomados pelas labaredas de poder que costumavam surgir em Thomas quando precisava batalhar, e o professor sentia a pressão no ar e a pele arder quando a energia espirrava dos ataques como chicotes de fogos de artifícios. Naquele instante, teve a certeza de que se tratavam de indivíduos bem mais habilidosos e fortes que ele.

– Vocês não deveriam ter interrompido...! Vocês deveriam continuar como sempre, um bando de cretinos preguiçosos, envelhecendo aos poucos em seus mundinhos distantes e fantasiosos! – gritou Santodeus ao socar incessantemente Quatro.

– Nós? Cretinos? Quem aqui está traindo o conselho? – Quatro retrucou no instante em que se desviou de um potente soco.

– Nos poupe da sua ira doentia, Onze. Você é apenas mais uma criatura seduzida pelo poder – disse Sete ao fazer uma pausa das investidas. Eram muitas mãos e pés lutando ao mesmo tempo contra o mesmo indivíduo.

– Já basta! – bradou o Um. – Deixem que, a partir de agora, eu cuido disso. Esta luta está bagunçada demais.

Os outros lutadores pararam de imediato, trocaram olhares de frustração e se aproximaram de Thomas.

– Se está tão sedento por poder, Onze, comece por mim, me destrua, vamos ver do que você é realmente capaz – replicou o Um.

Santodeus sorriu. Impulsionou-se tão rápido quanto era possível e tentou agredir Um, que, com um simples movimento de mão, desviou-se e lançou seu adversário contra a parede. Santodeus aproveitou o impacto para transmutar cada pedaço de tijolo e reboco em afiadas lâminas de luz, que foram arremessadas contra Um.

– Vamos lá, Onze, você não espera que um truque barato como esse possa me derrotar – disse, no instante após ter se desviado das lâminas que se fincaram violentamente contra a parede ao fundo.

– Não, eu realmente não espero. Mas, por outro lado, esse truque *barato* – enfatizou – me serve para ganhar tempo...

Santodeus apareceu atrás de Um; sua mão emitia um ofuscante brilho verde que cobria seu pulso inteiro e formava uma pequena lança depois do seu dedo indicador. Sem pensar duas vezes, cravou-a no pescoço de seu oponente, que não esboçou qualquer reação de defesa. Os outros membros olharam curiosos e tentaram avançar, mas Um sinalizou que não precisava de ajuda extra.

– Como? A quantidade de energia que concentrei na ponta do dedo era o suficiente para desintegrar qualquer matéria, não é possível! O que você fez? – Santodeus ficou estupefato, não acreditava que aquilo fosse possível.

– Nada demais. Não usei apenas a minha força individual, mas a de todos aqui

presente, para envelopar seu golpe.

Santodeus recuou. Parecia perdido, desolado. Percorreu os olhos por todos os seus adversários e começou a ponderar sobre sua vantagem naquele momento.

– Desista, Onze, você não é páreo para nós. – disse Um, de forma áspera e inquisitória.

Thomas aproveitou o fim da luta para reparar nas figuras. Os sete homens e as quatro mulheres tinham aparências bem distintas, porém eram todos muito intimidadores. O homem que dirigiu a palavra a Santodeus, denominado Um, parecia o mais velho e era o que mais passava a sensação de força, com seu rosto bruto e um olhar de justiça.

– Ainda bem que o guardião nos convocou, demoramos muito a perceber que era de fato um sinalizador, pois chegou muito fraco até nós – falou para Thomas, percebendo sua curiosidade. – Mas aqui estamos, e isso é uma coisa que não acontece todos os dias. Quando foi mesmo a última vez em que nos encontramos, Três? – olhou para a jovem de cabelos pink, que encarava sorridente uma Duda boquiaberta. A moça mostrou as duas mãos espalmadas para o velho. – Isso mesmo, dez anos! Há dez anos, o conselho dos Treze não se reunia! – reforçou.

Um rápido intervalo de tempo se seguiu, e todos ali trocaram olhares em silêncio. Duda olhou admirada para a mulher de cabelo colorido, cuja aparência jovem fazia jus à sua vestimenta: jaqueta de couro, calça jeans escura, coturno lustroso, pulseira larga com pequenos espinhos de metal e uma camiseta branca que estampava um Panda desbotado e fofinho. O seu sorriso era como o de um amigo antigo, e Duda sorriu de volta.

– Um, acho que nossa sorte não foi apenas em chegar a tempo de evitar uma tragédia. Acredito que encontramos “aquilo”. – disse Três.

O homem denominado Um virou-se curioso, alternando o olhar de Onze para Duda. Com os braços por detrás das costas, circundou a adolescente, que se sentiu exposta como quando foi com sua mãe na costureira fazer os ajustes em seu vestido de dama de honra, lembrança essa que não era muito agradável.

– Incrível – disse o Um. – Ela me faz lembrar você, Três, quando te descobrimos naquele orfanato. Tão jovem tão poderosa e surpreendentemente tão cheia de coragem! Excelente!

– É realmente incrível, Um. Resolver dois problemas de uma vez só é muita sorte – disse um homem baixo e bigodudo, vestido com uma roupa antiga e amassada.

– Concordo com vocês, Um e Seis. E sim, ela é realmente parecida com a Três – Dois sorriu ao comentar. Um ser alto, muito magro e com roupas de tons frios.

– Que bom que é parecida com a Três, não quero nenhuma outra Guardiã parecida comigo – desdenhou. – Por outro lado, aumentar o número de mulheres no conselho é sempre bom – piscou para uma Duda confusa. Dez, era uma mulher forte, baixa, rosto redondo e cheia de adereços, suas roupas eram estampadas e coloridas.

– Dez, você é sempre muito competitiva. Controle-se, assim você vai assustar a garota. – retrucou Três.

Thomas olhava incrédulo para aquelas pessoas estranhas, que chamavam umas as outras por números em vez de nomes e falavam sobre Duda como se fosse uma deles.

Rachel gemeu em seus braços, fazendo o rapaz voltar sua atenção para a namorada. A professora estava numa espécie de sono profundo, mas a dor não a abandonara. Seus olhos fechados se moviam velozes por debaixo das pálpebras, e alguns espasmos atingiam seu corpo, mas em geral ela estava bem e viva. Thomas a abraçou forte, e sussurrou em seu ouvido: “você ficará bem, isso tudo vai acabar e sairemos sãos e salvos dessa loucura toda”.

Duda estava encabulada, nunca antes fora alvo de tamanha atenção, não sem saber o porquê. Olhava para as figuras que a encarava e comentavam sobre ela. Desejou que aquilo parasse, queria continuar ajudando o Sr. T, mas se sentia travada com toda aquela bajulação; precisava arrumar uma forma de tirar de si a atenção das figuras.

Nesse momento, viu Santodeus, a passos silenciosos, se direcionar como uma cobra à saída da quadra, serpenteando assustado em busca de uma rota de fuga. Era visível que ele chegou à conclusão de que o melhor a fazer era ir embora. Por que mesmo adquirindo um grande poder, não seria capaz de derrotar o conselho sozinho. Praguejava contra o gato estirado no chão, arrependido por não ter o matado quando teve a chance.

– Parado aí, seu macaco imundo! – esbravejou Duda. Santodeus ganiu em resposta e acelerou o passo. Mas, no instante seguinte, parou ainda com o pé no ar. Estava completamente paralisado, exceto pelos olhos, que ardiam em fúria e mexiam-se freneticamente de um lado a outro.

– Não se preocupe, pequena, estamos no controle – disse Oito, um homem corpulento e de olhos muito negros sorriu para Duda.

– O que você fez?

– Eu o petrifiquei.

– Mas como? Quer dizer que o senhor sozinho é mais poderoso que ele?

– Não, ele realmente está bem forte. O que acontece é que, quando o conselho se reúne, nosso poder também se unifica, então qualquer um de nós pode utilizar a totalidade de nossas forças, como fez Um, agora a pouco.

– Incrível! Mas, calma – hesitou. – Isso não significa que ele também tenha posse dessa força?

– Bem observado, mas a resposta é não. Ele foi o único que não respondeu a convocação e, quando chegamos aqui, ficou evidente o que estava acontecendo. Automaticamente, ele foi bloqueado.

– Excelente, Oito. Eu não poderia ter explicado de forma melhor. Vamos finalizar esse assunto – disse Um, decidido.

O conselho fez um círculo em volta do vilão, uniram suas mãos e fecharam os olhos. Duda, curiosa, se aproximou, enquanto Thomas permaneceu distante, com Rachel em seus braços, e Dexter continuou imóvel, próximo à arquibancada. Uma leve luz começou a emanar dos pés do grupo e, aos poucos, ganhou intensidade, transformando-se em um grande círculo cujo centro era preenchido por estrela de cinco pontas com uma lua. Os olhos do Onze, o Santodeus, pranteavam, mexendo-se em desespero e percorrendo cada membro como em súplica.

Uma canção bem baixinha começou a ser entoada pelos guardiões, algo leve e lindo de se ouvir. Duda se arrepiou, e o volume da música aumentou gradativamente – a certo ponto, já estava tão alta que era possível senti-la no reverberar pelo corpo. Santodeus, no entanto, não apreciava a melodia, e, por mais que ninguém estivesse o tocando, parecia sofrer.

Uma leve fumaça escura começou a consumir seus pés, em seguida seus joelhos e rapidamente chegou à sua cintura. Como quem tenta desesperadamente romper amarras, a criatura conseguiu se livrar da paralização no momento em que as chamas já estavam em seu pescoço. Solto um grito gutural, que ecoou por toda a escola e até mesmo pelo lado de fora dos seus muros. Duda e Thomas taparam os ouvidos e Rachel se mexeu intensamente, mas não acordou. As últimas labaredas lambeiram o que seria o topo da cabeça de Santodeus e, em seguida, se apagaram.

O círculo dos guardiões se desfez. Sorridentes, eles se aproximaram de Thomas e Duda.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Thomas, com a voz falha, como se tivesse engasgando. – Vocês o mataram?

– Matar? Não, isso não é possível, os guardiões não podem ser mortos. Podem ser destruídos, como o que aconteceu com aquele ao qual você está substituindo, Thomas. Todos somos entidades energéticas e não há como matar energia, mas sim transformá-la. Ninguém melhor do que você pra saber disso, professor.

Thomas sorriu.

– Então, vocês o transformaram em que? – questionou Duda.

– Em nada; não dessa forma simplista que você está imaginando, querida. O Onze foi mandado a outro plano e está totalmente isento de suas forças. Por ora, podemos dizer que estamos seguros – disse Três.

– Por ora?

– Sim, Duda. Nada, nem na vida nem na morte, é para sempre.

– Você tá querendo me dizer que ele pode voltar?

– Estou dizendo que nada é impossível de acontecer – Três sorriu e, com isso, o tom rosa em seu cabelo pareceu mais intenso.

Um tocou Rachel na testa, acariciou seu cabelo e deu um tapinha no ombro de Thomas.

– Não se preocupe, ela vai ficar bem... Aliás, com isso, você estará cumprindo sua promessa.

– Como você sabe que eu prometi segurança a ela?

– Sei de muitas coisas. Não é por acaso que sou o membro mais antigo desse conselho. Fui incumbido pessoalmente por ele – apontou para o céu – de manter esse grupo e cuidar para que o equilíbrio desse e do outro mundo permaneçam numa equação de igualdade.

Duda, que acompanhava tudo o que o velho dizia a Thomas, não conseguiu ouvir a última parte da conversa. Três tocou-lhe o ombro, chamando sua atenção.

– Querida, já gosto de você antes mesmo de te conhecer. E, a essa altura, você já deve saber que não é uma garota normal, certo?

– Certo – Duda concordou, sem jeito.

– Pois então, você é como nós: uma guardiã.

– Foi o que pensei quando vocês começaram a falar de mim como se eu fosse uma máquina de lavar de última geração.

– Não se preocupe, as coisas acontecerão aos poucos. Você não estará mais sozinha e cheia de dúvidas, pois agora nós te encontramos e você nos tem ao seu lado.

– Já confio em você, Três, mesmo sem saber se racionalmente isso é certo – Duda a abraçou e, em seguida, apontou para o gato. – E quanto a ele?

– O Dexter? Bem, ele continuará sendo o Dexter, o bom e velho gato do Thomas, mas precisa de tempo pra se recuperar do que aconteceu. Por outro lado, ele não deixou de existir e, quando precisarem dele, certamente os ajudará.

– Fico mais aliviada com isso. Ele se sacrificou muito por nós.

– E todo sacrifício vale o dobro da recompensa, minha cara – disse o Um ao aproximar das duas. Depositou uma mão no ombro da mulher e a outra no de Duda. – Receio que está na hora, Três. Vamos?

– Sim, vamos.

Um por um, os membros do conselho foram se despedindo e acenando para Thomas e Duda. Em seguida, sumiram, deixando apenas um rastro colorido como uma estrela cadente. A quadra voltou ao normal, a névoa densa se dissipou por completo e Rachel finalmente despertou. Um passarinho cantava solitário em uma das várias venezianas que traziam luz natural ao local. Shane chegou correndo na quadra,

perguntando se estava tudo bem. Disse que a escola provavelmente fora atingida por um raio, o que derrubou a energia elétrica e deixou todos desorientados por alguns instantes. Thomas acreditou que talvez fosse essa a sensação que as demais pessoas tiveram com tudo o que aconteceu.

Dexter levantou com dificuldade. Trocou um olhar preocupado com o professor e, em seguida, saltou sobre a janela, espantando o cantante passarinho.

– Amor... – Rachel abriu os olhos fazendo um grande esforço, apertou o braço de Thomas puxando-o para mais perto.

– Calma, Rachel, não se desgaste. – O professor ao ver sua namorada acordar se emocionou, a sensação de ter conseguido garantir sua segurança o deixou aliviado.

– O que aconteceu?

– A escola foi atingida por um raio e todos nós sofremos as consequências.

– Um raio? Mas, sinto-me como se um prédio inteiro tivesse caído sobre mim.

– Normal, querida. Sinto como se todas as minhas forças tivessem sido roubadas.

– sorriu.

Duda foi se aproximando devagar, não queria atrapalhar o professor, e timidamente tocou-lhe o ombro.

– Bem, professor...

– Duda?

– Preciso ir agora. Depois a gente se fala ok?

Thomas entendeu o que a garota estava querendo dizer e assentiu com a cabeça. No entanto, uma estranha sensação tomou seu coração. Sentiu como se fosse uma despedida.

Talvez realmente tivesse sido, pois se passou um bom tempo até se reencontrarem, no entanto, quando aconteceu, a garota já não era a mesma...

“Este é o sobrenatural, pessoas estão morrendo pessoas estão nascendo, algumas para a vida outras para a morte, e esse equilíbrio deve ser mantido, sempre”.